HISTORIAS SEM DATA

OBRAS DO AUTOR

MEMORIAS POSTHUMAS DE BRAZ CUBAS.	1 vol.
HISTORIAS SEM DATA.	1 „
PAPEIS AVULSOS.	1 „
HELENA.	1 „
YAYÁ GARCIA	1 „
A MÃO E A LUVA.	1 „
RESURREIÇÃO	1 „
PHALENAS, poesias.	1 „
AMERICANAS, poesias.	1 „
CHRYSALIDAS, poesias	1 „
CONTOS FLUMINENSES.	1 „
HISTORIAS DA MEIA NOITE.	1 „
TU SO', TU, PURO AMOR	1 „
OS DEUSES DE CASACA, comedia.	1 „
DESENCANTOS	1 „
THEATRO	1 „

MACHADO DE ASSIS

HISTORIAS SEM DATA

A EGREJA DO DIABO — O LAPSO — ULTIMO CAPITULO
CANTIGA DE ESPONSAES — UMA SENHORA
SINGULAR OCCURRENCIA — FULANO — CAPITULO DOS CHAPÉOS
GALERIA POSTHUMA
CONTO ALEXANDRINO — PRIMAS DE SAPUCAIA
ANECDOTA PECUNIARIA — A SEGUNDA VIDA — EX-CATHEDRA
MANUSCRIPTO DE UM SACRISTÃO
AS ACADEMIAS DE SIÃO
NOITE DE ALMIRANTE — A SENHORA DO GALVAO

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER. — LIVREIRO-EDITOR
71 — Rua do Ouvidor — 71

1884.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
51-7.520

Typ. lith. a vapor, encadernação e livraria LOMBAERTS & C.

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro
15669 D
1946

INDICE

	PAGS.
ADVERTENCIA	vij
A EGREJA DO DIABO	1
O LAPSO	17
ULTIMO CAPITULO	33
CANTIGA DE ESPONSAES	49
SINGULAR OCCURRENCIA	57
GALERIA POSTHUMA	71
CAPITULO DOS CHAPÉOS	87
CONTO ALEXANDRINO	113
PRIMAS DE SAPUCAIA!	131
UMA SENHORA	147
ANECDOTA PECUNIARIA	161
FULALO	181
A SEGUNDA VIDA	191
NOITE DE ALMIRANTE	205
MANUSCRIPTO DE UM SACRISTÃO	219
EX CATHEDRA	235
A SENHORA DO GALVAO	251
AS ACADEMIAS DE SIÃO	263

ERRATA

Escaparam alguns erros typographicos faceis de emendar; entre outros, estes: — *coser-lhe* por *coser* (pag. 43); *estar-lhe a contar* por *estar a contar-lhe* (pag. 182); *deram a força* por *lhe deram a força* (pag. 211); *evidente mais* por *evidentemente mais* (pag. 272), etc.

ADVERTENCIA

De todos os contos que aqui se acham ha dous que effectivamente não levam data expressa; os outros a tem, de maneira que este titulo *Historias sem data* parecerá a alguns inintelligivel, ou vago. Suppondo, porém, que o meu fim é definir estas paginas como tratando, em substancia, de cousas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o titulo está explicado. E é o peor que lhe póde acontecer, pois o melhor dos titulos é ainda aquelle que não precisa de explicação.

M. de A.

A EGREJA DO DIABO

CAPITULO I

DE UMA IDÉA MIRIFICA

Conta um velho manuscripto benedictino que o Diabo, em certo dia, teve a idéa de fundar uma egreja. Embora os seus lucros fossem continuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde seculos, sem organisação, sem regras, sem canones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obsequios humanos. Nada fixo, nada regular. Porque não teria elle a sua egreja? Uma egreja do Diabo era o meio efficaz de combater as outras religiões, e destruil-as de uma vez.

— Vá, pois, uma egreja, concluiu elle. Escriptura contra Escriptura, breviario contra breviario. Terei

a minha missa, com vinho e pão á farta, as minhas predicas, bullas, novenas e todo o demais apparelho ecclesiastico. O meu credo será o nucleo universal dos espiritos, a minha egreja uma tenda de Abrahão. E depois, emquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha egreja será unica; não acharei diante de mim, nem Mahomet, nem Luthero. Ha muitos modos de affirmar; ha só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnifico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para communicar-lhe a idéa, e desafial-o; levantou os olhos, accesos de odio, asperos de vingança, e disse comsigo: — Vamos, é tempo. E rapido, batendo as azas, com tal estrondo que abalou todas as provincias do abysmo, arrancou da sombra para o infinito azul.

CAPITULO II

ENTRE DEUS E O DIABO

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os seraphins que engrinaldavam o recem

chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar á entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do seculo e dos seculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é facil; mas permitti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor logar, mandai que as mais afinadas citharas e alaúdes o recebam com os mais divinos córos. . .

— Sabes o que elle fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não,mas provavelmente é dos ultimos que virão ter comvosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vasia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma egreja. Estou cançado da minha desorganisação, do meu reinado casual e adventicio. E' tempo de obter a victoria final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não accuseis de dissimulação... Boa idéa, não vos parece?

— Vieste dizel-a, não legitimal-a, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor proprio gosta de ouvir o applauso dos mestres. Verdade é que n'este caso seria o applauso de um mestre vencido, e uma tal exigencia. . . Senhor, desço a terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha annunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cançado ha tanto da tua desorganisação, só agora pensaste em fundar uma egreja?

O Diabo sorriu com certo ar de escarneo e triumpho. Tinha alguma idéa cruel no espirito, algum reparo picante no alforge da memoria, qualquer cousa que, n'esse breve instante da eternidade, o fazia crer superior ao proprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora conclui uma observação, começada desde alguns seculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande numero comparaveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxal-as por essa franja, e trazel-as todas para minha egreja; atraz d'ellas virão as de seda pura. . .

— Velho rhetorico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupillas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do peccado. Vêde o ardor, — a indifferença, ao menos, — com que esse cavalheiro põe em lettras publicas os beneficios que liberalmente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaesquer d'essas materias necessarias á vida. . . Mas não quero parecer que me detenho em cousas miudas; não fallo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma commenda. . . Vou a negocios mais altos. . .

N'isto os seraphins agitaram as azas pesadas de fastio e somno. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de supplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o peior que póde acontecer a um espirito da tua especie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. E' assumpto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assumpto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os

signaes vivos do tedio que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes tu o que elle fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufragio, ia salvar-se n'uma taboa; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a taboa de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum publico: a agua e o céu por cima. Onde achas ahi a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espirito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misanthropia póde tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misanthrope, é realmente aborrecel-os. . .

— Rhetorico e subtil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua egreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens. . . Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impuzera-lhe silencio; os seraphins, a um signal divino, encheram o céu com as harmonias de seus canticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as azas, e, como um raio, caiu na terra.

CAPITULO III

A BOA NOVA AOS HOMENS

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula benedictina, como habito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinaria, com uma voz que reboava nas entranhas do seculo. Elle promettia aos seus discipulos e fieis as delicias da terra, todas as glorias, os deleites mais intimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para rectificar a noção que os homens tinham d'elle e desmentir as historias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia elle; não o Diabo das noites sulphureas, dos contos somniferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e unico, o proprio genio da natureza, a que se deu aquelle nome para arredal-o do coração dos homens. Vêde-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai d'aquelle nome, inventado para meu desdouro, fazei d'elle um trophéu e um labaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. . .

Era assim que fallava, a principio, para excitar o enthusiasmo, espertar os indifferentes, congregar, em summa, as multidões ao pé de si. E ellas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na bocca de um espirito de negação. Isso quanto á substancia, porque, ácerca da fórma, era umas vezes subtil, outras cynica e deslavada.

Clamava elle que as virtudes aceitas deviam ser substituidas por outras, que eram as naturaes e legitimas. A soberba, a luxuria, a preguiça foram rehabilitadas, e assim tambem a avareza, que declarou não ser mais do que a mãi da economia, com a differença que a mãi era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defeza na existencia de Homero; sem o furor de Achilles, não haveria a *Illiada*: « Musa, canta a colera de Achilles, filho de Peleu. . . » O mesmo disse da gula, que produziu as melhores paginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hyssope*; virtude tão superior, que ninguem se lembra das batalhas de Lucullo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez immortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de ordem litteraria ou historica, para só mostrar o valor intrinseco d'aquella virtude, quem negaria que era muito

melhor sentir na bocca e no ventre os bons manjares, em grande copia, do que os máus boccados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo promettia substituir a vinha do Senhor, expressão metaphorica, pela vinha do Diabo, locução directa e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fructo das mais bellas cepas do mundo. Quanto á inveja, prégou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a supprir todas as outras, e ao proprio talento.

As turbas corriam atraz d'elle enthusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquencia, toda a nova ordem de cousas, trocando a noção d'ellas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que elle dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluia: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, elle não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros dextros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuista do tempo chegou a confessar que era um monumento de logica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercicio de um direito

superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéo, cousas que são tuas por uma razão juridica e legal, mas que, em todo caso, estão fóra de ti, como é que não pódes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, cousas que são mais do que tuas, porque são a tua propria consciencia, isto é, tu mesmo? Negal-o é cair no absurdo e no contraditorio. Pois não ha mulheres que vendem os cabellos? não póde um homem vender uma parte do seu sangue para transfundil-o a outro homem anemico? e o sangue e os cabellos, partes physicas, terão um privilegio que se nega ao caracter, á porção moral do homem? Demonstrando assim o principio, o Diabo não se demorou em expôr as vantagens de ordem temporal ou pecuniaria; depois, mostrou ainda que, á vista do preconceito social, conviria dissimular o exercicio de um direito tão legitimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hypocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, rectificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injurias e outras maximas de brandura e cordialidade. Não prohibiu formalmente a calumnia gratuita, mas induziu a exercel-a mediante retribuição, ou pecu-

niaria, ou de outra especie; nos casos, porém, em que ella fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, prohibia receber nenhum salario, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as fórmas de respeito foram condemnadas por elle, como elementos possiveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a unica excepção do interesse. Mas essa mesma excepção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento applicado e não aquelle.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com effeito, o amor do proximo era um obstaculo grave á nova instituição. Elle mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolvaveis; não se devia dar ao proximo se não indifferença; em alguns casos, odio ou despreso. Chegou mesmo á demonstração de que a noção de proximo era errada, e citava esta phrase de um padre de Napoles, aquelle fino e lettrado Galliani, que escrevia a uma das marquezas de antigo regimen: « Leve a breca o proximo! Não ha proximo! » A unica hypothese em que elle permittia amar ao proximo era quando se tratasse de amar as damas

alheias, porque essa especie de amor tinha a particularidade de não ser outra cousa mais do que o amor do individuo a si mesmo. E como alguns discipulos achassem que uma tal explicação, por metaphysica, escapava á comprehensão das turbas, o Diabo recorreu a um apologo :—Cem pessoas tomam acções de um banco, para as operações communs ; mas cada accionista não cuida realmente se não nos seus dividendos: é o que acontece aos adulteros. Este apologo foi incluido no livro da sabedoria.

CAPITULO IV

FRANJAS E FRANJAS

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de velludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa ás ortigas e vinham alistar-se na egreja nova. Atraz foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A egreja fundára-se ; a doutrina propagava-se ; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma lingua que não a traduzisse, uma

raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triumpho.

Um dia, porém, longos annos depois notou o Diabo que muitos dos seus fieis, ás escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, ás occultas. Certos glotões recolhiam-se a comer frugalmente tres ou quatro vezes por anno, justamente em dias de preceito catholico; muitos avaros davam esmolas, á noite, ou nas ruas mal povoadas; varios dilapidadores do erario restituam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos fallavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Metteu-se a conhecer mais directamente e mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incomprehensiveis, como o de um droguista do Levante, que envenenára longamente uma geração inteira, e, com o producto das drogas soccorria os filhos das victimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camellos, que tapava a cara para ir ás mesquitas. O Diabo deu com elle á entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; elle negou, dizendo que ia alli roubar o camello de

um drogman; roubou-o, com effeito, á vista do Diabo e foi dal-o de presente a um muezzin, que rezou por elle a Allah. O manuscripto benedictino cita muitas outras descobertas extraordinarias, entre ellas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apostolos era um calabrez, varão de cincoenta annos, insigne falsificador de documentos, que possuia uma bella casa na campanha romana, telas, estatuas, bibliotheca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a metter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um conego, ia todas as semanas confessar-se com elle, n'uma capella solitaria; e, comquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas acções secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crêr tamanha aleivosia. Mas não havia duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de reflectir, comparar e concluir do expectaculo presente alguma cousa analoga ao passado. Voou de novo ao céu, tremulo de raiva, ancioso de conhecer a causa secreta de tão singular phenomeno. Deus ouviu-o com infinita complacencia; não o

interrompeu, não o reprehendeu, não triumphou, sequer, d'aquella agonia satanica. Poz os olhos n'elle, e disse-lhe :

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? é a eterna contradicção humana.

FIM DA EGREJA DO DIABO.

O LAPSO

> E vieram todos os officiaes... e o resto do povo, desde o pequeno até ao grande.
> E disseram ao propheta Jeremias: Seja aceita a nossa supplica na tua presença.
>
> JEREM. XLII, 1, 2.

Não me perguntem pela familia do Dr. Jeremias Halma, nem o que é que elle veiu fazer ao Rio de Janeiro, n'aquelle anno de 1768, governando o Conde de Azambuja, que a principio se disse o mandára buscar; esta versão durou pouco. Veiu, ficou e morreu com o seculo. Posso affirmar que era medico e hollandez. Viajára muito, sabia toda a chimica do tempo, e mais alguma; fallava correntemente cinco ou seis linguas vivas e duas mortas. Era tão universal e inventivo, que dotou a poesia malaia com um novo metro, e engendrou uma theoria da formação dos diamantes. Não conto os melhoramentos

therapeuticos, e outras muitas cousas, que o recommendam á nossa admiração. Tudo isso, sem ser casmurro, nem orgulhoso. Ao contrario, a vida e a pessoa d'elle eram como a casa que um patricio lhe arranjou na rua do Ouvidor, casa singelissima, onde elle morreu pelo natal de 1799. Sim, o Dr. Jeremias era simples, lhano, modesto, tão modesto que... Mas isto seria transtornar a ordem do conto. Vamos ao principio.

No fim da rua do Ouvidor, que ainda não era a via dolorosa dos maridos pobres, perto da antiga rua dos Latoeiros, morava por esse tempo um tal Thomé Gonçalves, homem abastado, e, segundo algumas inducções, vereador da camara. Vereador ou não, este Thomé Gonçalves não tinha só dinheiro, tinha tambem dividas, não poucas, nem todas recentes. O descuido podia explicar os seus atrazos, a velhacaria tambem; mas quem opinasse por uma ou outra dessas interpretações, mostraria que não sabe ler uma narração grave. Realmente, não valia a pena dar-se ninguem á tarefa de escrever algumas laudas de papel para dizer que houve, nos fins do seculo passado, um homem que, por velhacaria ou deleixo, deixava de pagar aos credores. A tradição affirma que este nosso concidadão era exacto em todas as

cousas, pontual nas obrigações mais vulgares, severo e até meticuloso. A verdade é que as ordens terceiras e irmandades que tinham a fortuna de o possuir (era irmão-remido de muitas, desde o tempo em que usava pagar), não lhe regateavam provas de affeição e apreço: e, se é certo que foi vereador, como tudo faz crer, póde-se jurar que o foi a contento da cidade.

Mas então...? Lá vou; nem é outra a materia do escripto, senão esse curioso phenomeno, cuja causa, se a conhecemos, foi porque a descobriu o Dr. Jeremias. Em uma tarde de procissão, Thomé Gonçalves, trajado com o habito de uma ordem terceira, ia segurando uma das varas do pallio, e caminhando com a placidez de um homem que não faz mal a ninguem. Nas janellas e ruas estavam muitos dos seus credores; dois, entretanto, na esquina do becco das Cancellas (a procissão descia a rua do Hospicio), depois de ajoelhados, resados, persignados e levantados, perguntaram um ao outro, se não era tempo de recorrer á justiça.

— Que é que me póde acontecer? dizia um d'elles. Se brigar commigo, melhor; não me levará mais nada de graça. Não brigando, não lhe posso negar o que me pedir, e na esperança de receber os atra-

sados, vou fiando... Não, senhor; não pode continuar assim.

— Pela minha parte, acudiu o outro, se ainda não fiz nada, é por causa da minha dona, que é medrosa, e entende que não devo brigar com pessoa tão importante... Mas eu como ou bebo da importancia dos outros? E as minhas cabelleiras?

Este era um cabelleireiro da rua da Valla defronte da Sé, que vendera ao Thomé Gonçalves dez cabelleiras, em cinco annos, sem lhe haver nunca um real. O outro era alfaiate, e ainda maior credor que o primeiro. A procissão passára inteiramente; elles ficaram na esquina, ajustando o plano de mandar os meirinhos ao Thomé Gonçalves. O cabelleireiro advertiu que outros muitos credores só esperavam um signal para cahir em cima do devedor remisso; e o alfaiate lembrou a conveniencia de metter na conjuração o Matta-sapateiro, que vivia desesperado. Só a elle devia o Thomé Gonçalves mais de oitenta mil réis. N'isso estavam, quando por traz d'elles ouviram uma voz, com sotaque estrangeiro, perguntando porque motivo conspiravam contra um homem doente. Voltaram-se, e, dando com o Dr. Jeremias, desbarretaram-se os dois credores, tomados de profunda veneração; em seguida disseram que tanto

não era doente o devedor, que lá ia andando na procissão, muito teso, pegando uma das varas do pallio.

— Que tem isso ? interrompeu o medico ; ninguem lhes diz que está doente dos braços,nem das pernas...

— Do coração ? do estomago ?

— Nem coração, nem estomago, respondeu o Dr. Jeremias. E continuou, com muita doçura, que se tratava de negocios altamente especulativos, que não podia dizer alli, na rua, nem sabia mesmo se elles chegariam a entendel-o. Se eu tiver de pentear uma cabelleira ou talhar um calção — accrescentou para os não affligir,—é provavel que não alcance as regras dos seus officios tão uteis, tão necessarios ao Estado... Eh ! eh ! eh !

Rindo assim, amigavelmente cortejou-os e foi andando. Os dois credores ficaram embascados. O cabelleireiro foi o primeiro que fallou, dizendo que a noticia do Dr. Jeremias não era tal que os devesse afrouxar no proposito de cobrar as dividas. Se até os mortos pagam, ou alguem por elles, reflexionou o cabelleireiro, não é muito exigir aos doentes igual obrigação. O alfaiate, invejoso da pilheria, fel-a sua cosendo-lhe este babado : — Pague e cure-se.

Não foi dessa opinião o Matta-sapateiro, que entendeu haver alguma razão secreta nas palavras

do doutor Jeremias, e propoz que primeiro se examinasse bem o que era, e depois se resolvesse o mais idoneo. Convidaram então outros credores a um conciliabulo, no domingo proximo, em casa de uma D. Anninha, para as bandas do Rocio, a pretexto de um baptizado. A precaução era discreta, para não fazer suppôr ao intendente da policia que se tratava de alguma tenebrosa machinação contra o Estado. Mal anoiteceu, começaram a entrar os credores, embuçados em capotes, e, como a illuminação publica só veiu a principiar com o vice-reinado do conde de Rezende, levava cada qual uma lanterna na mão, ao uso do tempo, dando assim ao conciliabulo um rasgo pintoresco e theatral. Eram trinta e tantos, perto de quarenta — e não eram todos.

A theoria de Ch. Lamb ácerca da divisão do genero humano em duas grandes raças, é posterior ao conciliabulo do Rocio; mas nenhum outro exemplo a demonstraria melhor. Com effeito, o ar abatido ou afflicto d'aquelles homens, o desespero de alguns, a preoccupação de todos, estavam de antemão provando que a theoria do fino ensaista é verdadeira, e que das duas grandes raças humanas, — a dos homens que emprestam, e a dos que pedem emprestado, — a primeira contrasta pela tristeza do gesto com as

maneiras rasgadas e francas da segunda, *the open, trusting, generous manners of the other*. Assim que, n'aquella mesma hora, o Thomé Gonçalves, tendo voltado da procissão, regalava alguns amigos com os vinhos e gallinhas que comprára fiado; ao passo que os credores estudavam ás escondidas, com um ar desenganado e amarello, algum meio de rehaver o dinheiro perdido.

Logo foi o debate; nenhuma opinião chegava a concertar os espiritos. Uns inclinavam-se á demanda, outros á espera, não poucos acceitavam o alvitre de consultar o Dr. Jeremias. Cinco ou seis partidarios d'este parecer não o defendiam senão com a intenção secreta e disfarçada de não fazer cousa nenhuma; eram os servos do medo e da esperança. O cabelleireiro oppunha-se-lhe, e perguntava que molestia haveria que impedisse um homem de pagar o que deve. Mas o Matta-sapateiro: — «Sr. compadre, nós não entendemos d'esses negocios; lembre-se que o doutor é estrangeiro, e que nas terras estrangeiras sabem cousas que nunca lembraram ao diabo. Em todo caso, só perdemos algum tempo e nada mais.» Venceu este parecer; deputaram o sapateiro, o alfaiate e o cabelleireiro para entenderem-se com o Dr. Jeremias, em nome de todos, e o conciliabulo

dissolveu-se na patuscada. Terpsychore bracejou e perneou diante d'elles as suas graças jocundas, e tanto bastou para que alguns esquecessem a ulcera secreta que os roia. *Eheu! fugaces*. . . Nem mesmo a dor é constante.

No dia seguinte o Dr. Jeremias recebeu os tres credores, entre sete e oito horas da manhã. « Entrem, entrem. . . » E com o seu largo carão hollandez, e o riso derramado pela bocca fóra, como um vinho generoso de pipa que se rompeu, o grande medico veiu em pessoa abrir-lhes a porta. Estudava n'esse momento uma cobra, morta de vespera, no morro de Santo Antonio; mas a humanidade, costumava elle dizer, é anterior a sciencia. Convidou os tres a sentarem-se nas tres unicas cadeiras devolutas; a quarta era a d'elle; as outras, umas cinco ou seis, estavam atulhadas de objectos de toda a casta.

Foi o Matta-sapateiro quem expoz a questão; era dos tres o que reunia maior cópia de talentos diplomaticos. Começou dizendo que o engenho do « Sr. doutor » ia salvar da miseria uma porção de familias, e não seria a primeira nem a ultima grande obra de um medico que, não desfazendo nos da terra, era o mais sabio de quantos cá havia desde o governo de Gomes Freire. Os credores de Thomé

Gonçalves não tinham outra esperança. Sabendo que o « Sr. doutor » attribuia os atrazos d'aquelle cidadão a uma doença, tinham assentado que primeiro se tentasse a cura, antes de qualquer recurso á justiça. A justiça ficaria para o caso de desespero. Era isto o que vinham dizer-lhe, em nome de dezenas de credores ; desejavam saber se era verdade que, além de outros achaques humanos, havia o de não pagar as dividas, se era mal incuravel, e, não o sendo, se as lagrimas de tantas familias. . .

— Ha uma doença especial,interrompeu o Dr. Jeremias, visivelmente commovido, um lapso da memoria ; o Thomé Gonçalves perdeu inteiramente a noção de pagar. Não é por descuido, nem de proposito que elle deixa de saldar as contas; é porque esta idéa de pagar, de entregar o preço de uma cousa, varreu-se-lhe da cabeça. Conheci isto ha dois mezes, estando em casa d'elle, quando alli foi o prior do Carmo, dizendo que ia « pagar-lhe a fineza de uma visita. » Thomé Gonçalves, apenas o prior se despediu, perguntou-me o que era *pagar ;* accrescentou que, alguns dias antes, um boticario lhe dissera a mesma palavra, sem nenhum outro esclarecimento, parecendo-lhe até que já a ouvira a outras pessoas ; por ouvil-a da bocca do prior, suppunha ser latim.

Comprehendi tudo; tinha estudado a molestia em varias partes do mundo, e comprehendi que elle estava atacado do lapso. Foi por isso que disse outro dia a estes dois senhores que não demandassem um homem doente.

— Mas então, aventurou o Matta, pallido, o nosso dinheiro está completamente perdido...

— A molestia não é incuravel, disse o medico.

— Ah!

— Não é; conheço e possuo a droga curativa, e já a empreguei em dous grandes casos: — um barbeiro, que perdera a noção do espaço, e, á noite estendia a mão para arrancar as estrellas do céu, e uma senhora da Catalunha, que perdera a noção do marido. O barbeiro arriscou muitas vezes a vida, querendo sahir pelas janellas mais altas das casas, como se estivesse ao rez do chão...

— Santo Deus! exclamaram os tres credores.

— E' o que lhes digo, continuou placidamente o medico. Quanto a dama catalã, a principio confundia o marido com um licenciado Mathias, alto e fino, quando o marido era grosso e baixo; depois com um capitão, D. Hermogenes, e, no tempo em que comecei a tratal-a com um clerigo. Em tres mezes ficou boa. Chamava-se D. Agostinha.

Realmente, era uma droga miraculosa. Os tres credores estavam radiantes de esperança ; tudo fazia crer que o Thomé Gonçalves padecia do lapso, e, uma vez que a droga existia, e o medico a tinha em casa. . . Ah ! mas aqui pegou o carro. O Dr. Jeremias não era familiar da casa do enfermo, embora entretivesse relações com elle ; não podia ir offerecer-lhe os seus prestimos. Thomé Gonçalves não tinha parentes que tomassem a responsabilidade de convidar o medico, nem os credores podiam tomal-a a si. Mudos, perplexos, consultaram-se com os olhos. Os do alfaiate, como os do cabelleiro, exprimiram este alvitre desesperado ; cotisarem-se os credores, e, mediante uma quantia grossa e appetitosa, convidarem o Dr. Jeremias á cura ; talvez o interesse. . . Mas o illustre Matta viu o perigo de um tal proposito, porque o doente podia não ficar bom, e a perda seria dobrada. Grande era a angustia ; tudo parecia perdido. O medico rolava entre os dedos a boceta de rapé, esperando que elles se fossem embora, não impaciente, mas risonho. Foi então que o Matta, como um capitão dos grandes dias, viu o ponto fraco do inimigo ; advertiu que as suas primeiras palavras tinham commovido o medico, e tornou ás lagrimas das familias, aos filhos sem pão, porque elles não

eram senão uns tristes officiaes de officio ou mercadores de pouca fazenda, ao passo que o Thomé Gonçalves era rico. Sapatos, calções, capotes, xaropes, cabelleiras, tudo o que lhes custava dinheiro, tempo e saude... Saude, sim, senhor; os callos de suas mãos mostravam bem que o officio era duro; e o alfaiate, seu amigo, que alli estava presente, e que entisicava, ás noites, á luz de uma candeia, zás-quedarás, puchando a agulha...

Magnanimo Jeremias! Não o deixou acabar; tinha os olhos humidos de lagrimas. O acanho de suas maneiras era compensado pelas expansões de um coração pio e humano. Pois, sim; ia tentar o curativo, ia pôr a sciencia ao serviço de uma causa justa. Demais, a vantagem era tambem e principalmente do proprio Thomé Gonçalves, cuja fama andava abocanhada, por um motivo em que elle tinha tanta culpa como o doudo que pratica uma iniquidade. Naturalmente, a alegria dos deputados traduziu-se em rapa-pés infindos e grandes louvores aos insignes merecimentos do medico. Este cortou-lhes modestamente o discurso, convidando-os a almoçar, obsequio que elles não aceitaram, mas agradeceram com palavras cordialissimas. E, na rua quando elle já os não podia ouvir, não se fartavam de elogiar-lhe a

sciencia, a bondade, a generosidade, a delicadeza, os modos tão simples! tão naturaes!

Desse esse dia começou Thomé Gonçalves a notar a assiduidade do medico, e, não desejando outra cousa, porque lhe queria muito, fez tudo o que lhe lembrou por atal-o de vez aos seus penates. O lapso do infeliz era completo; tanto a ideia de *pagar*, como as ideias co-relatas de *credor*, *divida*, *saldo*, e outras tinham-se-lhe apagado da memoria, constituindo-lhe assim um largo furo no espirito. Temo que se me argua de comparações extraordinarias, mas o abysmo de Pascal é o que mais promptamente vem ao bico da penna. Thomé Gonçalves tinha o abysmo de Pascal, não ao lado, mas dentro de si mesmo, e tão profundo que cabiam n'elle mais de sessenta credores que se debatiam lá embaixo com o ranger de dentes da Escriptura. Urgia extrahir todos esses infelizes e entulhar o buraco.

Jeremias fez crer ao doente que andava abatido, e, para retemperal-o, começou a applicar-lhe a droga. Não bastava a droga; era mister um tratamento subsidiario, porque a cura operava-se de dous modos: — o modo geral e abstracto, restauração da ideia de pagar, com todas as noções co-relatas — era a parte confiada á droga; e o modo particular e con-

creto, insinuação ou designação de uma certa divida e de um certo credor — era a parte do medico. Supponhamos que o credor escolhido era o sapateiro. O medico levava o doente ás lojas de sapatos, para assistir á compra e venda da mercadoria, e ver uma e muitas vezes a acção de pagar; fallava da fabricação e venda dos sapatos no resto do mundo, cotejava os preços do calçado n'aquelle anno de 1768 com o que tinha trinta ou quarenta annos antes; fazia com que o sapateiro fosse dez, vinte vezes á casa de Thomé Gonçalves levar a conta e pedir o dinheiro, e cem outros estratagemas. Assim com o alfaiate, o cabelleireiro, o segeiro, o boticario, um a um, levando mais tempo os primeiros, pela razão natural de estar a doença mais arraigada, e lucrando os ultimos com o trabalho anterior, d'onde lhes vinha a compensação da demora.

Tudo foi pago. Não se descreve a alegria dos credores, não se transcrevem as bençãos com que elles encheram o nome do Dr. Jeremias. Sim, senhor, é um grande homem, bradavam em toda a parte. Parece cousa de feitiçaria, aventuravam as mulheres. Quanto ao Thomé Gonçalves, pasmado de tantas dividas velhas, não se fartava de elogiar a longanimidade dos credores, censurando-os ao mesmo tempo pela accumulação.

— Agora, dizia-lhes, não quero contas de mais de oito dias.

— Nós é que lhe marcaremos o tempo, respondiam generosamente os credores.

Restava entretanto, um credor. Esse era o mais recente, o proprio Dr. Jeremias, pelos honorarios d'aquelle serviço relevantes. Mas, ai delle! a modestia atou-lhe a lingua. Tão expansivo era de coração, como acanhado de maneiras; e planeou tres, cinco investidas, sem chegar a executar nada. E aliás era facil; bastava insinuar-lhe a divida pelo methodo usado em relação á dos outros; mas seria bonito? perguntava a si mesmo; seria decente? etc., etc. E esperava, ia esperando. Para não parecer que se lhe mettia á cara, entrou a rarear as visitas; mas o Thomé Gonçalves ia ao casebre da rua do Piolho, e trazia-o a jantar, a ceiar, a fallar de cousas estrangeiras, em que era muito curioso. Nada de pagar. Jeremias chegou a imaginar que os credores... Mas os credores, ainda quando pudesse passar-lhes pela cabeça a ideia de ir lembrar a divida, não chegariam a fazel-o, porque a suppunham paga antes de todas. Era o que diziam uns aos outros, entre muitas formulas da sabedoria popular: — Matheus, primeiro os teus — A boa justiça começa por casa — Quem

é tolo pede a Deus que o mate, etc. Tudo falso; a verdade é que o Thomé Gonçalves, no dia em que fallecera, tinha um só credor no mundo: — o Dr. Jeremias.

Este, nos fins do seculo, chegára á canonisação. — « Adeus, grande homem! » dizia-lhe o Matta, ex-sapateiro, em 1798, de dentro da sege, que o levava á missa dos carmelitas. E o outro, curvo de velhice, melancolicamente, olhando para os bicos dos pés: — Grande homem, mas pobre diabo.

FIM DO LAPSO.

ULTIMO CAPITULO

Ha entre os suicidas um excellente costume, que é não deixar a vida sem dizer o motivo e as circumstancias que os armam contra ella. Os que se vão calados, raramente é por orgulho; na maior parte dos casos ou não têm tempo, ou não sabem escrever. Costume excellente: em primeiro logar, é um acto de cortezia, não sendo este mundo um baile, de onde um homem possa esgueirar-se antes do cotilhão; em segundo logar, a imprensa recolhe e divulga os bilhetes posthumos, e o morto vive ainda um dia ou dois, ás vezes uma semana mais.

Pois apezar da excellencia do costume, era meu proposito sahir calado. A razão é que, tendo sido caipora em minha vida toda, temia que qualquer palavra ultima pudesse levar-me alguma complicação á eternidade. Mas um incidente de ha pouco trocou-me o plano, e retiro-me deixando, não só um

escripto, mas dous. O primeiro é o meu testamento, que acabo de compor e fechar, e está aqui em cima da mesa, ao pé da pistola carregada. O segundo é este resumo de autobiographia. E note-se que não dou o segundo escripto senão porque é preciso esclarecer o primeiro, que pareceria absurdo ou inintelligivel, sem algum commentario. Disponho alli que, vendidos os meus poucos livros, roupa de uso e um casebre que possuo em Catumby, alugado a um carpinteiro, seja o producto empregado em sapatos e botas novas, que se distribuirão por um modo indicado, e confesso que extraordinario. Não explicada a razão de um tal legado, arrisco a validade do testamento. Ora, a razão do legado brotou do incidente de ha pouco, e o incidente liga-se á minha vida inteira.

Chamo-me Mathias Deodato de Castro e Mello, filho do sargento-mór Salvador Deodato de Castro e Mello e de D. Maria da Soledade Pereira, ambos fallecidos. Sou natural de Corumbá, Matto Grosso; nasci em 3 de março de 1820; tenho portanto, cincoenta e um annos, hoje, 3 de março de 1871.

Repito, sou um grande caipora, o mais caipora de todos os homens. Ha uma locução proverbial, que

eu litteralmente realisei. Era em Corumbá; tinha sete para oito annos, embalava-me na rede, á hora da sésta, em um quartinho de telha vã; a rede, ou por estar frouxa a argola, ou por impulso demasiado violento da minha parte, desprendeu-se de uma das paredes, e deu commigo no chão. Cahi de costas; mas, assim mesmo de costas, quebrei o nariz, porque um pedaço de telha, mal seguro, que só esperava occasião de vir abaixo, aproveitou a commoção e cahiu tambem. O ferimento não foi grave nem longo; tanto que meu pai caçoou muito commigo. O conego Brito, de tarde, ao ir tomar guaraná comnosco, soube do episodio e citou o rifão, dizendo que era eu o primeiro que cumpria exactamente este absurdo de cahir de costas e quebrar o nariz. Nem um nem outro imaginava que o caso era um simples inicio de cousas futuras.

Não me demoro em outros revezes da infancia e da juventude. Quero morrer ao meio-dia, e passa de onze horas. Além d'isso, mandei fóra o rapaz que me serve, e elle póde vir mais cedo, e interromper-me a execução do projecto mortal. Tivesse eu tempo, e contaria pelo miudo alguns episodios doloridos, entre elles, o de umas cacetadas que apanhei por engano.

Tratava-se do rival de um amigo meu, rival de amores e naturalmente rival derrubado. O meu amigo e a dama indignaram-se com as pancadas quando souberam da aleivosia do outro; mas applaudiram secretamente a illusão. Tambem não fallo de alguns achaques que padeci. Corro ao ponto em que meu pai, tendo sido pobre toda a vida, morreu pobrissimo, e minha mãi não lhe sobreviveu dois mezes. O conego Brito, que acabava de ser eleito deputado, propoz então trazer-me ao Rio de Janeiro, e veiu commigo, com a idéa de fazer-me padre; mas cinco dias depois de chegar morreu. Vão vendo a acção constante do caiporismo.

Fiquei só, sem amigos, nem recursos, com dezeseis annos de idade. Um conego da Capella Imperial lembrou-se de fazer-me entrar alli de sachristão; mas, posto que tivesse ajudado muita missa em Matto Grosso, e possuisse algumas lettras latinas, não fui admittido, por falta de vaga. Outras pessoas induziram-me então a estudar direito, e confesso que aceitei com resolução. Tive até alguns auxilios, a principio; faltando-me elles depois, lutei por mim mesmo; emfim alcancei a carta de bacharel. Não me digam que isto foi uma excepção na minha vida caipora, porque

o diploma academico levou-me justamente a cousas mui graves; mas, como o destino tinha de flagellar-me, qualquer que fosse a minha profissão, não attribuo nenhum influxo especial ao grau juridico. Obtive-o com muito prazer, isso é verdade; a idade moça, e uma certa superstição de melhora, faziam-me do pergaminho uma chave de diamante que iria abrir todas as portas da fortuna.

E, para principiar, a carta de bacharel não me encheu sósinha as algibeiras. Não, senhor; tinha ao lado d'ella umas outras, dez ou quinze, fructo de um namoro travado no Rio de Janeiro, pela semana santa de 1842, com uma viuva mais velha do que eu sete ou oito annos, mas ardente, lepida e abastada. Morava com um irmão cégo, na rua do Conde; não posso dar outras indicações. Nenhum dos meus amigos ignorava este namoro; dous d'elles até liam as cartas, que eu lhes mostrava, com o pretexto de admirar o estylo elegante da viuva, mas realmente para que vissem as finas cousas que ella me dizia. Na opinião de todos, o nosso casamento era certo, mais que certo; a viuva não esperava senão que eu concluisse os estudos. Um d'esses amigos, quando eu voltei graduado, deu-me os parabens,

accentuando a sua convicção com esta phrase definitiva:

— O teu casamento é um dogma.

E, rindo, perguntou-me se por conta do dogma, poderia arranjar-lhe cincoenta mil réis; era para uma urgente precisão. Não tinha commigo os cincoenta mil réis; mas o *dogma* repercutia ainda tão docemente no meu coração, que não descancei em todo esse dia, até arranjar-lh'os; fui leval-os eu mesmo, enthusiasmado; elle recebeu-os cheio de gratidão. Seis mezes depois foi elle quem casou com a viuva.

Não digo tudo o que então padeci; digo só que o meu primeiro impulso foi dar um tiro em ambos; e, mentalmente, cheguei a fazel-o; cheguei a vel-os, moribundos, arquejantes, pedirem-me perdão. Vingança hypothetica; na realidade, não fiz nada. Elles casaram-se, e foram ver do alto da Tijuca a ascenção da lua de mel. Eu fiquei relendo as cartas da viuva. « Deus, que me ouve (dizia uma d'ellas), sabe que o meu amor é eterno, e que eu sou tua, eternamente tua. . .» E, no meu atordoamento, blasphemava commigo: — Deus é um grande invejoso; não quer outra eternidade ao pé d'elle, e por isso desmentiu a viuva: — nem outro dogma além do catholico, e por isso

desmentiu o meu amigo. Era assim que eu explicava a perda da namorada e dos cincoenta mil réis.

Deixei a capital, e fui advogar na roça, mas por pouco tempo. O caiporismo foi commigo, na garupa do burro, e onde eu me apeei, apeou-se elle tambem. Vi-lhe o dedo em tudo, nas demandas que não vinham, nas que vinham e valiam pouco ou nada, e nas que, valendo alguma cousa, eram invariavelmente perdidas. Além de que os constituintes vencedores são em geral mais gratos que os outros, a successão de derrotas foi arredando de mim os demandistas. No fim de algum tempo, anno e meio, voltei á côrte, e estabeleci-me com um antigo companheiro de anno: o Gonçalves.

Este Gonçalves era o espirito menos juridico, menos apto para entestar com as questões de direito. Verdadeiramente era um pulha. Comparemos a vida mental a uma casa elegante; o Gonçalves não aturava dez minutos a conversa do salão, esgueirava-se, descia á copa e ia palestrar com os creados. Mas compensava essa qualidade inferior com certa lucidez, com a presteza de comprehensão, nos assumptos menos arduos ou menos complexos, com a facilidade de expôr, e, o que não era pouco para um pobre diabo

batido da fortuna, com uma alegria quasi sem intermittencias. Nos primeiros tempos, como as demandas não vinham, matavamos as horas com excellente palestra, animada e viva, em que a melhor parte era d'elle, ou fallassemos de politica, ou de mulheres, assumpto que lhe era muito particular.

Mas as demandas vieram vindo; entre ellas uma questão de hypotheca. Tratava-se da casa de um empregado da alfandega, Themistocles de Sá Botelho, que não tinha outros bens, e queria salvar a propriedade. Tomei conta do negocio. O Themistocles ficou encantado commigo: e, duas semanas depois, como eu lhe dissesse que não era casado, declarou-me rindo que não queria nada com solteirões. Disse-me outras cousas e convidou-me a jantar no domingo proximo. Fui; namorei-me da filha d'elle, D. Rufina, moça de dezenove annos, bem bonita, embora um pouco acanhada e meia morta. Talvez seja a educação, pensei eu. Casámo-nos poucos mezes depois. Não convidei o caiporismo, é claro; mas na egreja, entre as barbas rapadas e as suiças lustrosas, pareceu-me ver o carão sardonico e o olhar obliquo do meu cruel adversario. Foi por isso que, no acto mesmo de proferir a formula sagrada e definitiva do casamento,

estremeci, hesitei, e, emfim, balbuciei a medo o que o padre me dictava. . .

Estava casado. Rufina não dispunha, é verdade, de certas qualidades brilhantes e elegantes; não seria, por exemplo, e desde logo, uma dona de salão. Tinha, porém, as qualidades caseiras, e eu não queria outras. A vida obscura bastava-me; e, com tanto que ella m'a enchesse, tudo iria bem. Mas esse era justamente o agro da empreza. Rufina (permittam-me esta figuração chromatica) não tinha a alma negra de lady Macheth, nem a vermelha de Cleopatra, nem a azul de Julieta, nem a alva de Beatriz, mas cinzenta e apagada como a multidão dos seres humanos. Era boa por apathia, fiel sem virtude, amiga sem ternura nem eleição. Um anjo a levaria ao céu, um diabo ao inferno, sem esforço em ambos os casos, e sem que, no primeiro lhe coubesse a ella nenhuma gloria, nem o menor desdouro no segundo. Era a passividade do somnambulo. Não tinha vaidades. O pai armou-me o casamento para ter um genro doutor; ella, não; aceitou-me como aceitaria um sachristão, um magistrado, um general, um empregado publico, um alferes e não por impaciencia de casar, mas por obediencia á familia, e, até certo ponto, para fazer como as ou-

tras. Usavam-se maridos; ella queria usar tambem o seu. Nada mais antipathico á minha propria natureza; mas estava casado.

Felizmente — ah! um felizmente n'este ultimo capitulo de um caipora, é, na verdade, uma anomalia; mas vão lendo, e verão que o adverbio pertence ao estylo, não á vida; é um modo de transição e nada mais. O que vou dizer não altera o que está dito. Vou dizer que as qualidades domesticas de Rufina davam-lhe muito merito. Era modesta; não amava bailes, nem passeios, nem janellas. Vivia comsigo. Não mourejava em casa, nem era preciso; para dar-lhe tudo, trabalhava eu, e os vestidos e chapéus, tudo vinha « das francezas », como então se dizia, em vez de modistas. Rufina, no intervallo das ordens que dava, sentava-se horas e horas, bocejando o espirito, matando o tempo, uma hydra de cem cabeças, que não morria nunca; mas, repito, com todas essas lacunas, era boa dona de casa. Pela minha parte, estava no papel das rãs que queriam um rei; a differença é que, mandando-me Jupiter um cepo, não lhe pedi outro, por que viria a cobra e engolia-me. Viva o cepo! disse commigo. Nem conto estas cousas, senão para mostrar a logica e a constancia domeu destino.

Outro *felizmente;* e este não é só uma transição de phrase. No fim de anno e meio, abotoou no horisonte uma esperança, e, a calcular pela commoção que me deu a noticia, uma esperança suprema e unica. Era o desejado que chegava. Que desejado? um filho. A minha vida mudou logo. Tudo me sorria como um dia de noivado. Preparei-lhe um recebimento regio; comprei-lhe um rico berço, que me custou bastante; era de ebano e marfim, obra acabada; depois, pouco a pouco, fui comprando o enxoval; mandei-lhe coser-lhe as mais finas cambraias, as mais quentes flanellas, uma linda touca de renda, comprei-lhe um carrinho, e esperei, esperei, prompto a bailar diante d'elle, como David diante da arca... Ai, caipora! a arca entrou vasia em Jerusalem; o pequeno nasceu morto.

Quem me consolou no mallogro foi o Gonçalves, que devia ser padrinho do pequeno, e era amigo, comensal e confidente nosso. Tem paciencia, disse-me serei padrinho do que vier. E confortava-me, fallava-me de outras cousas, com ternura de amigo. O tempo fez o resto. O proprio Gonçalves advertiu-me depois que, se o pequeno tinha de ser caipora, como eu dizia que era, melhor foi que nascesse morto.

— E pensas que não? redargui.

Gonçalves sorriu; elle não acreditava no meu caiporismo. Verdade é que não tinha tempo de acreditarem nada; todo era pouco para ser alegre. Afinal, começára a converter-se á advocacia, já arrasoava autos, já minutava petições, já ia ás audiencias, tudo porque era preciso viver, dizia elle. E alegre sempre. Minha mulher achava-lhe muita graça, ria longamente dos ditos d'elle, e das anecdotas, que ás vezes eram picantes demais. Eu, a principio, reprehendia-o em particular, mas acostumei-me a ellas. E depois, quem é que não perdoa as facilidades de um amigo, e de um amigo jovial? Devo dizer que elle mesmo se foi refreando, e d'alli a algum tempo, comecei a achar-lhe muita seriedade. Estás namorado, disse-lhe um dia; e elle, empallidecendo, respondeu que sim, e accrescentou sorrindo, embora frouxamente, que era indispensavel casar tambem. Eu, á mesa, fallei do assumpto.

— Rufina, você sabe que o Gonçalves vai casar?

— E' caçoada d'elle, interrompeu vivamente o Gonçalves.

Dei ao diabo a minha indiscrição, e não fallei mais n'isso; nem elle. Cinco mezes depois... A transição

é rapida; mas não ha meio de a fazer longa. Cinco mezes depois, adoeceu Rufina, gravemente, e não resistiu oito dias; morreu de uma febre perniciosa.

Cousa singular: — em vida, a nossa divergencia moral trazia a frouxidão dos vinculos, que se sustinham principalmente da necessidade e do costume. A morte, com o seu grande poder espiritual, mudou tudo; Rufina appareceu-me como a esposa que desce do Libano, e a divergencia foi substituida pela total fusão dos seres. Peguei da imagem, que enchia a minha alma, e enchi com ella a vida, onde outr'ora occupára tão pouco espaço e por tão pouco tempo. Era um desafio á má estrella; era levantar o edificio da fortuna em pura rocha indestructivel. Comprehendam-me bem; tudo o que até então dependia do mundo exterior, era naturalmente precario: as telhas cahiam com o abalo das redes, as sobrepellizes recusavam-se aos sachristães, os juramentos das viuvas fugiam com os dogmas dos amigos, as demandas vinham tropegas ou iam-se de mergulho; emfim, as crianças nasciam mortas. Mas a imagem de uma defunta era immortal. Com ella podia desafiar o olhar obliquo do mau destino. A felicidade estava nas minhas mãos, presa, vibrando no ar as grandes azas de

condor, ao passo que o caiporismo, semelhante a uma coruja, batia as suas na direcção da noite e do silencio. . .

Um dia, porém, convalescendo de uma febre, deu-me na cabeça inventariar uns objectos da finada e comecei por uma caixinha, que não fora aberta, desde que ella morreu, cinco mezes antes. Achei uma multi lão de cousas minusculas, agulhas, linhas, entremeios, um dedal, uma tesoura, uma oração de S. Cypriano, um rol de roupa, outras quinquilharias, e um maço de cartas, atado por uma fita azul. Deslacei a fita e abri as cartas : eram do Gonçalves. . . Meio dia ! Urge acabar ; o moleque póde vir, e adeus. Ninguem imagina como o tempo corre nas circumstancias em que estou ; os minutos voam como se fossem imperios, e, o que é importante n'esta occasião, as folhas de papel vão com elles.

Não conto os bilhetes brancos, os negocios abortãdos, as relações interrompidas ; menos ainda outros acintes infimos da fortuna. Cansado e aborrecido, entendi que não podia achar a felicidade em parte nenhuma ; fui além : acreditei que ella não existia na terra, e preparei-me desde hontem para o grande mergulho na eternidade. Hoje, almocei, fumei um

charuto, e debrucei-me á janella. No fim de dez minutos, vi passar um homem bem trajado, fitando a miudo os pés. Conhecia-o de vista; era uma victima de grandes revezes, mais ia risonho, e contemplava os pés, digo mal, os sapatos. Estes eram novos, de verniz, muito bem talhados, e provavelmente cosidos a primor. Elle levantava os olhos para as janellas, para os pessoas, mas tornava-os aos sapatos, como por uma lei de attracção, anterior e superior á vontade. Ia alegre; via-se-lhe no rosto a expressão da bemaventurança. Evidentemente era feliz; e, talvez, não tivesse almoçado; talvez mesmo não levasse um vintem no bolso. Mas ia feliz, e contemplava as botas.

A felicidade será um par de botas? Esse homem, tão esbofeteado pela vida, achou finalmente um riso da fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preoccupação d'este seculo, nenhum problema social ou moral, nem as alegrias da geração que começa, nem as tristezas da que termina, miseria ou guerra de classes, crises da arte e da politica, nada vale, para elle, um par de botas. Elle fita-as, elle respira-as, elle reluz com ellas, elle calca com ellas o chão de um globo que lhe pertence. D'ahi o orgulho das attitudes, a

rigidez dos passos, e um certo ar de tranquillidade olympica... Sim, a felicidade é um par de botas.

Não é outra a explicação do meu testamento. Os superficiaes dirão que estou doudo, que o delirio do suicida define a clausula do testador; mas eu fallo para os sapientes e para os malfadados. Nem colhe a objecção de que era melhor gastar commigo as botas, que lego aos outros; não, porque seria unico. Distribuindo-as, faço um certo numero de venturosos. Eia, caiporas! que a minha ultima vontade seja cumprida. Boa noite, e calçai-vos!

FIM DO ULTIMO CAPITULO.

CANTIGA DE ESPONSAES

Imagine a leitora que está em 1813, na egreja do Carmo, ouvindo uma daquellas boas festas antigas, que eram todo o recreio publico e toda a arte musical. Sabem o que é uma missa cantada; podem imaginar o que seria uma missa cantada daquelles annos remotos. Não lhe chamo a attenção para os padres e os sacristães, nem para o sermão, nem para os olhos das moças cariocas, que já eram bonitos nesse tempo, nem para as mantilhas das senhoras graves, os calções, as cabelleiras, as sanefas, as luzes, os incensos, nada. Não fallo sequer da orchestra, que é excellente; limito-me a mostrar-lhes uma cabeça branca, a cabeça desse velho que rege a orchestra, com alma e devoção.

Chama-se Romão Pires; terá sessenta annos, não menos, nasceu no Vallongo, ou por esses lados. E' bom musico e bom homem; todos os musicos gostam delle. Mestre Romão é o nome familiar; e dizer

familiar e publico era a mesma cousa em tal materia e naquelle tempo. « Quem rege a missa é mestre Romão, » — equivalia a esta outra forma de annuncio, annos depois: « Entra em scena o actor João Caetano »; — ou então: « O actor Martinho cantará uma de suas melhores arias ». Era o tempero certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circumspecto, olhos no chão, riso triste, e passo demorado? Tudo isso desapparecia á frente da orchestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar accendia-se, o riso illuminava-se: era outro. Não que a missa fosse delle; esta, por exemplo, que elle rege agora no Carmo é de José Mauricio; mas elle rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua.

Acabou a festa; é como se acabasse um clarão intenso, e deixasse o rosto apenas allumiado da luz ordinaria. Eil-o que desce do côro, apoiado na bengala; vae á sacristia beijar a mão aos padres e aceita um logar á mesa do jantar. Tudo isso indifferente e calado. Jantou, saiu, caminhou para a rua da Mãi dos Homens, onde reside, com um preto velho, pae José, que é a sua verdadeira mãe, e que neste momento conversa com uma visinha.

— Mestre Romão lá vem, pae José, disse a visinha.

— Eh! eh! adeus, sinhá, até logo.

Pae José deu um salto, entrou em casa, e esperou o senhor, que d'ahi a pouco entrava com o mesmo ar do costume. A casa não era rica naturalmente; nem alegre. Não tinha o menor vestigio de mulher, velha ou moça, nem passarinhos que cantassem, nem flores, nem cores vivas ou jocundas. Casa sombria e nua. O mais alegre era um cravo, onde o mestre Romão tocava algumas vezes, estudando. Sobre uma cadeira, ao pé, alguns papeis de musica; nenhuma d'elle...

Ah! se mestre Romão podesse seria um grande compositor. Parece que ha duas sortes de vocação, as que tem lingua e as que a não tem. As primeiras realisam-se; as ultimas representam uma luta constante e esteril entre o impulso interior e a ausencia de um modo de communicação com os homens. Romão era d'estas. Tinha a vocação intima da musica; trazia dentro de si muitas operas e missas, um mundo de harmonias novas e originaes, que não alcançava exprimir e pôr no papel. Esta era a causa unica da tristeza de mestre Romão. Naturalmente o vulgo não atinava com ella; uns diziam isto, outros

aquillo: doença, falta de dinheiro, algum desgosto antigo; mas a verdade é esta: — a causa da melancholia de mestre Romão era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia. Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas; mas tudo lhe sahia informe, sem idéa nem harmonia. Nos ultimos tempos tinha até vergonha da visinhança, e não tentava mais nada.

E, entretanto, se pudesse, acabaria ao menos uma certa peça, um canto esponsalicio, começado tres dias depois de casado, em 1779. A mulher, que tinha então vinte e um annos, e morreu com vinte e tres, não era muito bonita, nem pouco, mas extremamente sympathica, e amava-o tanto como elle a ella. Tres dias depois de casado, mestre Romão sentiu em si alguma cousa parecida com inspiração. Ideou então o canto esponsalicio, e quiz compol-o; mas a inspiração não pode sahir. Como um passaro que acaba de ser preso, e forceja por transpor as paredes da gaiola, abaixo, acima, impaciente, aterrado, assim batia a inspiração do nosso musico, encerrada n'elle sem poder sair, sem achar uma porta, nada. Algumas notas chegaram a ligar-se; elle escreveu-as; obra de uma folha de papel, não mais. Teimou no dia seguinte, dez dias depois, vinte vezes durante o

tempo de casado. Quando a mulher morreu, elle releu essas primeiras notas conjugaes, e ficou ainda mais triste, por não ter podido fixar no papel a sensação da felicidade extincta.

— Pae José, disse elle ao entrar, sinto-me hoje adoentado.

— Sinhô comeu alguma cousa que fez mal...

— Não; já de manhã não estava bom. Vae á botica...

O boticario mandou alguma cousa, que elle tomou á noite; no dia seguinte mestre Romão não se sentia melhor. E' preciso dizer que elle padecia do coração: — molestia grave e chronica. Pae José ficou atterrado, quando viu que o incommodo não cedera ao remedio, nem ao repouso, e quiz chamar o medico.

— Para que? disse o mestre. Isto passa.

O dia não acabou peor; e a noite supportou-a elle bem, não assim o preto, que mal pôde dormir duas horas. A visinhança, apenas soube do incommodo, não quiz outro motivo de palestra; os que entretinham relações com o mestre foram visital-o. E diziam-lhe que não era nada, que eram macacoas do tempo; um accrescentava graciosamente que era manha, para fugir aos capotes que o boticario lhe dava no gamão,— outro que eram amores. Mestre

Romão sorria, mas comsigo mesmo dizia que era o final.

— Está acabado, pensava elle.

Um dia de manhã, cinco depois da festa, o medico achou-o realmente mal; e foi isso o que elle lhe viu na physionomia por traz das palavras enganadoras: — Isto não é nada; é preciso não pensar em musicas...

Em musicas! justamente esta palavra do medico deu ao mestre um pensamento. Logo que ficou só, com o escravo, abriu a gaveta onde guardava desde 1779 o canto esponsalicio começado. Releu essas notas arrancadas a custo, e não concluidas. E então teve uma idéa singular: — rematar a obra agora, fosse como fosse; qualquer cousa servia, uma vez que deixasse um pouco de alma na terra.

— Quem sabe? Em 1880, talvez se toque isto, e se conte que um mestre Romão...

O principio do canto rematava em um certo *lá*; este *lá*, que lhe cahia bem no logar, era a nota derradeiramente escripta. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal: era-lhe preciso ar. Pela janella viu na janella dos fundos de outra casa dous casadinhos de oito dias, debruçados, com os braços por cima dos

hombros, e duas mãos presas. Mestre Romão sorriu com tristeza.

— Aquelles chegam, disse elle, eu saio. Comporei ao menos este canto que elles poderão tocar. . .

Sentou-se ao cravo; reproduziu as notas e chegou ao *la*. . .

— *Lá, lá, lá*. . .

Nada, não passava adeante. E comtudo, elle sabia musica como gente.

— *Lá, dó*. . . *lá, mi*. . . *lá, si, dó, ré*. . . *ré*. . . *ré*. . .

Impossivel! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas emfim alguma cousa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado. Voltava ao principio, repetia as notas, buscava rehaver um retalho da sensação estincta, lembrava-se da mulher, dos primeiros tempos. Para completar a illusão, deitava os olhos pela janella para o lado dos casadinhos. Estes continuavam alli, com as mãos presas e os braços passados nos hombros um do outro; a differença é que se miravam agora, em vez de olhar para baixo. Mestre Romão, offegante da molestia e de impaciencia, tornava ao cravo; mas a vista do casal não lhe supprira a a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

— *Lá*. . . *lá*. . . *lá*. . .

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escripto e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar á toa, inconscientemente, uma cousa nunca antes cantada nem sabida, na qual cousa um certo *lá* trazia apoz si uma linda phrase musical, justamente a que mestre Romão procurára durante annos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e á noite expirou.

FIM DA CANTIGA DOS ESPONSAES.

SINGULAR OCCURRENCIA

— Ha occurencias bem singulares. Está vendo aquella dama que vai entrando na egreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola.

— De preto?

— Justamente; lá vai entrando; entrou.

— Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma sua recordação de outro tempo, e não ha de ser de muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz.

— Deve ter quarenta e seis annos.

— Ah! conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão, e conte-me tudo. Está viuva, naturalmente?

— Não.

— Bem; o marido ainda vive. E' velho?

— Não é casada.

— Solteira?

— Assim, assim. Deve chamar-se hoje D. Maria

de tal. Em 1860 florescia com o nome familiar de Marocas. Não era costureira, nem proprietaria, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e lá chegará. Morava na rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa. Na rua, com o vestido afogado, escorrido, sem espavento, arrastava a muitos, ainda assim.

— Por exemplo, ao senhor.

— Não, mas ao Andrade, um amigo meu, de vinte e seis annos, meio advogado, meio politico, nascido nas Alagoas, e casado na Bahia, d'onde viera em 1859. Era bonita a mulher d'elle, affectuosa, meiga e resignada; quando os conheci, tinham uma filhinha de dois annos.

— Apezar d'isso, a Marocas...?

— E' verdade, dominou-o. Olhe, se não tem préssa, conto-lhe uma cousa interessante.

— Diga.

— A primeira vez que elle a encontrou, foi á porta da loja Paula Brito, no Rocio. Estava alli viu a distancia uma mulher bonita, e esperou, já alvoraçado, porque elle tinha em alto gráu a paixão das mulheres. Marocas vinha andando, parando e olhando como quem procura alguma casa. Defronte da loja

deteve-se um instante; depois, envergonhada e a medo, estendeu um pedacinho de papel ao Andrade. e perguntou-lhe onde ficava o numero alli escripto, Andrade disse-lhe que do outro lado do Rocio, e ensinou-lhe a altura provavel da casa. Ella cortejou com muita graça; elle ficou sem saber o que pensasse da pergunta.

— Como eu estou.

— Nada mais simples: Marocas não sabia ler. Elle não chegou a suspeital-o. Viu-a atravessar o Rocio, que ainda não tinha estatua nem jardim, e ir á casa que buscava, ainda assim perguntando em outras. De noite foi ao Gymnasio; dava-se a *Dama das Camelias;* Marocas estava lá, e, no ultimo acto, chorou como uma criança. Não lhe digo nada; no fim de quinze dias amavam-se loucamente. Marocas despediu todos os seus namorados, e creio que não perdeu pouco; tinha alguns capitalistas bem bons. Ficou só, sosinha, vivendo para o Andrade, não querendo outra affeição, não cogitando de nenhum outro interesse.

— Como a dama das Camelias.

— Justo. Andrade ensinou-lhe a ler. Estou mestre-escola, disse-me elle um dia; e foi então que me contou a anecdota do Rocio. Marocas aprendeu de-

pressa. Comprehende-se; o vexame de não saber, o desejo de conhecer os romances em que elle lhe fallava, e finalmente o gosto de obedecer a um desejo d'elle, de lhe ser agradavel... Não me encobriu nada; contou-me tudo com um riso de gratidão nos olhos, que o senhor não imagina. Eu tinha a confiança de ambos. Jantavamos ás vezes os tres juntos; e... não sei por que negal-o, — algumas vezes os quatro. Não cuide que eram jantares de gente pandega; alegres, mas honestos. Marocas gostava da linguagem afogada, como os vestidos. Pouco a pouco estabeleceu-se intimidade entre nós; ella interrogava-me ácerca da vida do Andrade, da mulher, da filha, dos habitos d'elle, se gostava devéras d'ella, ou se era um capricho, se tivera outros, se era capaz de a esquecer, uma chuva de perguntas, e um receio de o perder, que mostravam a força e a sinceridade da affeição... Um dia, uma festa de S. João, o Andrade acompanhou a familia á Gavea, onde ia assistir a um jantar e um baile; dous dias de ausencia. Eu fui com elles. Marocas, ao despedir-se, recordou a comedia que ouvira algumas semanas antes no Gymnasio — *Junto com minha mãi* — e disse-me que, não tendo familia para passar a festa de S. João, ia fazer como a Sophia Arnoult da comedia, ia jantar com um re-

trato; mas não seria o da mãi, porque não tinha, e sim do Andrade. Este dito ia-lhe rendendo um beijo; o Andrade chegou a inclinar-se; ella, porém, vendo que eu estava alli, afastou-o delicadamente com a mão.

— Gosto d'esse gesto.

— Elle não gostou menos. Pegou-lhe na cabeça com ambos as mãos, e, paternalmente, pingou-lhe o beijo na testa. Seguimos para a Gávea. De caminho disse-me a respeito da Marocas as maiores finezas, contou-me as ultimas frioleiras de ambos, fallou-me do projecto que tinha de comprar-lhe uma casa em algum arrabalde, logo que pudesse dispôr de dinheiro; e, de passagem, elogiou a modestia da moça, que não queria receber d'elle mais do que o estrictamento necessario. Ha mais do que isso, disse-lhe eu; e contei-lhe uma cousa que sabia, isto é, que cerca de tres semanas antes, a Marocas empenhára algumas joias para pagar uma conta da costureira. Esta noticia abalou-o muito; não juro, mas creio que ficou com os olhos molhados. Em todo caso, depois de cogitar algum tempo, disse-me que definitivamente ia arranjar-lhe uma casa e pôl-a ao abrigo da miseria. Na Gávea ainda fallámos da Marocas, até que as festas acabaram, e nós voltámos. O Andrade deixou a familia

em casa, na Lapa, e foi ao escriptorio aviar alguns papeis urgentes. Pouco depois do meio-dia appareceu-lhe um tal Leandro ex-agente de certo advogado a pedir-lhe, como de costume, dois ou tres mil réis. Era um sugeito réles e vadio. Vivia a explorar os amigos do antigo patrão. Andrade deu-lhe tres mil réis, e, como o visse excepcionalmente risonho, perguntou-lhe se tinha visto passarinho verde. O Leandro piscou os olhos e lambeu os beiços: o Andrade, que dava o cavaco por anedoctas eroticas, perguntou-lhe se eram amores. Elle mastigou um pouco, e confessou que sim.

— Olhe; lá vem ella sahindo: não é ella?

— Ella mesma; afastemo-nos da esquina.

— Realmente, deve ter sido muito bonita. Tem um ar de duqueza.

— Não olhou para cá; não olha nunca para os lados. Vai subir pela rua do Ouvidor...

— Sim, senhor. Comprehendo o Andrade.

— Vamos ao caso. O Leandro confessou que tivera na vespera uma fortuna rara, ou antes unica, uma cousa que elle nunca esperara achar, nem merecia mesmo, porque se conhecia e não passava de um pobre diabo. Mas, emfim, os pobres tambem são filhos de Deus. Foi o caso que, na vespera, perto das

dez horas horas da noite, encontrára no Rocio uma dama vestida com simplicidade, vistosa de corpo, e muito embrulhada n'um chale grande. A dama vinha atraz d'elle, e mais depressa; ao passar rentesinha com elle, fitou-lhe muito os olhos, e foi andando de vagar, como quem espera. O pobre diabo imaginou que era engano de pessoa; confessou ao Andrade que, apezar da roupa simples, viu logo que não era cousa para os seus beiços. Foi andando; a mulher, parada, fitou-o outra vez, mas com tal instancia, que elle chegou a atrever-se um pouco; ella atreveu-se o resto... Ah! um anjo! E que casa, que sala rica! Cousa papafina. E depois o desinteresse... « Olhe, accrescentou elle, para V. S. é que era um bom arranjo. » Andrade abanou a cabeça; não lhe cheirava o comborço. Mas o Leandro teimou; era na rua do Sacramento, numero tantos...

— Não me diga isso!

— Imagine como não ficou o Andrade. Elle mesmo não soube o que fez nem o que disse durante os primeiros minutos, nem o que pensou nem o que sentiu. Afinal teve força para perguntar se era verdade o que estava contando; mas o outro advertiu que não tinha nenhuma necessidade de inventar semelhante cousa; vendo, porém, o alvoroço do Andrade, pediu-

lhe segredo, dizendo que elle, pela sua parte, era discreto. Parece que ia sahir; Andrade deteve-o, e propôz-lhe um negocio; propôz-lhe ganhar vinte mil réis. — « Prompto! » — « Dou-lhe vinte mil réis, se você for commigo á casa d'essa moça e disser em presença d'ella que é ella mesma. »

— Oh!

— Não defendo o Andrade; a cousa não era bonita; mas a paixão, n'esse caso, céga os melhores homens. Andrade era digno, generoso, sincero; mas o golpe fora tão profundo, e elle amava-a tanto, que não recuou diante de uma tal vingança.

— O outro aceitou?

— Hesitou um pouco, estou que por medo, não por dignidade; mas vinte mil réis... Poz uma condição: não mettel-o em barulhos... Marocas estava na sala, quando o Andrade entrou. Caminhou para a porta, na intenção de o abraçar; mas o Andrade advertiu-a, com o gesto, que trazia alguem. Depois, fitando-a muito, fez entrar o Leandro; Marocas empallideceu. — « E' esta senhora? » perguntou elle. — « Sim, senhor », murmurou o Leandro com voz sumida, porque ha acções ainda mais ignobeis do que o proprio homem que as commette. Andrade abriu a carteira com grande affectação, tirou uma

nota de vinte mil réis e deu-lh'a; e, com a mesma affectação, ordenou-lhe que se retirasse. O Leandro sahiu. A scena que se seguiu, foi breve, mas dramatica. Não a soube inteiramente, porque o proprio Andrade é que me contou tudo, e, naturalmente, estava tão atordoado, que muita cousa lhe escapou. Ella não confessou nada; mas estava fóra de si, e, quando elle, depois de lhe dizer as cousas mais duras do mundo, atirou-se para a porta, ella rojou-se-lhe aos pés, agarrou-lhe as mãos, lacrimosa, desesperada, ameaçando matar-se; e ficou atirada ao chão, no patamar da escada; elle desceu vertiginosamente e sahiu.

— Na verdade, um sugeito réles, apanhado na rua; provavelmente eram habitos d'ella?

— Não.

— Não?

— Ouça o resto. De noite seriam oito horas, o Andrade veiu á minha casa, e esperou por mim. Já me tinha procurado tres vezes. Fiquei estupefacto; mas como duvidar, se elle tivera a precaução de levar a prova até á evidencia? Não lhe conto o que ouvi, os planos de vingança, as exclamações, os nomes que lhe chamou, todo o estylo e todo o repertorio d'essas crises. Meu conselho foi que a deixasse; que, afinal,

vivesse para a mulher e a filha, a mulher tão boa, tão meiga. . . Elle concordava, mas tornava ao furor. Do furor passou á duvida; chegou a imaginar que a Marocas, com o fim de o experimentar, inventára o artificio e pagára ao Leandro para vir dizer-lhe aquillo; e a prova é que o Leandro, não querendo elle saber quem era, teimou e lhe disse a casa e o numero. E agarrado a esta inverosimelhança, tentava fugir á realidade; mas a realidade vinha — a pallidez de Marocas, a alegria sincera do Leandro, tudo o que lhe dizia que a aventura era certa. Creio até que elle arrependia-se de ter ido tão longe. Quanto a mim, cogitava na aventura, sem atinar com a explicação. Tão modesta! maneiras tão acanhadas!

— Ha uma phrase de theatro que pode explicar a aventura, uma phrase de Augier, creio eu: « a nostalgia da lama. »

— Acho que não; mas vá ouvindo. A's dez horas appareceu-nos em casa uma criada de Marocas, uma preta forra, muito amiga da ama. Andava afflicta em procura do Andrade, porque a Marocas, depois de chorar muito, trancada no quarto, sahiu de casa sem jantar, e não voltára mais. Contive o Andrade, cujo primeiro gesto foi para sahir logo. A preta pedia-nos por tudo, que fossemos descobrir a ama.

« Não é costume d'ella sahir? » perguntou o Andrade com sarcasmo. Mas a preta disse que não era costume. « Está ouvindo? » bradou elle para mim. Era a esperança que de novo empolgára o coração do pobre diabo. « E hontem?... » disse eu. A preta respondeu que na vespera sim; mas não lhe perguntei mais nada, tive compaixão do Andrade, cuja afflicção crescia, e cujo pundonor ia cedendo diante do perigo. Sahimos em busca da Marocas; fomos a todas as casas em que era possivel encontral-a; fomos á policia; mas a noite passou-se sem outro resultado. De manhã voltámos á policia. O chefe ou um dos delegados, não me lembra, era amigo do Andrade, que lhe contou da aventura a parte conveniente; aliás a ligação do Andrade e da Marocas era conhecida de todos os seus amigos. Pesquizou se tudo; nenhum desastre se déra durante a noite; as barcas da Praia Grande não viram cahir ao mar nenhum passageiro; as casas de armas não venderam nenhuma; as boticas nenhum veneno. A policia poz em campo todos os seus recursos, e nada. Não lhe digo o estado de afflicção em que o pobre Andrade viveu durante essas longas horas, porque todo o dia se passou em pesquizas inuteis. Não era só a dor de a perder; era tambem o remorso, a duvida, ao menos, da consciencia,

em presença de um possivel desastre, que parecia justificar a moça. Elle perguntava-me, a cada passo se não era natural fazer o que fez, no delirio da indignação, se eu não faria a mesma cousa. Mas depois tornava a affirmar a aventura, e provava-me que era verdadeira, com o mesmo ardor com que na vespera tentára provar que era falsa; o que elle queria era acommodar a realidade ao sentimento da occasião.

— Mas, emfim, descobriram a Marocas?

— Estavamos comendo alguma cousa, em um hotel, eram perto de oito horas, quando recebemos noticia de um vestigio: — um cocheiro que levára na vespera uma senhora para o Jardim Botanico, onde ella entrou em uma hospedaria, e ficou. Nem acabámos o jantar; fomos no mesmo carro ao Jardim Botanico. O dono da hospedaria confirmou a versão; accrescentando que a pessoa se recolhera a um quarto, não comera nada desde que chegou na vespera; apenas pediu uma chicara de café; parecia profundamente abatida. Encaminhámo-nos para o quarto; o dono da hospedaria bateu á porta; ella respondeu com voz fraca, e abriu. O Andrade nem me deu tempo de preparar nada; empurrou-me, e cahiram nos braços um do outro. Marocas chorou muito e perdeu os sentidos.

— Tudo se explicou?

— Cousa nenhuma. Nenhum d'elles tornou ao assumpto; livres de um naufragio, não quizeram saber nada da tempestade que os metteu a pique. A reconciliação fez-se depressa. O Andrade comprou-lhe, mezes depois, uma casinha em Catumby; a Marocas deu-lhe um filho, que morreu de dois annos. Quando elle seguiu para o norte, em commissão do governo, a affeição era ainda a mesma, posto que os primeiros ardores não tivessem já a mesma intensidade. Não obstante, ella quiz ir tambem; fui eu que a obriguei a ficar. O Andrade contava tornar ao fim de pouco tempo, mas, como lhe disse, morreu na provincia. A Marocas sentiu profundamente a morte, poz luto, e considerou-se viuva; sei que nos tres primeiros annos, ouvia sempre uma missa no dia anniversario. Ha dez annos perdi-a de vista. Que lhe parece tudo isto?

— Realmente, ha occurrencias bem singulares, se o senhor não abusou da minha ingenuidade de rapaz para imaginar um romance...

— Não inventei nada; é a realidade pura.

— Pois, senhor, é curioso. No meio de uma paixão tão ardente, tão sincera... Eu ainda estou na minha; acho que foi a nostalgia da lama.

— Não: nunca a Marocas desceu até os Leandros.

— Então por que desceria n'aquella noite?

— Era um homem que ella suppunha separado, por um abysmo, de todas as suas relações pessoaes; d'ahi a confiança. Mas o acaso, que é um deus e um diabo ao mesmo tempo... Emfim, cousas!

FIM DA SINGULAR OCCURRENCIA.

GALERIA POSTHUMA

I

Não, não se descreve a consternação que produziu em todo o Engenho Velho, e particularmente no coração dos amigos, a morte de Joaquim Fidelis. Nada mais inesperado. Era robusto, tinha saude de ferro, e ainda na vespera fôra a um baile, onde todos o viram conversado e alegre. Chegou a dansar, a pedido de uma senhora sexagenaria, viuva de um amigo d'elle, que lhe tomou do braço, e lhe disse:

— Venha cá, venha cá, vamos mostrar a estes criançolas como é que os velhos são capazes de desbancar tudo.

Joaquim Fidelis protestou sorrindo; mas obedeceu e dansou. Eram duas horas quando sahiu, embrulhando os seus sessenta annos n'uma capa grossa,— estavamos em junho de 1879 — mettendo a calva na

carapuça, accendendo um charuto, e entrando lepidamente no carro.

No carro é possivel que conchilasse ; mas, em casa, máu grado a hora e o grande peso das palpebras, ainda foi a secretária, abriu uma gaveta, tirou um de muitos folhetos manuscriptos, — e escreveu durante tres ou quatro minutos umas dez ou onze linhas. As ultimas palavras eram estas: « Em summa, baile chinfrim ; uma velha gaiteira obrigou-me a dansar uma quadrilha ; á porta um crioulo pediu-me as festas. Chinfrim ! » Guardou o folheto, despiu-se, metteu-se na cama, dormiu e morreu.

Sim, a noticia consternou a todo o bairro. Tão amado que elle era, com os modos bonitos que tinha, sabendo conversar com toda a gente, instruido com os instruidos, ignorante com os ignorantes, rapaz com os rapazes, e até moça com as moças. E depois, muito serviçal, prompto a escrever cartas, a fallar a amigos, a concertar brigas, a emprestar dinheiro. Em casa d'elle reuniam-se á noite alguns intimos da visinhança, e ás vezes de outros bairros; jogavam o voltarete ou o *whist*, fallavam de politica. Joaquim Fidelis tinha sido deputado até á dissolução da camara pelo marquez de Olinda, em 1863. Não conseguindo ser reeleito, abandonou a vida publica. Era

conservador, nome que a muito custo admittiu, por lhe parecer gallicismo politico. *Saquarema* é o que elle gostava de ser chamado. Mas abriu mão de tudo; parece até que nos ultimos tempos desligou-se do proprio partido, e afinal da mesma opinião. Ha razões para crêr que, de certa data em diante, foi um profundo sceptico, e nada mais.

Era rico e lettrado. Formára-se em direito no anno de 1842. Agora não fazia nada e lia muito. Não tinha mulheres em casa. Viuvo desde a primeira invasão da febre amarella, recusou contrahir segundas nupcias, com grande magoa de tres ou quatro damas, que nutriram essa esperança durante algum tempo. Uma d'ellas chegou a prorogar perfidamente os seus bellos cachos de 1845 até meiados do segundo neto; outra, mais moça e tambem viuva, pensou retel-o com algumas concessões, tão generosas quão irreparaveis. « Minha querida Leocadia, dizia elle nas occasiões em que ella insinuava a solução conjugal, por que não continuaremos assim mesmo? O mysterio é o encanto da vida. » Morava com um sobrinho, o Benjamim, filho de uma irmã, orphão desde tenra idade. Joaquim Fidelis deu-lhe educação e fel-o estudar, até obter diploma de bacharel em sciencias juridicas, no anno de 1877.

Benjamim ficou atordoado. Não podia acabar de crer na morte do tio. Correu ao quarto, achou o cadaver na cama, frio, olhos abertos, e um leve arregaço ironico ao canto esquerdo da boca. Chorou muito e muito. Não perdia um simples parente, mas um pai, um pai terno, dedicado, um coração unico. Benjamim enxugou, emfim, as lagrimas; e, porque lhe fizesse mal ver os olhos abertos do morto, e principalmente o labio arregaçado, concertou-lhe ambas as cousas. A morte recebeu assim a expressão tragica; mas a originalidade da mascara perdeu-se.

— Não me digam isto! bradava d'ahi a pouco um dos visinhos, Diogo Villares, ao receber noticia do caso.

Diogo Villares era um dos cinco principaes familiares de Joaquim Fidelis. Devia-lhe o emprego que exercia desde 1857. Veiu elle; vieram os outros quatro, logo depois, um a um, estupefactos, incredulos. Primeiro chegou o Elias Xavier, que alcançára por intermedio do finado, segundo se dizia, uma commenda; depois entrou o João Braz, deputado que foi, no regimen das supplencias, eleito com o influxo do Joaquim Fidelis. Vieram, emfim, o Fragoso e o Galdino, que lhe não deviam diplomas, commendas nem empregos, mas outros favores. Ao

Galdino adiantou elle alguns poucos capitaes, e ao Fragoso arranjou-lhe um bom casamento... E morto! morto para todo sempre! De redor da cama, fitavam o rosto sereno e recordavam a ultima festa, a do outro domingo, tão intima, tão expansiva! E, mais perto ainda, a noite da ante-vespera, em que o voltarete do costume foi até ás onze horas.

— Amanhã não venham, disse-lhes o Joaquim Fidelis; vou ao baile do Carvalhinho.

— E depois?...

— Depois de amanhã, cá estou.

E, á sahida, deu-lhes ainda um maço de excellentes charutos, segundo fazia ás vezes, com um accrescimo de doces seccos para os pequenos, e duas ou tres pilherias finas... Tudo esvaido! tudo disperso! tudo acabado!

Ao enterro acudiram muitas pessoas gradas, dous senadores, um ex-ministro, titulares, capitalistas, advogados, commerciantes, medicos; mas as argolas do caixão foram seguras pelos cinco familiares e o Benjamim. Nenhum d'elles quiz ceder a ninguem esse ultimo obsequio, considerando que era um dever cordial e intransferivel. O adeus do cemiterio foi proferido pelo João Braz, um adeus tocante, com algum excesso de estylo para um caso tão urgente,

mas, emfim, desculpavel. Deitada a pá de terra, cada um se foi arredando da cova, menos os seis, que assistiram ao trabalho posterior e indifferente dos coveiros. Não arredarem pé antes de vêr cheia a cova até acima, e depositadas sobre ellas as coroas funebres.

II

A missa do setimo dia reuniu-os na igreja. Acabadada a missa, os cinco amigos acompanharam á casa o sobrinho do morto. Benjamim convidou-os a almoçar.

— Espero que os amigos do tio Joaquim serão tambem meus amigos, disse elle.

Entraram, almoçaram. Ao almoço fallaram do morto; cada um contou uma anecdota, um dito; eram unanimes no louvor e nas saudades. No fim do almoço, como tivessem pedido uma lembrança do finado, passaram ao gabinete, e escolheram á vontade, este uma canneta velha, aquelle uma caixa de oculos, um folheto, um retalho qualquer intimo, Benjamim sentia-se consolado. Communicou-lhes que pretendia conservar o gabinete tal qual estava.

Nem a secretária abrira ainda. Abriu-a então, e, com elles, inventariou o conteúdo de algumas gavetas. Cartas, papeis soltos, programmas de concertos, *menus* de grandes jantares, tudo alli estava de mistura e confusão. Entre outras cousas acharam alguns cadernos manuscriptos, numerados e datados.

— Um diario! disse Benjamim.

Com effeito, era um diario das impressões do finado, especie de memorias secretas, confidencias do homem a si mesmo. Grande foi a commoção dos amigos; lêl-o era ainda conversal-o. Tão recto caracter! tão discreto espirito! Benjamim começou a leitura; mas a voz embargou-se-lhe depressa, e João Braz continuou-a.

O interesse do escripto adormeceu a dor do obito. Era um livro digno do prélo. Muita observação politica e social, muita reflexão philosophica, anecdotas de homens publicos, do Feijó, do Vasconcellos, outras puramente galantes, nomes de senhoras, o da Leocadia, entre outros; um repertorio de factos e commentarios. Cada um admirava o talento do finado, as graças do estylo, o interesse da materia. Uns opinavam pela impressão typographica; Benjamim dizia que sim, com a condição de excluir alguma cousa, ou inconveniente ou demasiado par-

ticular. E continuavam a ler, saltando pedaços e paginas, até que bateu meio-dia. Levantaram-se todos; Diogo Villares ia já chegar á repartição fóra de horas; João Braz e Elias tinham onde estar juntos. Galdino seguia para a loja. O Fragoso precisava mudar a roupa preta, e acompanhar a mulher á rua do Ouvidor. Concordaram em nova reunião para proseguir a leitura. Certas particularidades tinham-lhes dado uma comichão de escandalo, e as comichões coçam-se: é o que elles queriam fazer, lendo.

— Até amanhã, disseram.

— Até amanhã.

Uma vez só, Benjamim continuou a lêr o manuscripto. Entre outras cousas, admirou o retrato da viuva Leocadia, obra-prima de paciencia e semelhança, embora a data coincidisse com a dos amores. Era prova de uma rara isenção de espirito. De resto, o finado era eximio nos retratos. Desde 1873 ou 1874, os cadernos vinham cheios d'elles, uns de vivos, outros de mortos, alguns de homens publicos, Paula Souza, Aureliano, Olinda, etc. Eram curtos e substanciaes, ás vezes trez ou quatro rasgos firmes, com tal fidelidade e perfeição, que a figura parecia photographada. Benjamim ia lendo; de repente deu

com o Diogo Villares. E leu estas poucas linhas:

« DIOGO VILLARES.— Tenho-me referido muitas vezes a este amigo, e fal-o-hei algumas outras mais, se elle me não matar de tedio, cousa em que o reputo profissional. Pediu-me ha annos que lhe arranjasse um emprego, e arranjei-lh'o. Não me avisou da moeda em que me pagaria. Que singular gratidão! Chegou ao excesso de compor um soneto e publical-o. Fallava-me do obsequio a cada passo, dava-me grandos nomes; emfim, acabou. Mais tarde relacionámonos intimamente. Conheci-o então ainda melhor. *C'est le genre ennuyeux.* Não é mau parceiro de voltarete. Dizem-me que não deve nada a ninguem. Bom pai de familia. Estupido e credulo. Com intervallo de quatro dias, já lhe ouvi dizer de um ministerio que era excellente e detestavel: — differença des interlocutores. Ri muito e mal. Toda a gente, quando o vê pela primeira vez, começa por suppol-o um varão grave; no segundo dia dá-lhe piparotes. A razão é a figura, ou, mais particularmente, as bochechas, que lhe emprestam um certo ar superior. »

A primeira sensação do Benjamim foi a do perigo evitado. Se o Diogo Villares estivesse alli? Releu o retrato e mal podia crer; mas não havia negal-o,

era o proprio nome do Diogo Villares, era a mesma lettra do tio. E não era o unico dos familiares; folheou o manuscripto e deu com o Elias:

« ELIAS XAVIER.— Este Elias é um espirito subalterno, destinado a servir alguem, e a servir com desvanecimento, como os cocheiros de casa elegante. Vulgarmente trata as minhas visitas intimas com alguma arrogancia e desdem: politica de lacaio ambicioso. Desde as primeiras semanas, comprehendi que elle queria fazer-se meu privado; e não menos comprehendi que, no dia que realmente o fosse, punha os outros no meio da rua. Ha occasiões em que me chama a um vão da janella para fallar-me secretamente do sol e da chuva. O fim claro é incutir nos outros a suspeita de que ha entre nós cousas particulares, e alcança isso mesmo, porque todos lhe rasgam muitas cortezias. E' intelligente, risonho e fino. Conversa muito bem. Não conheço comprehensão mais rapida. Não é poltrão nem maldizente. Só falla mal de alguem, por interesse; faltando-lhe interesse, cala-se; e a maledicencia legitima é gratuita. Dedicado e insinuante. Não tem idéas, é verdade; mas ha esta grande differença entre elle e o Diogo Villares: — o Diogo repete prompta e boçalmente as que ouve, ao passo que o Elias sabe fazel-as

suas e plantal-as opportunamente na conversação. Um caso de 1865 caracterisa bem a astucia d'este homem. Tendo dado alguns libertos para a guerra do Paraguay, ia receber uma commenda. Não precisava de mim ; mas veiu pedir a minha intercessão, duas ou tres vezes, com um ar consternado e supplice. Fallei ao ministro, que me disse : — « O Elias já sabe que o decreto está lavrado ; falta só a assignatura do imperador. » Comprehendi então que era um estratagema para poder confessar-me essa obrigação. Bom parceiro de voltarete ; um pouco brigão, mas entendido. »

— Ora o tio Joaquim! exclamou Benjamim levantando-se. E depois de alguns instantes, reflexionou comsigo:—Estou lendo um coração, livro inedito. Conhecia a edição publica, revista e expurgada. Este é o texto primitivo e interior, a lição exacta e authentica. Mas quem imaginaria nunca... Ora o tio Joaquim!

E, tornando a sentar-se, releu tambem o retrato do Elias, com vagar, meditando as feições. Posto lhe faltasse observação, para avaliar a verdade do escripto, achou que em muitas partes, ao menos, o retrato era semelhante. Cotejava essas notas iconographicas, tão cruas, tão seccas, com as maneiras cordiaes e

graciosas do tio, e sentia-se tomado de um certo terror e mau-estar. Elle, por exemplo, que teria dito delle o finado? Com esta ideia, folheou ainda o manuscripto, passou por alto algumas damas, alguns homens publicos, deu com o Fragoso, — um esboço curto e curtissimo,—logo depois o Galdino, e quatro paginas adiante o João Braz. Justamente o primeiro levára delle uma caneta, pouco antes, talvez a mesma com que o finado o retratára. Curto era o esboço, e dizia assim:

« Fragoso. — Honesto, maneiras assucaradas e bonito. Não me custou casal-o; vive muito bem com a mulher. Sei que me tem uma extraordinaria adoração,—quasi tanta como a si mesmo. Conversação vulgar, polida e chocha. »

« Galdino Madeira. — O melhor coração do mundo e um caracter sem macula; mas as qualidades do espirito destroem as outras. Emprestei-lhe algum dinheiro, por motivo da familia, e porque me não fazia falta. Ha no cerebro d'elle um certo furo, por onde o espirito escorrega e cai no vacuo. Não reflecte tres minutos seguidos. Vive principalmente de imagens, de phrases translatas. Os « dentes da calumnia » e outras expressões, surradas como colchões de hospedaria, são os seus encantos. Mortifica-

se facilmente no jogo, e, uma vez mortificado, faz timbre em perder, e em mostrar que é de proposito. Não despede os maus caixeiros. Se não tivesse guarda-livros, é duvidoso que sommasse os quebrados. Um subdelegado, meu amigo, que lhe deveu algum dinheiro, durante dous annos, dizia-me com muita graça, que o Galdino quando o via na rua, em vez de lhe pedir a divida, pedia-lhe noticias do ministerio. »

« João Braz. — Nem tolo nem bronco. Muito attencioso, embora sem maneiras. Não póde ver passar um carro de ministro; fica pallido e vira os olhos. Creio que é ambicioso; mas na edade em que está, sem carreira, a ambição vai-se-lhe convertendo em inveja. Durante os dois annos em que serviu de deputado, desempenhou honradamente o cargo: trabalhou muito, e fez alguns discursos bons, não brilhantes, mas solidos, cheios de factos e reflectidos. A prova de que lhe ficou um residuo de ambição, é o ardor com que anda á cata de alguns cargos honorificos ou preeminentes; ha alguns mezes consentiu em ser juiz de uma irmandade de S. José, e segundo me dizem, desempenha o cargo com um zelo exemplar. Creio que é atheu, mas não affirmo. Ri pouco e discretamente. A vida é pura e severa, mas o ca-

racter tem uma ou duas cordas fraudulentas, a que só faltou a mão do artista; nas cousas minimas, mente com facilidade. »

Benjamim, estupefacto, deu emfim comsigo mesmo. — « Este meu sobrinho, dizia o manuscripto, tem vinte e quatro annos de edade, um projecto de reforma judiciaria, muito cabello, e ama-me. Eu não o amo menos. Discreto leal e bom, — bom até á credulidade. Tão firme nas affeições como versatil nos pareceres. Superficial, amigo de novidades, amando no direito o vocabulario e as formulas. »

Quiz reler, e não pôde; essas poucas linhas davam-lhe a sensação de um espelho. Levantou-se, foi á janella, mirou a chacara e tornou dentro para contemplar outra vez as suas feições. Contemplou-as; eram poucas, falhas, mas não pareciam calumniosas. Se alli estivesse um publico, é provavel que a mortificação do rapaz fosse menor, porque a necessidade de dissipar a impressão moral dos outros dar-lhe-ia a força necessaria para reagir contra o escripto; mas, a sós, comsigo, teve de supportal-o sem contraste. Então considerou se o tio não teria composto essas paginas nas horas de máu humor; comparou-as a outras em que a phrase era menos aspera, mas não cogitou se alli a brandura vinha ou não de molde.

Para confirmar a conjectura, recordou as maneiras usuaes do finado, as horas de intimidade e riso, a sós com elle, ou de palestra com os demais familiares. Evocou a figura do tio, com o olhar espirituoso e meigo, e a pilheria grave; em logar d'essa, tão candida e sympathica, a que lhe appareceu foi a do tio morto, estendido na cama, com os olhos abertos e o labio arregaçado. Sacudiu-a do espirito, mas a imagem ficou. Não podendo rejeital-a, Benjamim tentou mentalmente fechar-lhe os olhos e concertar-lhe a bocca; mas tão depressa o fazia, como a palpebra tornava a levantar-se, e a ironia arregaçava o beiço. Já não era o homem, era o auctor do manuscripto.

Benjamim jantou mal e dormiu mal, No dia seguinte, á tarde, apresentaram-se os cinco familiares para ouvir a leitura. Chegaram sofregos, anciosos; fizera-lhe muitas perguntas; pediram-lhe com instancia para ver o manuscripto. Mas Benjamim tergiversava, dizia isto e aquillo, inventava pretextos; por mal de peccados, appareceu-lhe na sala, por traz d'elles, a eterna bocca do defunto, e esta circumstancia fel-o ainda mais acanhado. Chegou a mostrar-se frio, para ficar só, e ver se com elles desapparecia a visão. Assim se passaram trinta a quarenta minutos. Os cinco olharam emfim uns para os outros, e delibe-

raram sahir; despediram-se ceremoniosamente, e foram conversando, para suas casas:

— Que differença do tio! que abysmo! a herança enfunou-o! deixal-o! ah! Joaquim Fidelis! ah! Joaquim Fidelis!

FIM DA GALERIA POSTHUMA.

CAPITULO DOS CHAPÉOS

GÉRONTE
Dans quel chapitre, s'il vous plait?
SGANARELLE
Dans le chapitre des chapeaux.

MOLIÈRE.

Musa, canta o despeito de Marianna, esposa do bacharel Conrado Seabra, naquella manhã de abril de 1879. Qual a causa de tamanho alvoroço? Um simples chapéo, leve, não deselegante, um chapéo baixo. Conrado, advogado, com escriptorio na rua da Quitanda, trazia-o todos os dias á cidade, ia com elle ás audiencias; só não o levava ás recepções, theatro lyrico, enterros e visitas de ceremonia. No mais era constante, e isto desde cinco ou seis annos, que tantos eram os do casamento. Ora, naquella singular manhã de abril, acabado o almoço, Conrado começou a enrolar um cigarro, e Marianna annunciou sorrindo que ia pedir-lhe uma cousa.

— Que é, meu anjo?

— Você é capaz de fazer-me um sacrificio?

— Dez, vinte. . .

— Pois então não vá mais á cidade com aquelle chapéo.

— Porque? é feio?

— Não digo que seja feio; mas é cá para fóra, para andar na visinhança, á tarde ou á noite, mas na cidade, um advogado, não me parece que. . .

— Que tolice, yayá!

— Pois sim, mas faz-me este favor, faz?

Conrado riscou um phosphoro, accendeu o cigarro, e fez-lhe um gesto de gracejo, para desconversar; mas a mulher teimou. A teima, a principio frouxa e supplice, tornou-se logo imperiosa e aspera. Conrado ficou espantado. Conhecia a mulher; era, de ordinario, uma creatura passiva, meiga, de uma plasticidade de encommenda, capaz de usar com a mesma divina indifferença tanto um diadema régio como uma touca. A prova é que, tendo tido uma vida de andarilha nos ultimos dous annos de solteira, tão depressa casou como se affez aos habitos quietos. Sahia ás vezes, e a maior parte dellas por instancias do proprio consorte; mas só estava commodamente em casa. Moveis, cortinas, ornatos suppriam-lhe os

filhos ; tinha-lhes um amor de mãe ; e tal era a concordancia da pessôa com o meio, que ella saboreava os trastes na posição occupada, as cortinas com as dobras do costume, e assim o resto. Uma das tres janellas, por exemplo, que davam para a rua vivia sempre meia aberta; nunca era outra. Nem o gabinete do marido escapava ás exigencias monotonas da mulher, que mantinha sem alteração a desordem dos livros, e até chegava a restaural-a. Os habitos mentaes seguiam a mesma uniformidade. Marianna dispunha de mui poucas noções, e nunca lêra se não os mesmos livros: — a *Moreninha* de Macedo, sete vezes; *Ivanhoe* e o *Pirata* de Walter Scott, dez vezes; o *Mot de l'enigme*, de Madame Craven, onze vezes.

Isto posto, como explicar o caso do chapéo? Na vespera, á noite, emquanto o marido fôra a uma sessão do Instituto da Ordem dos Advogados, o pae de Marianna veiu á casa d'elles. Era um bom velho, magro, pausado, ex-funccionario publico, ralado de saudades do tempo em que os empregados iam de casaca para as suas repartições. Casaca era o que elle, ainda agora, levava aos enterros, não pela razão que o leitor suspeita, a solemnidade da morte ou a gravidade da despedida ultima, mas por esta menos

philosophica, por ser um costume antigo. Não dava outra, nem da casaca nos enterros, nem do jantar ás duas horas, nem de vinte usos mais. E tão afferrado aos habitos, que no anniversario do casamento da filha, ia para lá ás seis horas da tarde, jantado e diggerido, via comer, e no fim acceitava um pouco de doce, um calix de vinho e café. Tal era o sogro de Conrado; como suppor que elle approvasse o chapéo baixo do genro? Supportava-o calado, em attenção ás qualidades da pessoa; nada mais. Acontecera-lhe, porém, naquelle dia, vel-o de relance na rua, de palestra com outros chapéos altos de homens publicos, e nunca lhe pareceu tão torpe. De noite, encontrando a filha sosinha, abriu-lhe o coração; pintou-lhe o chapéo baixo como a abominação das abominações, e instou com ella para que o fizesse desterrar.

Conrado ignorava essa circumstancia, origem do pedido. Conhecendo a docilidade da mulher, não entendeu a resistencia; e, porque era autoritario, e voluntarioso, a teima veiu irrital-o profundamente. Conteve-se ainda assim; preferiu mofar do caso; fallou-lhe com tal ironia e desdem, que a pobre dama sentiu-se humilhada. Marianna quiz levantar-se duas vezes; elle obrigou-a a ficar, a primeira pegando-

lhe levemente no pulso, a segunda subjugando-a com o olhar. E dizia sorrindo:

— Olhe, yayá, tenho uma razão philosophica para não fazer o que você me pede. Nunca lhe disse isto; mas já agora confio-lhe tudo.

Marianna mordia o labio, sem dizer mais nada; pegou de uma faca, e entrou a bater com ella devagarinho para fazer alguma cousa; mas, nem isso mesmo consentiu o marido, que lhe tirou a faca delicadamente, e continuou:

— A escolha do chapéo não é uma acção indifferente, como você póde suppor; é regida por um principio metaphysico. Não cuide que quem compra um chapéo exerce uma acção voluntaria e livre; a verdade é que obedece a um determinismo obscuro. A illusão da liberdade existe arraigada nos compradores, e é mantida pelos chapelleiros que, ao verem um freguez ensaiar trinta ou quarenta chapéos, e sair sem comprar nenhum, imaginam que elle está procurando livremente uma combinação elegante. O principio metaphysico é este: — o chapéo é a integração do homem, um prolongamento da cabeça, um complemento decretado *ab eterno*; ninguem o póde trocar sem mutilação. E' uma questão profunda que ainda não occorreu a ninguem. Os sabios tem estu-

dado tudo desde o astro até o verme, ou, para exemplificar bibliographicamente, desde Laplace. . . Você nunca leu Laplace? desde Laplace e a *Mecanica Celeste* até Darwin e o seu curioso livro das *Minhocas*, e, entretanto, não se lembraram ainda de parar deante do chapéo e estudal-o por todos os lados. Ninguem advertiu que ha uma metaphysica do chapéo. Talvez eu escreva uma memoria a este respeito. São nove horas e tres quartos; não tenho tempo de dizer mais nada; mas você reflicta comsigo, e verá. . . Quem sabe? póde ser até que nem mesmo o chapéo seja complemento do homem, mas o homem do chapéo. . .

Marianna venceu-se afinal, e deixou a mesa. Não entendera nada d'aquella nomenclatura aspera nem da singular theoria; mas sentiu que era um sarcasmo, e, dentro de si, chorava de vergonha. O marido subiu para vestir-se; desceu d'ahi a alguns minutos, e parou deante della com o famoso chapéo na cabeça. Marianna achou-lh'o, na verdade, torpe, ordinario, vulgar, nada serio. Conrado despediu-se ceremoniosamente e sahiu.

A irritação da dama tinha afrouxado muito; mas, o sentimento de humiliação subsistia. Marianna não chorou, não clamou, como suppunha que ia fazer; mas, comsigo mesma, recordou a simplicidade do

pedido, os sarcasmos de Conrado, e, posto reconhecesse que fôra um pouco exigente, não achava justificação para taes excessos. Ia de um lado para outro, sem poder parar; foi á sala de visitas, chegou á janella meia aberta, viu ainda o marido, na rua, á espera do *bond*, de costas para casa, com o eterno e torpissimo chapéo na cabeça. Marianna sentiu-se tomada de odio contra essa peça ridicula; não comprehendia como pudera supportal-a por tantos annos. E relembrava os annos, pensava na docilidade dos seus modos, na acquiescencia a todas as vontades e caprichos do marido, e perguntava a si mesma se não seria essa justamente a causa do excesso d'aquella manhã. Chamava-se tola, moleirona; se tivesse feito como tantas outras, a Clara e a Sophia, por exemplo, que tratavam os maridos como elles deviam ser tratados, não lhe aconteceria nem metade nem uma sombra do que lhe aconteceu. De reflexão em reflexão, chegou á ideia de sahir. Vestiu-se, e foi á casa da Sophia, uma antiga companheira de collegio, com o fim de espairecer, não de lhe contar nada.

Sophia tinha trinta annos, mais dous que Marianna. Era alta, forte, muito senhora de si. Recebeu a amiga com as festas do costume; e, posto que esta lhe não dissesse nada, adivinhou que trazia um des-

gosto e grande. Adeus, planos de Marianna! D'ahi a vinte minutos contava-lhe tudo. Sophia riu della, sacudiu os hombros; disse-lhe que a culpa não era do marido.

— Bem sei, é minha, concordava Marianna.

— Não seja tola, yayá! Você tem sido muito molle com elle. Mas seja forte uma vez; não faça caso; não lhe falle tão cedo; e se elle vier fazer aŝ pazes, diga-lhe que mude primeiro de chapéo.

— Veja você, uma cousa de nada...

— No fim de contas, elle tem muita razão; tanta como outros. Olhe a pamonha da Beatriz; não foi agora para a roça, só porque o marido implicou com um inglez que costumava passar o cavallo de tarde? Coitado do inglez! Naturalmente nem deu pela falta. A gente póde viver bem com seu marido, respeitando-se, não indo contra os desejos um de outro, sem pirraças, nem despotismo. Olhe; eu cá vivo muito bem com o meu Ricardo; temos muita harmonia. Não lhe peço uma cousa que elle me não faça logo; mesmo quando não tem vontade nenhuma, basta que eu feche a cara, obedece logo. Não era elle que teimaria assim por causa de um chapéo! Tinha que vêr! Pois não! Onde iria elle parar! Mudava de chapéo, quer quizesse, quer não.

Marianna ouvia com inveja essa bella definição do socego conjugal. A rebellião de Eva embocava nella os seus clarins; e o contacto da amiga dava-lhe um prurido de independencia e vontade. Para completar a situação, esta Sophia não era só muito senhora de si, mas tambem dos outros; tinha olhos para todos os inglezes, a cavallo ou a pé. Honesta, mas namoradeira; o termo é crú, e não ha tempo de compor outro mais brando. Namorava a torto e a direito, por uma necessidade natural, um costume de solteira. Era o troco miudo do amor, que ella distribuia a todos os pobres que lhe batiam á porta:— um nikel a um, outro a outro; nunca uma nota de cinco mil réis, menos ainda uma apolice. Ora este sentimento caritativo induziu-a a propor á amiga que fossem passear, ver as lojas, contemplar a vista de outros chapéos bonitos e graves. Marianna aceitou; um certo demonio soprava n'ella as furias da vingança. Demais, a amiga tinha o dom de fascinar, virtude de Bonaparte, e não lhe deu tempo de reflectir. Pois sim, iria, estava cançada de viver captiva. Tambem queria gosar um pouco, etc., etc.

Emquanto Sophia foi vestir-se, Marianna deixou-se estar na sala, irrequieta e contente comsigo mesma. Planeou a vida de toda aquella semana,

marcando os dias e horas de cada cousa, como n'uma viagem official. Levantava-se, sentava-se, ia á janella, á espera da amiga.

— Sophia parece que morreu, dizia de quando em quando.

De uma das vezes que foi á janella, viu passar um rapaz a cavallo. Não era inglez, mas lembrou-lhe a outra, que o marido levou para a roça, desconfiado de um inglez, e sentiu crescer-lhe o odio contra a raça masculina, — com excepção, talvez, dos rapazes a cavallo. Na verdade, aquelle era affectado demais; esticava a perna no estribo com evidente vaidade das botas, dobrava a mão na cintura, com um ar de figurino. Marianna notou-lhe esses dous defeitos; mas achou que o chapéo resgatava-os; não que fosse um chapéo alto; era baixo, mas proprio do apparelho equestre. Não cobria a cabeça de um advogado indo gravemente para o escriptorio, mas a de um homem que espairecia ou matava o tempo.

Os tacões de Sophia desceram a escada, compassadamente. Prompta! disse ella d'ahi a pouco, ao entrar na sala. Realmente, estava bonita. Já sabemos que era alta. O chapéo augmentava-lhe o ar senhoril; e um diabo de vestido de seda preta, arredondando-lhe as fórmas do busto, fazia-a ainda mais

vistosa. Ao pé della, a figura de Marianna desapparecia um pouco. Era preciso attentar primeiro nesta para ver que possuia feições mui graciosas, uns olhos lindos, muita e natural elegancia. O peior é que a outra dominava desde logo; e onde houvesse pouco tempo de as ver, tomava-o Sophia para si. Este reparo seria incompleto, se eu não accrescentasse que Sophia tinha consciencia da superioridade, e que apreciava por isso mesmo as bellezas do genero Marianna, menos derramadas e apparentes. Se é um defeito, não me compete emendal-o.

— Onde vamos nós? perguntou Marianna.

— Que tolice! vamos passear á cidade... Agora me lembro, vou tirar o retrato; depois vou ao dentista. Não; primeiro vamos ao dentista. Você não precisa de ir ao dentista?

— Não.

— Nem tirar o retrato?

— Já tenho muitos. E para que? para dal-o « áquelle senhor »?

Sophia comprehendeu que o resentimento da amiga persistia, e, durante o caminho, tratou de lhe pôr um ou dous bagos mais de pimenta. Disse-lhe que, embora fosse difficil, ainda era tempo de libertar-se. E ensinava-lhe um methodo para subtrahir-se á

tyrannia. Não convinha ir logo de um salto, mas de vagar, com segurança, de maneira que elle désse por si quando ella lhe puzesse o pé no pescoço. Obra de algumas semanas, tres a quatro, não mais. Ella, Sophia, estava prompta a ajudal-a. E repetia-lhe que não fosse molle, que não era escrava de ninguem, etc. Marianna ia cantando dentro do coração a *marselheza* do matrimonio.

Chegaram á rua do Ouvidor. Era pouco mais do meio dia. Muita gente, andando ou parada, o movimento do costume. Marianna sentiu-se um pouco atordoada, como sempre lhe acontecia. A uniformidade e a placidez, que eram o fundo do seu caracter e da sua vida, receberam daquella agitação os repellões do costume. Ella mal podia andar por entre os grupos, menos ainda sabia onde fixasse os olhos, tal era a confusão das gentes, tal era a variedade das lojas. Conchegava-se muito á amiga, e, sem reparar que tinham passado a casa do dentista, ia anciosa de lá entrar. Era um repouso; era alguma cousa melhor do que o tumulto.

— Esta rua do Ouvidor! ia dizendo.

— Sim? respondia Sophia, voltando a cabeça para ella e os olhos para um rapaz que estava na outra calçada.

Sophia, prática daquelles mares, transpunha, rasgava ou contornava as gentes com muita pericia e tranquillidade. A figura impunha; os que a conheciam gostavam de vel-a outra vez; os que não e conheciam paravam ou voltavam-se para admirar-lhe o garbo. E a boa senhora, cheia de caridade, derramava os olhos á direita e a esquerda, sem grande escandalo, porque Marianna servia a cohonestar os movimentos. Nada dizia seguidamente; parece até que mal ouvia as respostas da outra: mas fallava de tudo, de outras damas que iam ou vinham, de uma loja, de um chapéo... Justamente os chapéos, — de senhora ou de homem, — abundavam naquella primeira hora da rua do Ouvidor.

— Olha este, dizia-lhe Sophia.

E Marianna acudia a vel-os, femininos ou masculinos, sem saber onde ficar, porque os demonios dos chapéos succediam-se como n'um kaleidoscopio. Onde era o dentista? perguntava ella á amiga. Sophia só á segunda vez lhe respondeu que tinham passado a casa; mas já agora iriam até ao fim da rua; voltariam depois. Voltaram finalmente.

— Uf! respirou Marianna entrando no corredor.

— Que é, meu Deus? Ora você! Parece da roça...

A sala do dentista tinha já algumas freguezas.

Marianna não achou entre ellas uma só cara conhecida, e para fugir ao exame das pessoas extranhas, foi para a janella. Da janella podia gozar a rua, sem atropello. Recostou-se; Sophia veiu ter com ella. Alguns chapéos masculinos, parados, começaram a fital-as; outros, passando, faziam a mesma cousa. Marianna aborreceu-se da insistencia; mas, notando que fitavam principalmente a amiga, dissolveu-se-lhe o tedio n'uma especie de inveja. Sophia, entretanto, contava-lhe a historia de alguns chapéos, — ou, mais correctamente, as aventuras. Um delles merecia os pensamentos de Fulana; outro andava derretido por Sicrana, e ella por elle, tanto que eram certos na rua do Ouvidor ás quartas e sabbados, entre duas e tres horas. Marianna ouvia aturdida. Na verdade, o chapéo era bonito, trazia uma linda gravata, e possuia um ar entre elegante e pelintra ,mas...

— Não juro, ouviu? replicava a outra, mas é o que se diz.

Marianna fitou pensativa o chapéo denunciado. Havia agora mais tres, de egual porte e graça, e provavelmente os quatro fallavam dellas, e fallavam bem. Marianna enrubeceu muito, voltou a cabeça para o outro lado, tornou logo á primeira attitude, e afinal entrou. Entrando, viu na sala duas senhoras

recem-chegadas, e com ellas um rapaz que se levantou promptamente e veiu comprimental-a com muita ceremonia. Era o seu primeiro namorado.

Este primeiro namorado devia ter agora trinta e tres annos. Andára por fóra, na roça, na Europa, e afinal na presidencia de uma provincia do sul. Era mediano de estatura, pallido, barba inteira e rara, e muito apertado na roupa. Tinha na mão um chapéo novo, alto, preto, grave, presidencial, administrativo, um chapéo adequado á pessoa e ás ambições. Marianna, entretanto, mal pode vel-o. Tão confusa ficou, tão desorientada com a presença de um homem que conhecera em especiaes circumstancias, e a quem não vira de de 1877, que não pode reparar em nada. Estendeu-lhe os dedos, parece mesmo que murmurou uma resposta qualquer, e ia tornar á janella, quando a amiga sahiu dalli.

Sophia conhecia tambem o recem-chegado. Trocaram algumas palavras. Marianna, impaciente, perguntou-lhe ao ouvido se não era melhor adiar os dentes para outro dia; mas a amiga disse-lhe que não; negocio de meia hora a trez quartos. Marianna sentia-se oppressa: a presença de um tal homem atava-lhe os sentidos, lançava-a na luta e na confusão. Tudo culpa do marido. Se elle não teimasse e não caçoasse com

ella, ainda em cima, não aconteceria nada. E Marianna, pensando assim, jurava tirar uma desforra. De memoria contemplava a casa, tão socegada, tão bonitinha, onde podia estar agora, como de costume, sem os safanões da rua, sem a dependencia da amiga. . .

— Marianna, disse-lhe esta, o Dr. Viçoso teima que está muito magro. Você não acha que está mais gordo do que no anno passado. . . Não se lembra delle no anno passado?

Dr. Viçoso era o proprio namorado antigo, que palestrava com Sophia, olhando muitas vezes para Marianna. Esta respondeu negativamente. Elle aproveitou a festa para puxal-a á conversação; disse, que, na verdade, não a vira desde alguns annos. E sublinhava o dito com um certo olhar triste e profundo. Depois abriu o estojo dos assumptos, saccou para fóra o theatro lyrico. Que tal achavam a companhia? Na opinião delle era excellente, menos o barytono; o barytono parecia-lhe cançado. Sophia protestou contra o cançasso do barytono, mas elle insistiu, accrescentando que, em Londres, onde o ouvira pela primeira vez, já lhe parecera a mesma cousa. As damas, sim, senhora; tanto a soprano como a contralto eram de primeira ordem. E fallou

das operas, citava os trechos, elogiou a orchestra, principalmente nos *Huguenotes*... Tinha visto Marianna na ultima noite, no quarto ou quinto camarote da esquerda, não era verdade?

— Fomos, murmurou ella, accentuando bem o plural.

— No Cassino é que a não tenho visto, continuou elle.

— Está ficando um bicho do matto, acudiu Sophia rindo.

Viçoso gostára muito do ultimo baile, e desfiou as suas recordações; Sophia fez o mesmo ás della. As melhores *toilettes* foram descriptas por ambos com muita particularidade; depois vieram as pessoas, os caracteres, dous ou tres picos de malicia, mas tão anodina, que não fez mal a ninguem. Marianna ouvia-os sem interesse; duas ou tres vezes chegou a levantar-se e ir á janella; mas os chapéos eram tantos e tão curiosos, que ella voltava a sentar-se. Interiormente, disse alguns nomes feios á amiga; não os ponho aqui por não serem necessarios, e, aliás, seria de máu gosto desvendar o que esta moça pôde pensar da outra durante alguns minutos de irritação.

— E as corridas do Jockey-Club? perguntou o ex-presidente.

Marianna continuava a abanar a cabeça. Não tinha ido ás corridas naquelle anno. Pois perdêra muito, a penultima, principalmente ; esteve animadissima, e os cavallos eram de primeira ordem. As de Epsom, que elle vira, quando esteve em Inglaterra, não eram melhores do que a penultima do Prado Fluminense. E Sophia dizia que sim, que realmente a penultima corrida honrava o Jockey-Club. Confessou que gostava muito ; dava emoções fortes. A conversação descambou em dous concertos daquella semana ; depois tomou a barca, subiu a serra e foi a Petropolis, onde dous diplomatas lhe fizeram as despezas da estadia. Como fallassem da esposa de um ministro, Sophia lembrou-se de ser agradavel ao ex-presidente, declarando-lhe que era preciso casar tambem por que em breve estaria no ministerio. Viçoso teve um estremeção de prazer, e sorriu, e protestou que não ; depois, com os olhos em Marianna, disse que provavelmente não casaria nunca... Marianna enrubeceu muito e levantou-se.

— Você está com muita pressa, disse-lhe Sophia. Quantas são ? continuou voltando-se para Viçoso.

— Perto de tres ! exclamou elle.

Era tarde ; tinha de ir á camara dos deputados. Foi fallar á duas senhoras, que acompanhára, e que

eram primas suas, e despediu-se; vinha despedir-se das outras, mas Sophia declarou que sahiria tambem. Já agorà não esperava mais. A verdade é que a ideia de ir á camara dos deputados começára a faiscar-lhe na cabeça.

— Vamos á camara? propoz ella á outra.

— Não, não, disse Marianna; não posso, estou muito cançada.

— Vamos, um bocadinho só; eu tambem estou muito cançada...

Marianna teimou ainda um pouco; mas teimar contra Sophia, — a pomba discutindo com o gavião, — era realmente insensatez. Não teve remedio, foi. A rua estava agora mais agitada, as gentes iam e vinham por ambas as calçadas, e complicavam-se no cruzamento das ruas. De mais a mais, o obsequioso ex-presidente flanqueiava as duas damas, tendo-se offerecido para arranjar-lhes uma tribuna.

A alma de Marianna sentia-se cada vez mais dilacerada de toda essa confusão de cousas. Perdera o interesse da primeira hora; e o despeito, que lhe dera forças para um vôo audaz e fugidio, começava a afrouxar as azas, ou afrouxara-as inteiramente. E outra vez recordava a casa, tão quieta, com todas as cousas nos eus logares, methodicas, respeitosas umas com as

outras, fazendo-se tudo sem atropello, e, principalmente, sem mudança imprevista. E a alma batia o o pé raivosa... Não ouvia nada do que o Viçoso ia dizendo, comquanto elle fallasse alto, e muitas cousas fossem ditas para ella. Não ouvia, não queria ouvir nada. Só pedia a Deus que as horas andassem depressa. Chegaram á camara e foram para uma tribuna. O rumor das saias chamou a attenção de uns vinte deputados, que restavam, escutando um discurso de orçamento. Tão depressa o Viçoso pediu licença e sahiu, Marianna disse rapidamente á amiga que não lhe fizesse outra.

— Que outra? perguntou Sophia.

— Não me pregue outra peça como esta de andar de um logar para outro feito maluca. Que tenho eu com a camara? que me importam discursos que não entendo?

Sophia sorriu, agitou o leque e recebeu em cheio o olhar de um dos secretarios. Muitos eram os olhos que a fitavam quando ella ia á camara, mas os do tal secretario tinham uma expressão mais especial, callida e supplice. Entende-se, pois, que ella não o recebeu de sopetão; póde mesmo entender-se que o procurou curiosa. Emquanto acolhia esse olhar legislativo ia respondendo á amiga, com brandura,

que a culpa era della, e que a sua intenção era boa, era restituir-lhe a posse de si mesma.

— Mas, se você acha que a aborreço não venha mais commigo, concluiu Sophia.

E, inclinando-se um pouco:

— Olha o ministro da justiça.

Marianna não teve remedio senão ver o ministro da justiça. Este aguentava o discurso do orador, um governista, que provava a conveniencia dos tribunaes correccionaes, e, incidentemente, compendiava a antiga legislação colonial. Nenhum aparte; um silencio resignado, polido, discreto e cauteloso. Marianna passeava os olhos de um lado para outro, sem interesse; Sophia dizia-lhe muitas cousas, para dar saida a uma porção de gestos graciosos. No fim de quinze minutos agitou-se a camara, graças a uma expressão do orador e uma replica da opposição. Trocaram-se apartes, os segundos mais bravos que os primeiros, e seguiu-se um tumulto, que durou perto de um quarto de hora.

Essa diversão não o foi para Marianna, cujo espirito placido e uniforme, ficou atarantado no meio de tanta e tão inesperada agitação. Ella chegou a levantar-se para sair; mas, sentou-se outra vez. Já agora estava disposta a ir ao fim, arrependida e

resoluta a chorar só comsigo as suas magoas conjugaes. A duvida começou mesmo a entrar nella. Tinha razão no pedido ao marido; mas era caso de doer-se tanto? era razoavel o espalhafato? Certamente que as ironias delle foram crueis; mas, em summa, era a primeira vez que ella lhe batêra o pé, e, naturalmente, a novidade irritou-o. De qualquer modo porém, fôra um erro ir revelar tudo á amiga. Sophia iria talvez contal-o a outras... Esta ideia trouxe um calafrio a Marianna; a indiscrição da amiga era certa; tinha-lhe ouvido uma porção de historias de chapéos masculinos e femininos, cousa mais grave do que uma simples briga de casados. Marianna sentiu necessidade de lisonjeal-a, e cobriu a sua impaciencia e zanga com uma mascara de docilidade hypocrita. Começou a sorrir tambem, a fazer algumas observações, a respeito de um ou outro deputado, e assim chegaram ao fim do discurso e da sessão.

Eram quatro horas dadas. Toca a recolher, disse Sophia; e Marianna concordou que sim, mas sem impaciencia, e ambas tornaram a subir a rua do Ouvidor. A rua, a entrada no *bond*, completaram a fadiga do espirito de Marianna, que afinal respirou quando viu que ia caminho de casa. Pouco antes de

apear-se a outra, pediu-lhe que guardasse segredo sobre o que lhe contára; Sophia prometteu que sim.

Marianna respirou. A rola estava livre do gavião. Levava a alma doente dos encontrões, vertiginosa da diversidade de cousas e pessoas. Tinha necessidade de equilibrio e saude. A casa estava perto; á medida que ia vendo as outras casas e chacaras proximas, Marianna sentia-se restituida a si mesma. Chegou finalmente; entrou no jardim, respirou. Era aquelle o seu mundo; menos um vaso, que o jardineiro trocára de logar.

— João, bota este vaso onde estava antes, disse ella.

Tudo o mais estava em ordem, a sala de entrada, a de visitas, a de jantar, os seus quartos, tudo. Marianna sentou-se primeiro, em differentes logares, olhando bem para todas as cousas, tão quietas e ordenadas. Depois de uma manhã inteira de perturbação e variedade, a monotonia trazia-lhe um grande bem, e nunca lhe pareceu tão deliciosa. Na verdade, fizera mal... Quiz recapitular os successos e não pode; a alma espreguiçava-se toda naquella uniformidade caseira. Quando muito, pensou na figura do Viçoso, que achava agora ridicula, e era injustiça. Despiu-se lentamente, com amor, indo certeira

a cada objecto. Uma vez despida, pensou outra vez na briga com o marido. Achou que, bem pesadas as cousas, a principal culpa era della. Que diabo de teima por causa de um chapéo, que o marido usára ha tantos annos? Tambem o pae era exigente de mais...

— Vou ver a cara com que elle vem, pensou ella.

Eram cinco e meia; não tardaria muito. Marianna foi á sala da frente espiou pela vidraça, prestou o ouvido ao *bond*, e nada. Sentou-se alli mesmo com o *Ivanhoe* nas palmas, querendo ler e não lendo nada. Os olhos iam até o fim da pagina, e tornavam ao principio, em primeiro lugar, porque não apanhavam o sentido, em segundo lugar, porque uma ou outra vez desviavam-se para saborear a correcção das cortinas ou qualquer outra feição particular da sala. Santa monotonia, tu a acalentavas no teu regaço eterno.

Emfim, parou um *bond;* apeou-se o marido; rangeu a porta de ferro do jardim. Marianna foi á vidraça, e espiou. Conrado entrava lentamente, olhando para a direita e a esquerda, com o chapéo na cabeça, não o famoso chapéo do costume, porém outro, o que a mulher lhe tinha pedido de manhã. O espirito de Marianna recebeu um choque violento,

egual ao que lhe dera o vaso do jardim trocado,— ou ao que lhe daria uma lauda de Voltaire entre as folhas da *Moreninha* ou de *Ivanhoe*... Era a nota desegual no meio da harmoniosa sonata da vida. Não, não podia ser esse chapéo. Realmente, que mania a della exigir que elle deixasse o outro que lhe ficava tão bem? E que não fosse o mais proprio, era o de longos annos; era o que quadrava á physionomia do marido... Conrado entrou por uma porta lateral. Marianna recebeu-o nos braços.

— Então, passou? perguntou elle, emfim, cingindo-lhe a cintura.

— Escuta uma cousa, respondeu ella com uma caricia divina, bota fóra esse; antes o outro.

FIM DO CAPITULO DOS CHAPÉOS.

a cada objecto. Uma vez despida, pensou outra vez na briga com o marido. Achou que, bem pesadas as cousas, a principal culpa era della. Que diabo de teima por causa de um chapéo, que o marido usára ha tantos annos? Tambem o pae era exigente de mais...

— Vou ver a cara com que elle vem, pensou ella.

Eram cinco e meia; não tardaria muito. Marianna foi á sala da frente espiou pela vidraça, prestou o ouvido ao *bond*, e nada. Sentou-se alli mesmo com o *Ivanhoe* nas palmas, querendo ler e não lendo nada. Os olhos iam até o fim da pagina, e tornavam ao principio, em primeiro lugar, porque não apanhavam o sentido, em segundo lugar, porque uma ou outra vez desviavam-se para saborear a correcção das cortinas ou qualquer outra feição particular da sala. Santa monotonia, tu a acalentavas no teu regaço eterno.

Emfim, parou um *bond*; apeou-se o marido; rangeu a porta de ferro do jardim. Marianna foi á vidraça, e espiou. Conrado entrava lentamente, olhando para a direita e a esquerda, com o chapéo na cabeça, não o famoso chapéo do costume, porém outro, o que a mulher lhe tinha pedido de manhã. O espirito de Marianna recebeu um choque violento,

egual ao que lhe dera o vaso do jardim trocado,— ou ao que lhe daria uma lauda de Voltaire entre as folhas da *Moreninha* ou de *Ivanhoe*... Era a nota desegual no meio da harmoniosa sonata da vida. Não, não podia ser esse chapéo. Realmente, que mania a della exigir que elle deixasse o outro que lhe ficava tão bem? E que não fosse o mais proprio, era o de longos annos; era o que quadrava á physionomia do marido... Conrado entrou por uma porta lateral. Marianna recebeu-o nos braços.

— Então, passou? perguntou elle, emfim, cingindo-lhe a cintura.

— Escuta uma cousa, respondeu ella com uma caricia divina, bota fóra esse; antes o outro.

FIM DO CAPITULO DOS CHAPÉOS.

CONTO ALEXANDRINO

CAPITULO I

NO MAR

— O que, meu caro Stroibus ? Não, impossivel. Nunca jámais ninguem acreditará que o sangue de rato, dado a beber a um homem, possa fazer do homem um ratoneiro.

— Em primeiro logar, Pythias, tu omittes uma condição : — é que o rato deve expirar debaixo do escalpello, para que o sangue traga o seu principio. Essa condição é essencial. Em segundo logar, uma vez que me apontas o exemplo do rato, fica sabendo que já fiz com elle uma experiencia, e cheguei a produzir um ladrão. . .

— Ladrão authentico ?

— Levou-me o manto, ao cabo de trinta dias,

mas deixou-me a maior alegria do mundo : — a realidade da minha doutrina. Que perdi eu ? um pouco de tecido grosso ; e que lucrou o universo ? a verdade immortal. Sim, meu caro Pythias ; esta é a eterna verdade. Os elementos constitutivos do ratoneiro estão no sangue do rato, os do paciente no boi, os do arrojado na aguia. . .

— Os do sabio na coruja, interrompeu Pythias sorrindo.

— Não ; a coruja é apenas um emblema ; mas a aranha, se pudessemos transferi-la a um homem, daria a esse homem os rudimentos da geometria e o sentimento musical. Com um bando de cegonhas, andorinhas ou grous, faço-te de um caseiro um viageiro. O principio da fidelidade conjugal está no sangue da rola, o da enfatuação no dos pavões. . . Em summa, os deuses puzeram nos bichos da terra, da agua e do ar a essencia de todos os sentimentos e capacidades humanas. Os animaes são as letras soltas do alphabeto ; o homem é a syntaxe. Esta é a minha philosophia recente ; esta é a que vou divulgar na côrte do grande Ptolomeu.

Pythias sacudiu a cabeça, e fixou os olhos no mar. O navio singrava, em direitura a Alexandria, com essa carga preciosa de dous philosophos, que iam

levar áquelle regaço do saber os fructos da razão esclarecida. Eram amigos, viuvos e quinquagenarios. Cultivavam especialmente a methaphysica, mas conheciam a physica, a chimica, a medicina e a musica; um d'elles, Stroibus, chegára a ser excellente anatomista, tendo lido muitas vezes os tratados do mestre Herophilo. Chypre era a patria de ambos; mas, tão certo é que ninguem é propheta em sua terra, Chypre não dava o merecido respeito aos dous philosophos. Ao contrario, desdenhava-os; os garotos tocavam ao extremo de rir d'elles. Não foi esse, entretanto, o motivo que os levou a deixar a patria. Um dia, Pythias, voltando de uma viagem, propoz ao amigo irem para Alexandria, onde as artes e as sciencias eram grandemente honradas. Stroibus adheriu, e embarcaram. Só agora, depois de embarcados, é que o inventor da nova doutrina expol-a ao amigo, com todas as suas recentes cogitações e experiencias.

— Está feito, disse Pythias, levantando a cabeça, não affirmo nem nego nada. Vou estudar a doutrina, e se a achar verdadeira, proponho-me a desenvolvel-a e divulgal-a.

— Vive Helios! exclamou Stroibus. Posso contar que és meu discipulo.

CAPITULO II

EXPERIENCIA

Os garotos alexandrinos não trataram os dous sabios com o escarneo dos garotos cypriotas. A terra era grave como a ibis pousada n'uma só pata, pensativa como a sphynge, circumspecta como as mumias, dura como as pyramides; não tinha tempo nem maneira de rir. Cidade e côrte, que desde muito tinham noticia dos nossos dous amigos, fizeram-lhes um recebimento regio, mostraram conhecer seus escriptos, discutiram as suas idéas, mandaram-lhes muitos presentes, papyros, crocodilos, zebras, purpuras. Elles porém, recusaram tudo, com simplicidade, dizendo que a philosophia bastava ao philosopho, e que o superfluo era um dissolvente. Tão nobre resposta encheu de admiração tanto aos sabios como aos principaes e á mesma plebe. E aliás, diziam os mais sagazes, que outra cousa se podia esperar de dous homens tão sublimes, que em seus magnificos tratados...

— Temos cousa melhor do que esses tratados,

interrompia Stroibus. Trago uma doutrina, que, em pouco, vai dominar o universo; cuido nada menos que em reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes.

— Não é esse o officio dos deuses? objectava um.

— Eu violei o segredo dos deuses, acudia Stroibus. O homem é a syntaxe da natureza, eu descobri as leis da grammatica divina. . .

— Explica-te.

— Mais tarde; deixa-me experimentar primeiro. Quando a minha doutrina estiver completa, divulgal-a-hei como a maior riqueza que os homens jamais poderão receber de um homem.

Imaginem a expectação publica e a curiosidade dos outros philosophos, embora incredulos de que a verdade recente viesse aposentar as que elles mesmos possuiam. Entretanto, esperavam todos. Os dous hospedes eram apontados na rua até pelas crianças. Um filho meditava trocar a avareza do pai, um pai a prodigalidade do filho, uma dama a frieza de um varão, um varão os desvarios de uma dama, porque o Egypto, desde os Pharaós até aos Lagides, era a terra de Putiphar, da mulher de Putiphar, da capa de José, e do resto. Stroibus tornou-se a esperança da cidade e do mundo.

Pythias, tendo estudado a doutrina, foi ter com Stroibus, e disse-lhe:

— Methaphysicamente, a tua doutrina é um desproposito; mas estou prompto a admittir uma experiencia, comtanto que seja decisiva. Para isto, meu caro Stroibus, ha só um meio. Tu e eu, tanto pelo cultivo da razão como pela rigidez do caracter, somos o que ha mais opposto ao vicio do furto. Pois bem, se conseguires incutir-nos esse vicio, não será preciso mais; se não conseguires nada, (e pódes crel-o, porque é um absurdo) recuarás de semelhante doutrina, e tornarás ás nossas velhas meditações.

Stroibus acceitou a proposta.

— O meu sacrifio é o mais penoso, disse elle, pois estou certo do resultado; mas que não merece a verdade? A verdade é immortal; o homem é um breve momento...

Os ratos egypcios, se pudessem saber de um tal accordo, teriam imitado os primitivos hebreus, acceitando a fuga para o deserto, antes do que a nova philosophia. E podemos crer que seria um desastre. A sciencia, como a guerra, tem necessidades imperiosas; e desde que a ignorancia dos ratos, a sua fraqueza, a superioridade mental e physica dos dois philosophos eram outras tantas vantagens na expe-

riencia que ia começar, cumpria não perder tão boa occasião de saber se effectivamente o principio das paixões e das virtudes humanas estavam distribuidos pelas varias especies de animaes, e se era possivel transmittil-o.

Stroibus engaiolava os ratos; depois, um a um, ia-os sujeitando ao ferro. Primeiro, atava uma tira de panno no focinho do paciente; em seguida, os pés, finalmente, cingia com um cordel as pernas e o pescoço do animal á taboa da operação. Isto feito, dava o primeiro talho no peito, com vagar, e com vagar ia enterrando o ferro até tocar o coração, porque era opinião d'elle que a morte instantanea corrompia o sangue e retirava-lhe o principio. Habil anatomista, operava com uma firmeza digna do proposito scientifico. Outro, menos déstro, interromperia muita vez a tarefa, porque as contorsões de dôr e de agonia tornavam difficil o meneio do escalpello; mas essa era justamente a superioridade de Stroibus: tinha o pulso magistral e pratico.

Ao lado d'elle, Pythias aparava o sangue e ajudava a obra, já contendo os movimentos convulsivos do paciente, já espiando-lhe nos olhos o progresso da agonia. As observações que ambos faziam eram notadas em folhas de papyro; e assim ganhava

a sciencia de duas maneiras. A's vezes, por divergencia de apreciação, eram obrigados a escalpellar maior numero de ratos do que o necessario; mas não perdiam com isso, porque o sangue dos excedentes era conservado e ingerido depois. Um só d'esses casos mostrará a consciencia com que elles procediam. Pythias observára que a retina do rato agonisante mudava de côr até chegar ao azul claro, ao passo que a observação de Stroibus dava a côr de canella como o tom final da morte. Estavam na ultima operação do dia; mas o ponto valia a pena, e, não obstante o cansaço, fizeram successivamente desenove experiencias sem resultado definitivo; Pythias insistia pela côr azul, e Stroibus pela côr de canella. O vigesimo rato esteve prestes a pôl-os de accordo, mas Stroibus advertiu, com muita sagacidade, que a sua posição era agora differente, rectificou-a e escalpellaram mais vinte e cinco. D'estes, o primeiro ainda os deixou em duvida; mas os outros vinte e quatro provaram-lhes que a côr final não era canella nem azul, mas um lyrio roxo, tirando a claro.

A descripção exagerada das experimentações deu rebate á porção sentimental da cidade, e excitou a loquella de alguns sophistas; mas o grave Stroibus

(com brandura, para não aggravar uma disposição propria da alma humana) respondeu que a verdade valia todos os ratos do universo, e não só os ratos, como os pavões, as cabras, os cães, os rouxinoes, etc.; que, em relação aos ratos, além de ganhar a sciencia, ganhava a cidade, vendo diminuida a praga de um animal tão damninho; e, se a mesma consideração não se dava com outros animaes, como, por exemplo, as rolas e os cães, que elles iam escalpellar d'ahi a tempos, nem por isso os direitos da verdade eram menos imprescriptiveis. A natureza não ha de ser só a mesa de jantar, concluia em fórma de aphorismo, mas tambem a mesa de sciencia.

E continuavam a extrahir o sangue e a bebel-o. Não o bebiam puro, mas diluido em um cosimento de cinamomo, succo de acacia e balsamo, que lhe tirava todo o sabor primitivo. As dóses eram diarias e diminutas; tinham, portanto, de aguardar um longo praso antes de produzido o effeito. Pythias, impaciente e incredulo, mofava do amigo.

— Então? nada?

— Espera, dizia o outro, espera. Não se incute um vicio como se cose um par de sandalias.

CAPITULO III

VICTORIA

Emfim, venceu Stroibus! A experiencia provou a doutrina. A Pythias foi o primeiro que deu mostras da realidade do effeito, attribuindo-se umas tres idéas ouvidas ao proprio Stroibus; este, em compensação, furtou-lhe quatro comparações e uma theoria dos ventos. Nada mais scientifico do que essas estréas. As idéas alheias, por isso mesmo que não foram compradas na esquina, trazem um certo ar commum; e é muito natural começar por ellas antes de passar aos livros emprestados, ás gallinhas, aos papeis falsos, ás provincias, etc. A propria denominação de plagio é um indicio de que os homens comprehendem a difficuldade de confundir esse embryão da ladroeira com a ladroeira formal.

Duro é dizel-o; mas a verdade é que elles deitaram ao Nilo a bagagem metaphysica, e dentro de pouco estavam larapios acabados. Concertavam-se de vespera, e iam aos mantos, aos bronzes, ás amphoras de vinho, ás mercadorias do porto, ás boas

drachmas. Como furtassem sem estrepito, ninguem dava por elles; mas, ainda mesmo que os suspeitassem, como fazel-o crêr aos outros? Já então Ptolomeu colligira na bibliotheca muitas riquezas e raridades; e, porque conviesse ordenal-as, designou para isso cinco grammaticos e cinco philosophos, entre estes os nossos dous amigos. Estes ultimos trabalharam com singular ardor, sendo os primeiros que entravam e os ultimos que sahiam, e ficando allí muitas noites, ao clarão da lampada, decifrando, colligindo, classificando. Ptolomeu, enthusiasmado, meditava para elles os mais altos destinos.

Ao cabo de algum tempo, começaram a notar-se faltas graves: — um exemplar de Homero, tres rolos de manuscriptos persas, dois de samaritanos, uma soberba collecção de cartas originaes de Alexandre, copias de leis athenienses, o 2º e o 3º livro da *Republica* de Platão, etc., etc. A auctoridade poz-se á espreita; mas a esperteza do rato, transferida a um organismo superior, era naturalmente maior, e os dois illustres gatunos zombavam de espias e guardas. Chegaram ao ponto de estabelecer este preceito philosophico de não sahir d'alli com as mãos vasias; traziam sempre alguma cousa, uma fabula, quando menos. Emfim, estando a sahir um

navio para Chypre, pediram licença a Ptolomeu, com promessa de voltar, cozeram os livros dentro de couros de hippopotamo, puzeram-lhe rotulos falsos, e trataram de fugir. Mas a inveja de outros philosophos não dormia; deu rebate ás suspeitas dos magistrados, e descobriu-se o roubo. Stroibus e Pythias foram tidos por aventureiros, mascarados com os nomes d'aquelles dous varões illustres; Ptolomeu entregou-os á justiça com ordem de os passar logo ao carrasco. Foi então que interveiu Herophilo, inventor da anatomia.

CAPITULO IV

PLUS ULTRA!

— Senhor, disse elle a Ptolomeu, tenho-me limitado até agora a escalpellar cadaveres. Mas o cadaver dá-me a estructura, não me dá a vida; dá-me os orgãos, não me dá as funcções. Eu preciso das funcções e da vida.

— Que me dizes? redarguiu Ptolomeu. Queres estripar os ratos de Stroibus?

— Não, senhor; não quero estripar os ratos.

— Os cães? os gansos? as lebres?...

— Nada; peço alguns homens vivos.

— Vivos? não é possivel...

— Vou demonstrar que não só é possivel, mas até legitimo e necessario. As prisões egypicias estão cheias de criminosos, e os criminosos occupam, na escala humana, um gráu muito inferior. Já não são cidadãos, nem mesmo se podem dizer homens, porque a razão e a virtude, que são os dois principaes caracteristicos humanos, elles os perderam, infringindo a lei e a moral. Além d'isso, uma vez que têm de expiar com a morte os seus crimes, não é justo que prestem algum serviço á verdade e a sciencia? A verdade é immortal; ella vale não só todos os rátos, como todos os delinquentes do universo.

Ptolomeu achou o raciocinio exacto, e ordenou que os criminosos fossem entregues a Herophilo e seus discipulos. O grande anatomista agradeceu tão insigne obsequio, e começou a escalpellar os réus. Grande foi o assombro do povo; mas, salvo alguns pedidos verbaes, não houve nenhuma manifestação contra a medida. Herophilo repetia o que dissera a Ptolomeu, acrescentando que a sujeição dos réus á experiencia anatomica era até um modo indirecto de

servir á moral, visto que o terror de escalpello impediria a pratica de muitos crimes.

Nenhum dos criminosos, ao deixar a prisão, suspeitava o destino scientifico que o esperava. Sahiam um por um; ás vezes dous a dous, ou tres a tres. Muitos d'elles, estendidos e atados á mesa da operação, não chegavam a desconfiar nada; imaginavam que era um novo genero de execução summaria. Só quando os anatomistas definiam o objecto do estudo do dia, alçavam os ferros e davam os primeiros talhos, é que os desgraçados adquiriam a consciencia da situação. Os que se lembravam de ter visto as experiencias dos ratos, padeciam em dobro, porque a imaginação juntava á dor presente o expectaculo passado.

Para conciliar os interesses da sciencia com os impulsos da piedade, os réos não eram escalpellados á vista uns dos outros, mas successivamente. Quando vinham aos dois ou aos tres, não ficavam em logar d'onde os que esperavam pudessem ouvir os gritos do paciente, embora os gritos fossem muitas vezes abafados por meio de apparelhos; mas se eram abafados, não eram supprimidos, e em certos casos, o proprio objecto da experiencia exigia que a emissão da voz fosse franca. A's vezes as operações eram

simultaneas; mas então faziam-se em logares distanciados.

Tinham sido escalpellados cerca de cincoenta réus, quando chegou a vez de Stroibus e Pythias. Vieram buscal-os; elles suppuzeram que era para a morte judiciaria, e encommendaram-se aos deuses. De caminho, furtaram uns figos, e explicaram o caso allegando que era um impulso da fome; adiante, porém, subtrahiram uma flauta, e essa outra acção não a puderam explicar satisfactoriamente. Todavia, a astucia do larapio é infinita, e Stroibus, para justificar a acção, tentou extrahir algumas notas do instrumento, enchendo de compaixão as pessoas que os viam passar, e não ignoravam a sorte que iam ter. A noticia d'esses dous novos delictos foi narrada por Herophilo, e abalou a todos os seus discipulos.

— Realmente, disse o mestre, é um caso extraordinario, um caso lindissimo. Antes do principal, examinemos aqui o outro ponto...

O ponto era saber se o nervo do latrocionio residia na palma da mão ou na extremidade dos dedos; problema esse suggerido por um dos discipulos. Stroibus foi o primeiro sujeito á operação. Comprehendeu tudo, desde que entrou na sala; e, como

a natureza humana tem uma parte infima, pediu-lhes humildemente que poupassem a vida a um philosopho. Mas Herophilo, com um grande poder de dialectica, disse-lhe mais ou menos isto:—Ou és um aventureiro ou o verdadeiro Stroibus; no primeiro caso, tens aqui o unico meio para resgatar o crime de illudir a um principe esclarecido, presta-te ao escalpello; no segundo caso, não deves ignorar que a obrigação do philosopho é servir á philosophia, e que o corpo é nada em comparação com o entendimento.

Dito isto, começaram pela experiencia das mãos, que produziu optimos resultados, colligidos em livros, que se perderam com a queda dos Ptolomeus. Tambem as mãos de Pythias foram rasgadas e minuciosamente examinadas. Os infelizes berravam, choravam, supplicavam; mas Herophilo dizia-lhes pacificamente que a obrigação do philosopho era servir á philosophia, e que para os fins da sciencia, elles valiam ainda mais que os ratos, pois era melhor concluir do homem para o homem, e não do rato para o homem. E continuou a rasgal-os fibra por fibra, durante oito dias. No terceiro dia arrancaram-lhes os olhos, para desmentir praticamente uma theoria sobre a conformação interior do orgão.

Não fallo da extracção do estomago de ambos, por se tratar de problemas relativamente secundarios, e em todo caso estudados e resolvidos em cinco ou seis individuos escalpellados antes d'elles.

Diziam os alexandrinos que os ratos celebraram esse caso afflictivo e doloroso com dansas e festas, a que convidaram alguns cães, rolas, pavões e outros animaes ameaçados de egual destino, e outrosim, que nenhum dos convidados acceitou o convite, por suggestão de um cachorro, que lhes disse melancolicamente : — « Seculo virá em que a mesma cousa nos aconteça. » Ao que retorquiu um rato : « Mas até lá, riamos ! »

FIM DO CONTO ALEXANDRINO.

PRIMAS DE SAPUCAIA!

Ha umas occasiões opportunas e fugitivas, em que o acaso nos inflige duas ou trez primas de Sapucaia; outras vezes, ao contrario, as primas de Sapucaia são antes um beneficio do que um infortunio.

Era á porta de uma egreja. Eu esperava que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem agua benta, para conduzil-as á nossa casa, onde estavam hospedadas. Tinham vindo de Sapucaia, pelo Carnaval, e demoraram-se dois mezes no côrte. Era eu que as acompanhava a toda a parte, missas, theatros, rua do Ouvidor, porque minha mãi, com o seu rheumatico, mal podia mover-se dentro de casa, e ellas não sabiam andar sós. Sapucaia era a nossa patria commum. Embora todos os parentes estivessem dispersos, alli nasceu o tronco da familia. Meu tio José Ribeiro, pai d'estas primas, foi o unico, de cinco irmãos, que lá ficou lavrando a terra e figu-

rando na politica do logar. Eu vim cedo para a côrte, d'onde segui a estudar e bacharelar-me em S. Paulo. Voltei uma só vez a Sapucaia, para pleitear uma eleição, que perdi.

Rigorosamente, todas estas noticias são desnecessarias para a comprehensão da minha aventura; mas é um modo de ir dizendo alguma cousa, antes de entrar em materia, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a redea á penna, e ella que vá andando, até achar entrada. Hade haver alguma; tudo depende das circumstancias, regra que tanto serve para o estylo como para a vida; palavra puxa palavra, uma idéa traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compoz as suas especies.

Portanto, agua benta e porta de egreja. Era a egreja de S. José. A missa acabára; Claudina e Rosa fizeram uma cruz na testa, com o dedo pollegar, molhado na agua benta e descalçado unicamente para esse gesto. Depois ajustaram os manteletes, emquanto eu, ao portal, ia vendo as damas que sahiam. De repente, estremeço, inclino-me para fóra, chego mesmo a dar dous passos na direcção da rua.

— Que foi, primo?

— Nada, nada.

Era uma senhora, que passára rentesinha com a egreja, vagarosa, cabisbaixa, apoiando-se no chapellinho de sol; ia pela rua da Misericordia acima. Para explicar a minha commoção, é preciso dizer que era a segunda vez que a via. A primeira foi no Prado Fluminense, dous mezes antes, com um homem que, pelos modos, era seu marido, mas tanto podia ser marido como pai. Estava então um pouco de espavento, vestida de escarlate, com grandes enfeites vistosos, e umas argolas demasiado grossas nas orelhas; mas os olhos e a bocca resgatavam o resto. Namorámos ás bandeiras despregadas. Se disser que sahi d'alli apaixonado, não metto a minha alma no inferno, porque é a verdade pura. Sahi tonto, mas sahi tambem desapontado, perdia-a de vista na multidão. Nunca mais pude dar com ella, nem ninguem me soube dizer quem fosse.

Calcule-se o meu enfado, vendo que a fortuna vinha trazel-a outra vez ao meu caminho, e que umas primas fortuitas não me deixavam lançar-lhe as mãos. Não será difficil calcular-o, porque estas primas de Sapucaia tomam todas as fórmas, e o leitor, se não as teve de um modo, teve-as de outro. Umas vezes copiam o ar confidencial de um cavalheiro in-

formado da ultima crise do ministerio, de todas as causas apparentes ou secretas, dissensões novas ou antigas, interesses aggravados, conspiração, crise. Outras vezes, enfronham-se na figura d'aquelle eterno cidadão que affirma de um modo ponderoso e abotoado, que não ha leis sem costumes, *nisi lege sine moribus*. Outras,afivellam a mascara de um Dangeau de esquina, que nos conta miudamente as fitas e rendas que esta, aquella, aquell'outra dama levara ao baile ou ao theatro. E durante esse tempo, a Occasião passa, vagarosa, cabisbaixa, apoiando-se no chapellinho de sol: passa, dobra a esquina, e adeus... O ministerio esphacelava-se; malinas e bruxellas; *nisi lege sine moribus*...

Esteve a pique de dizer ás primas, que se fossem embora; moravamos na rua do Carmo, não era longe; mas abri mão da idéa. Já na rua pensei tambem em deixal-as na egreja, á minha espera, e ir ver se agarrava a Occasião pela calva. Creio mesmo que cheguei a parar um momento, mas rejeitei egualmente esse alvitre e fui andando.

Fui andando com ellas para o lado opposto ao da minha incognita. Olhei para traz repetidas vezes, até perdel-a n'uma das curvas da rua, com os olhos no chão, como quem reflecte, devaneia ou espera uma

hora marcada.Não minto dizendo que esta ultima idéa trouxe-me a emoção do ciume. Sou exclusivo e pessoal; daria um triste amante de mulheres casadas. Não importa que entre mim e aquella dama existisse apenas uma contemplação fugitiva de algumas horas; desde que a minha personalidade ia para ella, a partilha tornava-se-me insupportavel. Sou tambem imaginoso; engenhei logo uma aventura e um aventureiro, dei-me ao prazer morbido de affligir-me sem motivo nem necessidade. As primas iam adiante, e falavam-me de quando em quando; eu respondia mal, se respondia alguma cousa. Cordialmente, execrava-as.

Ao chegar á porta de casa, consultei o relogio, como si tivesse alguma cousa que fazer; depois disse ás primas que subissem e fossem almoçando. Corri á rua da Misericordia. Fui primeiro até á Escola de Medicina; depois voltei e vim até a Camara dos Deputados, então mais devagar, esperando vel-a ao chegar a cada curva da rua; mas nem sombra. Era insensato, não era? Todavia, ainda subi outra vez a rua, porque adverti que, a pé e de vagar, mal teria tempo de ir em meio da praia de Santa Luzia, se acaso não parára antes; e ahi fui, rua acima e praia fóra, até o convento da Ajuda. Não encontrei nada,

cousa nenhuma. Nem por isso perdi as esperanças; arripiei caminho e vim, a passo lento ou apressado, conforme se me afigurava que era possivel apanhal-a adiante, ou dar tempo a que sahisse de alguma parte. Desde que a minha imaginação reproduzia a dama, todo eu sentia um abalo, como se realmente tivesse de vel-a d'ahi a alguns minutos. Comprehendi a emoção dos doudos.

Entretanto, nada. Desci a rua sem achar o menor vestigio da minha incognita. Felizes os cães, que pelo faro dão com os amigos! Quem sabe se não estaria alli bem perto, no interior de alguma casa, talvez a propria casa d'ella? Lembrou-me indagar; mas de quem, e como? Um padeiro, encostado ao portal espiava-me; algumas mulheres faziam a mesma cousa enfiando os olhos pelos postigos. Naturalmente desconfiavam do transeunte, do andar vagaroso ou apressado, do olhar inquisidor, do gesto inquieto. Deixei-me ir até á Camara dos Deputados, e parei uns cinco minutos, sem saber que fizesse. Era perto de meio-dia. Esperei mais dez minutos, depois mais cinco, parado, com a esperança de vel-a; afinal, desesperei e fui almoçar.

Não almocei em casa. Não queria ver os demonios das primas, que me impediram de seguir a

dama incognita. Fui a um hotel. Escolhi uma mesa no fim da sala, e sentei-me de costas para as outras; não queria ser visto nem conversado. Comecei a comer o que me deram. Pedi alguns jornaes, mas confesso que não li nada seguidamente, e apenas entendi tres quartas partes do que ia lendo. No meio de uma noticia ou de um artigo, escorregava-me o espirito e cahia na rua da Misericordia, á porta da egreja, vendo passar a incognita, vagarosa, cabisbaixa, apoiando-se no chapellinho de sol.

A ultima vez que me aconteceu essa separação da *outra* e da *besta*, estava já no café, e tinha diante de mim um discurso parlamentar. Achei-me ainda uma vez á porta da egreja; imaginei então que as primas não estavam commigo, e que eu seguia atraz da bella dama. Assim é que se consolam os preteridos da loteria; assim é que se fartam as ambições mallogradas.

Não me peçam minucias nem preliminares do encontro. Os sonhos desdenham as linhas finas e o acabado das paysagens; contentam-se de quatro ou cinco brochadas grossas, mas representativas. Minha imaginação galgou as difficuldades da primeira falla, e foi direita á rua do Lavradio ou dos Invalidos, á propria casa de Adriana. Chama-se Adriana.

Não viera á rua da Misericordia por motivos de amores, mas a ver alguem, uma parenta ou uma comadre, ou uma costureira. Conheceu-me, e teve egual commoção. Escrevi-lhe ; respondeu-me. Nossas pessoas foram uma para a outra por cima de uma multidão de regras moraes e de perigos. Adriana é casada ; o marido conta cincoenta e dous annos, ella trinta imperfeitos. Não amou nunca, não amou mesmo o marido, com quem casou por obedecer á familia. Eu ensinei-lhe ao mesmo tempo o amor e a traição ; é o que ella me diz nesta casinha que aluguei fóra da cidade, de proposito para nós.

Ouço-a embriagado. Não me enganei ; é a mulher ardente e amorosa, qual me diziam os seus olhos, olhos de touro, como os de Juno, grandes e redondos. Vive de mim e para mim. Escrevemo-nos todos os dias ; e, apezar d'isso, quando nos encontramos na casinha, é como se medeara um seculo. Creio até que o coração d'ella ensinou-me alguma cousa, embora noviço, ou por isso mesmo. N'esta materia desapprende-se com o uso e o ignorante é que é douto. Adriana não dissimula a alegria nem as lagrimas ; escreve o que pensa, conta o que sente ; mostra-me que não somos dois, mas um, tão sómente um ente universal, para quem Deus creou o sol e as flores, o

papel e a tinta, o correio e as carruagens fechadas.

Emquanto ideava isto, creio que acabei de beber o café ; lembra-me que o criado veiu á mesa e retirou a chicara e o assucareiro. Não sei se lhe pedi fogo, provavelmente viu-me com o charuto na mão e trouxe-me phosphoros.

Não juro, mais penso que accendi o charuto, porque d'ahi a um instante, atravez de um véu de fumaça, vi a cabeça meiga e energica da minha bella Adriana, encostada a um sophá. Eu estou de joelhos, ouvindo-lhe a narração da ultima rusga do marido. Que elle já desconfia ; ella sahe muitas vezes, distrahe-se, absorve-se, apparece-lhe triste ou alegre, sem motivo, e o marido começa a ameaçal-a. Ameaçal-a de que? Digo-lhe que, antes de qualquer excesso, era melhor deixal-o, para viver commigo, publicamente, um para o outro. Adriana escuta-me pensativa, cheia de Eva, namorada do demonio, que lhe sussurra de fóra o que o coração lhe diz de dentro. Os dedos affagam-me os cabellos.

— Pois sim! pois sim!

Veiu no dia seguinte, consigo mesma, sem marido, sem sociedade, sem escrupulos, tão sómente comsigo, e fomos d'alli viver juntos. Nem ostentação, nem resguardo. Suppuzemo-nos estrangeiros, e realmente

não eramos outra cousa; fallavamos uma lingua, que nunca ninguem antes fallara nem ouvira. Os outros amores eram, desde seculos, verdadeiras contrafacções; nós davamos a edição authentica. Pela primeira vez, imprimia-se o manuscripto divino, um grosso volume que nós dividiamos em tantos capitulos e paragraphos quantas eram as horas do dia ou os dias da semana. O estylo era tecido de sol e musica; a linguagem compunha-se da fina flôr dos outros vocabularios. Tudo o que n'elles existia, meigo ou vibrante, foi extrahido pelo autor para formar esse livro unico — livro sem indice, porque era infinito - sem margens, para que o fastio não viesse escrever n'ellas as suas notas, — sem fita, porque já não tinhamos precisão de interromper a leitura e marcar a pagina.

Uma voz chamou-me á realidade. Era um amigo que acordara tarde, e vinha almoçar. Nem o sonho me deixava esta outra prima de Sapucaia! Cinco minutos depois despedi-me e sahi; eram duas horas passadas.

Vexa-me dizer que ainda fui á rua da Misericordia, mas é preciso narrar tudo: fui e não achei nada. Voltei nos dias seguintes sem outro lucro, além do tempo perdido. Resignei-me a abrir mão

da aventura, ou esperar a solução do acaso. As primas achavam-me aborrecido ou doente; não lhes disse que não. D'ahi a oito dias, foram-se embora, sem me deixar saudades; despedi-me d'ellas como de uma febre maligna.

A imagem da minha incognita não me deixou durante muitas semanas. Na rua, enganei-me varias vezes. Descobria ao longe uma figura, que era tal qual a outra; picava os calcanhares, até apanhal-a e desenganar-me. Comecei a achar-me ridiculo; mas lá vinha uma hora ou um minuto, uma sombra ao longe, e a preoccupação revivia. Afinal vieram outros cuidados, e não pensei mais n'isso.

No principio do anno seguinte, fui a Petropolis; fiz a viagem com um antigo companheiro de estudos, Oliveira, que foi promotor em Minas-Geraes, mas abandonara ultimamente a carreira por ter recebido uma herança. Estava alegre como nos tempos da academia; mas de quando em quando calava-se, olhando para fóra da barca ou da caleça, com a atonia de quem regala a alma de uma recordação, de uma esperança ou de um desejo. No alto da serra perguntei-lhe para que hotel ia; respondeu que ia para uma casa particular, mas não me disse aonde, e até desconversou. Cuidei que me visita-

ria no dia seguinte ; mas nem me visitou, nem o vi em parte alguma. Outro collega nosso ouvira dizer que elle tinha uma casa para os lados da Rhenania.

Nenhuma d'estas circumstancias voltaria á memoria, se não fosse a noticia que me deram dias depois. Oliveira tirára uma mulher ao marido, e fôra refugiar-se com ella em Petropolis. Deram-me o nome do marido e o d'ella. O d'ella era Adriana. Confesso que, embora o nome da outra fosse pura invenção minha, estremeci ao ouvil-o ; não seria a mesma mulher ? Vi logo depois que era pedir muito ao acaso. Já faz bastante esse pobre official das cousas humanas, concertando alguns fios dispersos ; exigir que os reate a todos, e com os mesmos titulos, é saltar da realidade na novella. Assim fallou o meu bom senso, e nunca disse tão gravemente uma tolice, pois as duas mulheres eram nada menos que a mesmissima.

Vi-a tres semanas depois, indo visitar o Oliveira, que viera doente da côrte. Subimos juntos na vespera ; no meio da serra, começou elle a sentir-se incommodado ; no alto estava febril. Acompanhei-o no carro até a casa, e não entrei, porque elle dispensou-me o incommodo. Mas no dia seguinte fui

vel-o, um pouco por amizade, outro pouco por avidez de conhecer a incognita. Vi-a ; era ella, era a minha, era a unica Adriana.

Oliveira sarou depressa, e, apezar do meu zelo em visital-o, não me offereceu a casa ; limitou-se a vir ver-me no hotel. Respeitei-lhe os motivos ; mas elles mesmos é que faziam reviver a antiga preoccupação. Considerei que, além das razões de decoro, havia da parte d'elle um sentimento de ciume, filho de um sentimento de amor, e que um e outro podiam ser a prova de um complexo de qualidades finas e grandes n'aquella mulher. Isto bastava a transtornar-me ; mas a idéa de que a paixão d'ella não seria menor que a d'elle, o quadro d'esse casal que fazia uma só alma e pessoa, excitou em mim todos os nervos da inveja. Baldei esforços para ver se mettia o pé na casa ; cheguei a fallar-lhe do boato que corria ; elle sorria e tratava de outra cousa.

Acabou a estação de Petropolis, e elle ficou. Creio que desceu em julho ou agosto. No fim do anno encontrámo-nos casualmente ; achei-o um pouco taciturno e preoccupado. Vi-o ainda outras vezes, e não me pareceu differente, a não ser que, além de taciturno, trazia na physionomia uma longa préga

de desgosto. Imaginei que eram effeitos da aventura, e, como não estou aqui para empulhar ninguem, accrescento que tive uma sensação de prazer. Durou pouco; era o demonio que trago em mim, e costuma fazer d'esses esgares de saltimbanco. Mas castiguei-o depressa, e puz no logar d'elle o anjo, que tambem uso, e que se compadeceu do pobre rapaz, qualquer que fosse o motivo da tristeza.

Um visinho d'elle, amigo nosso, contou-me alguma cousa, que me confirmou a suspeita de desgostos domesticos; mas foi elle mesmo quem me disse tudo, um dia, perguntando-lhe eu, estouvadamente o que é que tinha que o mudára tanto.

— Que hei de ter? Imagina tu que comprei um bilhete de loteria, e nem tive, ao menos, o gosto de não tirar nada; tirei um escorpião.

E, como eu franzisse a testa interrogativamente:

— Ah! se soubesses metade só das cousas que me têm acontecido! Tens tempo? Vamos aqui ao Passeio Publico.

Entrámos no jardim, e mettemo-nos por uma das alamedas. Contou-me tudo. Gastou duas horas em desfiar um rosario infinito de miserias. Vi atravez da narração duas indoles incompativeis, unidas pelo amor ou pelo peccado, fartas uma da outra, mas con-

demnadas á convivencia e ao odio. Elle nem podia deixal-a nem supportal-a. Nenhuma estima, nenhum respeito, alegria rara e impura; uma vida gorada.

— Gorada, repetia elle, gesticulando affirmativamente com a cabeça. Não tem que ver; a minha vida gorou. Has de lembrar-te dos nossos planos da academia, quando nos propunhamos, tu a ministro do imperio, eu da justiça. Pódes guardar as duas pastas; não serei nada, nada. O ovo, que devia dar uma aguia, não chega a dar um frango. Gorou completamente. Ha anno e meio que ando n'isso, e não acho sahida nenhuma; perdia a energia...

Seis mezes depois, encontrei-o afflicto e desvairado. Adriana deixara-o para ir estudar geometria com um estudante da antiga Escola Central. Tanto melhor, disse-lhe eu. Oliveira olhou para o chão envergonhado; despediu-se, e correu em procura d'ella. Achou-a d'ahi a algumas semanas, disseram as ultimas um ao outro, e no fim reconciliaram-se. Comecei então a visital-os, com a idéa de os separar um do outro. Ella estava ainda bonita e fascinante; as maneiras eram finas e meigas, mas evidentemente de emprestimo, acompanhadas de umas attitudes e gestos, cujo intuito latente era attrahir-me e arrastar-me.

Tive medo e retrahi-me. Não se mortificou; deitou fóra a capa de renda, restituiu-se ao natural. Vi então que era ferrenha, manhosa, injusta, muita vez grosseira; em alguns lances notei-lhe uma nota de perversidade. Oliveira, nos primeiros tempos, para fazer-me crer que mentira ou exagerára, supportava tudo rindo; era a vergonha da propria fraqueza. Mas não pôde guardar a mascara; ella arrancou-lh'a um dia, sem piedade, denunciando as humilhações em que elle cahia, quando eu não estava presente. Tive nojo da mulher e pena do pobre diabo. Convidei-o abertamente a deixal-a, elle hesitou, mas prometteu que sim.

— Realmente, não posso mais...

Combinamos tudo; mas no momento da separação, não pôde. Ella embebeu-lhe novamente os seus grandes olhos de touro e de basilisco, e d'esta vez, — ó minhas queridas primas de Sapucaia! — d'esta vez para só deixal-o exhausto e morto.

FIM DAS PRIMAS DE SAPUCAIA!

UMA SENHORA

Nunca encontro esta senhora que me não lembre a prophecia de uma lagartixa ao poeta Heine, subindo os Appeninos: « Dia virá em que as pedras serão plantas, as plantas animaes, os animaes homens e os homens deuses. » E dá-me vontade de dizer-lhe: — A senhora, D. Camilla, amou tanto a mocidade e a belleza, que atrazou o seu relogio, afim de ver se podia fixar esses dois minutos de crystal. Não se desconsole, D. Camilla. No dia da lagartixa, a senhora será Hebe, deusa da juventude; a senhora nos dará a beber o nectar da perennidade com as suas mãos eternamente moças.

A primeira vez que a vi, tinha ella trinta e seis annos, posto só parecesse trinta e dous, e não passasse da casa dos vinte e nove. Casa é um modo de dizer. Não ha castello mais vasto do que a vivenda d'estes bons amigos, nem tratamento mais obsequioso

do que o que elles sabem dar ás suas hospedes. Cada vez que D. Camilla queria ir-se embora, elles pediam-lhe muito que ficasse, e ella ficava. Vinham então novos folguedos, cavalhadas, musica, dansa, uma successão de cousas bellas, inventadas com o unico fim de impedir que esta senhora seguisse o seu caminho.

— Mamãi, mamãi, dizia-lhe a filha crescendo, vamos embora, não podemos ficar aqui toda a vida.

D. Camilla olhava para ella mortificada, depois sorria, dava-lhe um beijo e mandava-a brincar com as outras creanças. Que outras creanças? Ernestina estava então entre quatorze e quinze annos, era muito espigada, muito quieta, com uns modos naturaes de senhora. Provavelmente não se divertiria com as meninas de oito e nove annos; não importa, uma vez que deixasse a mãi tranquilla, podia alegrar-se ou enfadar-se. Mas, ai triste! ha um limite para tudo, mesmo para os vinte e nove annos. D. Camilla resolveu, emfim, despedir-se d'essses dignos amphytriões, e fel-o ralada de saudades. Elles ainda instaram por uns cinco ou seis mezes de quebra; a bella dama respondeu-lhes que era impossivel e, trepando no alazão do tempo, foi alojar-se na casa dos trinta.

Ella era, porém, d'aquella casta de mulheres que riem do sol e dos almanaks. Côr de leite, fresca, inalteravel, deixava ás outras o trabalho de envelhecer. Só queria o de existir. Cabello negro, olhos castanhos e callidos. Tinha as espaduas e o collo feitos de encommenda para os vestidos decotados, e assim tambem os braços, que eu não digo que eram os da Venus de Milo, para evitar uma vulgaridade, mas provavelmente não eram outros. D. Camilla sabia d'isto; sabia que era bonita, não só porque lh'o dizia o olhor sorrateiro das outras damas, como por um certo instincto que a belleza possue, como o talento e o genio. Resta dizer que era casada, que o marido era ruivo, e que os dois amavam-se como noivos; finalmente, que era honesta. Não o era, note-se bem, por temperamento, mas por principio, por amor ao marido, e creio que um pouco por orgulho.

Nenhum defeito, pois, excepto o de retardar os annos; mas é isso um defeito? Ha, não me lembra em que pagina da Escriptura, naturalmente nos Prophetas, uma comparação dos dias com as aguas de um rio que não voltam mais. D. Camilla queria fazer uma represa para seu uso. No tumulto d'esta marcha continua entre o nascimento e a morte, ella apegava-se á illusão da estabilidade. Só se lhe podia exigir que

não fosse ridicula, e não o era. Dir-me-ha o leitor que a belleza vive de si mesma, e que a preoccupação do calendario mostra que esta senhora vivia principalmente com os olhos na opinião. E' verdade; mas como quer que vivam as mulheres do nosso tempo?

D. Camilla entrou na casa dos trinta e não lhe custou passar adiante. Evidentemente o terror era uma superstição. Duas ou tres amigas intimas, nutridas de arithemetica, continuavam a dizer que ella perdera a conta dos annos. Não advertiam que a natureza era complice no erro, e que aos quarenta annos (verdadeiros), D. Camilla trazia um ar de trinta e poucos. Restava um recurso: espiar-lhe o primeiro cabello branco, um fiosinho de nada, mas branco. Em vão espiavam; o demonio do cabello parecia cada vez mais negro.

N'isto enganavam-se. O fio branco estava alli; era a filha de D. Camilla que entrava nos dezenove annos, e, por mal de peccados, bonita. D. Camilla prolongou, quanto poude, os vestidos adolescentes da filha, conservou-a no collegio até tarde, fez tudo para proclamal-a creança. A natureza, porem, que não é só immoral, mas tambem illogica, emquanto sofreava os annos de uma, afrouxava a redea aos da outra, e

Ernestina, moça feita, entrou radiante no primeiro baile. Foi uma revelação. D. Camilla adorava a filha; saboreou-lhe a gloria a tragos demorados. No fundo do copo achou a gotta amarga e fez uma carêta. Chegou a pensar na abdicação; mas um grande prodigo de phrases feitas disse-lhe que ella parecia a irmã mais velha da filha, e o projecto desfez-se. Foi d'essa noite em diante que D. Camilla entrou a dizer a todos que casára muito creança.

Um dia, poucos mezes depois, apontou no horisonte o primeiro namorado. D. Camilla pensára vagamente n'essa calamidade, sem encaral-a, sem apparelhar-se para a defeza. Quando menos esperava, achou um pretendente á porta. Interrogou a filha; descobriu-lhe um alvoroço indefinivel, a inclinação dos vinte annos, e ficou prostrada. Casal-a era o menos; mas, se os seres são como as aguas da Escriptura, que não voltam mais, é porque atraz d'elles vêm outros, como atraz das aguas outras aguas; e, para definir essas ondas successivas é que os homens inventaram este nome de netos. D. Camilla viu imminente o primeiro neto, e determinou adial-o. Está claro que não formulou a resolução, como não formulára a idéa do perigo. A alma entende-se a si mesma; uma sensação vale um raciocinio. As que ella teve foram rapidas,

obscuras, no mais intimo do seu ser, d'onde não as extrahiu para não ser obrigada a encaral-as.

— Mas que é que você acha de máo no Ribeiro? perguntou-lhe o marido, uma noite, á janella.

D. Camilla levantou os hombros. — Acho-lhe o nariz torto, disse.

— Máo! Você está nervosa; fallemos de outra cousa, respondeu o marido. E, depois, de olhar uns dous minutos para a rua, cantarolando na garganta, tornou ao Ribeiro, que achava um genro aceitavel, e se lhe pedisse Ernestina, entendia que deviam ceder-lh'a. Era intelligente e educado. Era tambem o herdeiro provavel de uma tia de Cantagallo. E depois tinha um coração de ouro. Contavam-se d'elle cousas muito bonitas. Na academia, por exemplo... D. Camilla ouviu o resto, batendo com a ponta do pé no chão e rufando com os dedos a sonata da impaciencia; mas, quando o marido lhe disse que o Ribeiro esperava um despacho do ministro de estrangeiros, um logar para os Estados-Unidos, não poude ter-se e cortou-lhe a palavra.

— O que? separar-me de minha filha. Não, senhor.

Em que dóse entrára n'este grito o amor materno e o sentimento pessoal, é um problema difficil de

resolver, principalmente agora, longe dos acontecimentos e das pessoas. Supponhamos que em partes eguaes. A verdade é que o marido não soube que inventar para defender o ministro de estrangeiros, as necessidades diplomaticas, a fatalidade do matrimonio, e, não achando que inventar, foi dormir. Dois dias depois veiu a nomeação. No terceiro dia, a moça declarou ao namorado que não a pedisse ao pai, porque não queria separar-se da familia. Era o mesmo que dizer: prefiro a familia ao senhor. E' verdade que tinha a voz tremula e sumida, e um ar de profunda consternação; mas o Ribeiro viu tão sómente a rejeição, e embarcou. Assim acabou a primeira aventura.

D. Camilla padeceu com o desgosto da filha; mas consolou-se depressa. Não faltam noivos, reflectiu ella. Para consolar a filha, levou-a a passeiar a toda parte. Eram ambas bonitas, e Ernestina tinha a frescura dos annos; mas a belleza da mãi era mais perfeita, e apezar dos annos, superava a da filha. Não vamos ao ponto de crêr que o sentimento da superioridade é que animava D. Camilla a prolongar e repetir os passeios. Não: o amor materno, só por si, explica tudo. Mas concedamos que animasse um pouco. Que mal ha n'isso? Que mal ha em que um

bravo coronel defenda nobremente a patria, e as suas dragonas? Nem por isso acaba o amor da patria e o amor das mãis.

Mezes depois despontou a orelha de um segundo namorado. D'esta vez era um viuvo, advogado, vinte e sete annos. Ernestina não sentiu por elle a mesma emoção que o outro lhe dera; limitou-se a aceital-o. D. Camilla farejou depressa a nova candidatura. Não podia allegar nada contra elle; tinha o nariz recto como a consciencia, e profunda aversão á vida diplomatica. Mas haveria outros defeitos, devia haver outros. D. Camilla buscou-os com alma; indagou de suas relações, habitos, passado. Conseguiu achar umas cousinhas miudas, tão sómente a unha da imperfeição humana, alternativas de humor, ausencia de graças intellectuaes, e, finalmente, um grande excesso de amor proprio. Foi n'este ponto que a bella dama o apanhou. Começou a levantar vagarosamente a muralha do silencio; lançou primeiro a camada das pausas, mais ou menos longas, depois as phrases curtas, depois os monosyllabos, as distracções, as absorpções, os olhares complacentes, os ouvidos resignados, os bocejos fingidos por traz da ventarola. Elle não entendeu logo; mas, quando reparou que os enfados da mãi coincidiam com as

ausencias da filha, achou que era alli de mais e retirou-se. Se fosse homem de luta, tinha saltado a muralha; mas era orgulhoso e fraco. D. Camilla deu graças aos deuses.

Houve um trimestre de respiro. Depois appareceram alguns namoricos de uma noite, insectos ephemeros, que não deixaram historia. D. Camilla comprehendeu que elles tinham de multiplicar-se, até vir algum decisivo que a obrigasse a ceder; mas ao menos, dizia ella a si mesma, queria um genro que trouxesse á filha a mesma felicidade que o marido lhe deu. E, uma vez, ou para robustecer este decreto da vontade, ou por outro motivo, repetiu o conceito em voz alta, embora só ella pudesse ouvil-o. Tu, psychologo subtil, pódes imaginar que ella queria convencer-se a si mesma; eu prefiro contar o que lhe aconteceu em 186....

Era de manhã. D. Camilla estava ao espelho, a janella aberta, a chácara verde e sonora de cigarras e passarinhos. Ella sentia em si a harmonia que a ligava ás cousas externas. Só a belleza intellectual é independente e superior. A belleza physica é irmã da paysagem. D. Camilla saboreava essa fraternidade intima, secreta, um sentimento de identidade, uma recordação da vida anterior no mesmo utero

divino. Nenhuma lembrança desagradavel, nenhuma occurrencia vinha turvar essa expansão mysteriosa. Ao contrario, tudo parecia embebel-a de eternidade, e os quarenta e dous annos em que ia não lhe pesavam mais do que outras tantas folhas de rosa. Olhava para fóra, olhava para o espelho. De repente, como se lhe surdisse uma cobra, recuou atterrada. Tinha visto, sobre a fonte esquerda, um cabellinho branco. Ainda cuidou que fosse do marido; mas reconheceu depressa que não, que era d'ella mesma, um telegramma da velhice, que ahi vinha a marchas forçadas. O primeiro sentimento foi de prostração. D. Camilla sentiu faltar-lhe tudo, tudo, viu-se encanecida e acabada no fim de uma semana.

— Mamãi, mamãi, bradou Ernestina, entrando na saleta. Está aqui o camarote que papai mandou.

D. Camilla teve um sobresalto de pudor, e instinctivamente voltou para a filha o lado que não tinha o fio branco. Nunca a achou tão graciosa e lepida. Fitou-a com saudade. Fitou-a tambem com inveja, e, para abafar este sentimento máu, pegou no bilhete de camarote. Era para aquella mesma noite. Uma idéa expelle outra; D. Camilla anteviu-se no meio das luzes e das gentes, e depressa levantou o coração. Ficando só, tornou a olhar para

o espelho, e corajosamente arrancou o cabellinho branco, e deitou-o á chacara. *Out, damnet spot! Out!* Mais feliz do que a outra lady Macbeth, viu assim desapparecer a nodoa no ar, porque no animo d'ella, a velhice era um remorso, e a fealdade um crime. Sae, maldita mancha! sae!

Mas, se os remorsos voltam, porque não hão de voltar os cabellos brancos? Um mez depois, D. Camilla descobriu outro, insinuado na bella e farta madeixa negra, e amputou-o sem piedade. Cinco ou seis semanas depois, outro. Este terceiro coincidiu com um terceiro candidato á mão da filha, e ambos acharam D. Camilla n'uma hora de prostração. A belleza, que lhe supprira a mocidade, parecia-lhe prestes a ir tambem, como uma pomba sae em busca da outra. Os dias precipitavam-se. Creanças que ella vira ao collo, ou de carrinho empuxado pelas amas, dansavam agora nos bailes. Os que eram homens fumavam; as mulheres cantavam ao piano. Algumas d'estas apresentavam-lhe os seus *babies*, gorduchos, uma segunda geração que mamava, á espera de ir bailar tambem, cantar ou fumar, apresentar outros *babies* a outras pessoas, e assim por diante.

D. Camilla, apenas tergiversou um pouco, acabou cedendo. Que remedio, senão aceitar um genro?

Mas, como um velho costume não se perde de um dia para outro, D. Camilla viu parallelamente, n'aquella festa do coração, um scenario e grande scenario. Preparou-se galhardamente, e o effeito correspondeu ao esforço. Na egreja, no meio de outras damas; na sala, sentada no sophá (o estofo que forrava este movel, assim como o papel da parede foram sempre escuros para fazer sobresahir a tez de D. Camilla), vestida a capricho, sem o requinte da extrema juventude, mas tambem sem a rigidez matronal, um meio termo apenas, destinado a pôr em relevo as suas graças outoniças, risonha, e feliz, emfim, a recente sogra colheu os melhores suffragios. Era certo que ainda lhe pendia dos hombros um retalho de purpura.

Purpura suppõe dynastia. Dynastia exige netos. Restava que o Senhor abençoasse a união, e elle abençoou-a, no anno seguinte. D. Camilla acostumara-se a idéa; mas era tão penoso abdicar, que ella aguardava o neto com amor e repugnancia. Esse importuno embryão, curioso da vida e pretencioso, era necessario na terra? Evidentemente, não; mas appareceu um dia, com as flores de Setembro. Durante a crise, D. Camilla só teve de pensar na filha; depois da crise, pensou na filha e no neto.

Só dias depois é que poude pensar em si mesma. Emfim, avó. Não havia duvidar; era avó. Nem as feições que eram ainda concertadas, nem os cabellos, que eram pretos(salvo meia duzia de fios escondidos), podiam por si sós denunciar a realidade; mas a realidade existia; ella era, emfim, avó.

Quiz recolher-se; e para ter o neto mais perto de si, chamou a filha para casa. Mas a casa não era um mosteiro,e as ruas e os jornaes com os seus mil rumores acordavam n'ella os echos de outro tempo. D. Camilla rasgou o acto de abdicação e tornou ao tumulto.

Um dia, encontrei-a ao lado de uma preta, que levava ao collo uma creança de cinco a seis mezes. D. Camilla segurava na mão o chapellinho de sol aberto para cobrir a creança. Encontrei-a oito dias depois, com a mesma creança, a mesma preta e o mesmo chapéu de sol. Vinte dias depois, e trinta dias mais tarde, tornei a vel-a, entrando para o bond, com a preta e a creança. — Você já deu de mamar? dizia ella á preta. Olhe o sol. Não vá cahir. Não aperte muito o menino. Acordou? Não mexa com elle. Cubra a carinha, etc., etc.

Era o neto. Ella, porém, ia tão apertadinha, tão cuidadosa da creança, tão a miudo, tão sem outra

senhora, que antes parecia mãi do que avó; e muita gente pensava que era mãi. Que tal fosse a intenção de D. Camilla não o juro eu. (« Não jurarás », MATH. V, 34). Tão sómente digo que nenhuma outra mãi seria mais desvellada do que D. Camilla com o neto; attribuirem-lhe um simples filho era a cousa mais verosimil do mundo.

FIM DE UMA SENHORA.

ANECDOTA PECUNIARIA

Chama-se Falcão o meu homem. N'aquelle dia — quatorze de Abril de 1870 — quem lhe entrasse em casa, ás dez horas da noite, vel-o-hia passear na sala, em mangas de camisa, calça preta e gravata branca, resmungando, gesticulando, suspirando, evidentemente afflicto. A's vezes, sentava-se; outras, encostava-se á janella, olhando para a praia, que era a da Gambôa. Mas, em qualquer logar ou attitude, demorava-se pouco tempo.

— Fiz mal, dizia elle, muito mal. Tão minha amiga que ella era! tão amorosa! Ia chorando, coitadinha! Fiz mal, muito mal... Ao menos, que seja feliz!

Se eu disser que este homem vendeu uma sobrinha, não me hão de crer; se descer a definir o preço, dez contos de réis, voltar-me-hão as costas com desprezo e indignação. Entretanto, basta ver este olhar felino, estes dois beiços, mestres de calculo, que,

ainda fechados, parecem estar contando alguma cousa, para adivinhar logo que a feição capital do nosso homem é a voracidade do lucro. Entendamo-nos: elle faz arte pela arte, não ama o dinheiro pelo que elle póde dar, mas pelo que é em si mesmo! Ninguem lhe vá fallar dos regalos da vida. Não tem cama fofa, nem mesa fina, nem carruagem, nem commenda. Não se ganha dinheiro para esbanjal-o, dizia elle. Vive de migalhas; tudo o que amontoa é para a contemplação. Vai muitas vezes á burra, que está na alcova de dormir, com o unico fim de fartar os olhos nos rolos de ouro e maços de titulos. Outras vezes, por um requinte de erotismo pecuniario, contempla-os só de memoria. N'este particular, tudo o que eu pudesse dizer, ficaria abaixo de uma palavra d'elle mesmo, em 1857.

Já então millionario, ou quasi, encontrou na rua dois meninos, seus conhecidos, que lhe perguntaram se uma nota de cinco mil réis, que lhes dera um tio, era verdadeira. Corriam algumas notas falsas, e os pequenos lembraram-se d'isso em caminho. Falcão ia com um amigo. Pegou tremulo na nota, examinou-a bem, virou-a, revirou-a...

— E' falsa? perguntou com impaciencia um dos meninos.

— Não; é verdadeira.

— Dê cá, disseram ambos.

Falcão dobrou a nota vagarosamente, sem tirar-lhe os olhos de cima; depois, restituiu-a aos pequenos, e, voltando-se para o amigo, que esperava por elle, disse-lhe com a maior candura do mundo:

— Dinheiro, mesmo quando não é da gente, faz gosto vêr.

Era assim que elle amava o dinheiro, até á contemplação desinteressada. Que outro motivo podia leval-o a parar, diante das vitrinas dos cambistas, cinco, dez, quinze minutos, lambendo com os olhos os montes de libras e francos, tão arrumadinhos e amarellos? O mesmo sobresalto com que pegou na nota de cinco mil réis, era um rasgo subtil, era o terror da nota falsa. Nada aborrecia tanto, como os moedeiros falsos, não por serem criminosos, mas prejudiciaes, por desmoralisarem o dinheiro bom.

A linguagem do Falcão valia um estudo. Assim é que, um dia, em 1864, voltando do enterro de um amigo, referiu o explendor do prestito, exclamando com enthusiasmo: — « Pegavam no caixão tres mil contos! » E, como um dos ouvintes não o entendesse logo, concluiu do espanto, que duvidava d'elle, e discriminou a affirmação: — « Fulano quatro-

centos, Sicrano seiscentos... Sim, senhor, seiscentos; ha dois annos, quando desfez a sociedade com o sogro, ia em mais de quinhentos; mas supponhamos quinhentos... » E foi por diante, demonstrando, sommando e concluindo: — « Justamente, tres mil contos! »

Não era casado. Casar era botar dinheiro fóra. Mas os annos passaram, e aos quarenta e cinco entrou a sentir uma certa necessidade moral, que não comprehendeu logo, e era a saudade paterna. Não mulher, não parentes, mas um filho ou uma filha, se elle o tivesse, era como receber um patacão de ouro. Infelizmente, esse outro capital devia ter sido accumulado em tempo; não podia começal-o a ganhar tão tarde. Restava a loteria; a loteria deu-lhe o premio grande.

Morreu-lhe o irmão, e tres mezes depois a cunhada, deixando uma filha de onze annos. Elle gostava muito d'esta e de outra sobrinha, filha de uma irmã viuva; dava-lhes beijos, quando as visitava; chegava mesmo ao delirio de levar-lhes, uma ou outra vez, biscoitos. Hesitou um pouco, mas, emfim, recolheu a orphã; era a filha cobiçada. Não cabia em si de contente; durante as primeiras semanas, quasi não sahia de casa, ao pé d'ella, ouvindo-lhe historias e tolices.

Chamava-se Jacintha, e não era bonita; mas tinha a voz melodiosa e os modos fagueiros. Sabia ler e escrever; começava a aprendar musica. Trouxe o piano comsigo, o methodo e alguns exercicios; não pôde trazer o professor, porque o tio entendeu que era melhor ir praticando o que aprendera, e um dia... mais tarde... Onze annos, doze annos, treze annos, cada anno que passava era mais um vinculo que atava o velho solteirão á filha adoptiva, e vice-versa. Aos treze, Jacintha mandava na casa; aos dezesete era verdadeira dona. Não abusou do dominio; era naturalmente modesta, frugal, poupada.

— Um anjo! dizia o Falcão ao Chico Borges.

Este Chico Borges tinha quarenta annos, e era dono de um trapiche. Ia jogar com o Falcão, á noite. Jacintha assistia ás partidas. Tinha então dezoito annos; não era mais bonita, mas diziam todos « que estava enfeitando muito. » Era pequenina, e o trapicheiro adorava as mulheres pequeninas. Corresponderam-se, o namoro fez-se paixão.

— Vamos a ellas, dizia o Chico Borges ao entrar, pouco depois de ave-marias.

As cartas eram o chapéu de sol dos dous namorados. Não jogavam a dinheiro; mas o Falcão tinha

tal sêde ao lucro, que contemplava os proprios tentos, sem valor, e contava-os de dez em dez minutos, para ver se ganhava ou perdia. Quando perdia, cahia-lhe o rosto n'um desalento incuravel, e elle recolhia-se pouco a pouco ao silencio. Se a sorte teimava em perseguil-o, acabava o jogo, e levantava-se tão melancolico e cego, que a sobrinha e o parceiro podiam apertar a mão, uma, duas, tres vezes, sem que elle visse cousa nenhuma.

Era isto em 1869. No principio de 1870 Falcão propoz ao outro uma venda de acções. Não as tinha; mas farejou uma grande baixa, e contava ganhar de um só lance trinta a quarenta contos ao Chico Borges. Este respondeu-lhe finamente que andava pensando em offerecer-lhe a mesma cousa. Uma vez que ambos queriam vender e nenhum comprar, podiam juntar-se e propor a venda a um terceiro. Acharam o terceiro, e fecharam o contracto a sessenta dias. Falcão estava tão contente, ao voltar do negocio, que o socio abriu-lhe o coração e pediu-lhe a mão de Jacintha. Foi o mesmo que, se de repente, começasse a fallar turco. Falcão parou, embasbacado, sem entender. Que lhe désse a sobrinha? Mas então...

— Sim; confesso a vossê que estimaria muito

casar com ella, e ella... penso que tambem estimaria casar comingo.

— Qual, nada! interrompeu o Falcão. Não, senhor; está muito criança, não consinto.

— Mas reflicta...

— Não reflicto, não quero.

Chegou á casa irritado e aterrado. A sobrinha afagou-o tanto para saber o que era, que elle acabou contando tudo, e chamando-lhe esquecida e ingrata. Jacintha empallideceu; amava os dous, e via-os tão dados, que não imaginou nunca esse contraste de affeições. No quarto chorou á larga; depois escreveu uma carta ao Chico Borges pedindo-lhe pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, que não fizesse barulho nem brigasse com o tio; dizia-lhe que esperasse, e jurava-lhe um amor eterno.

Não brigaram os dois parceiros; mas as visitas foram naturalmente mais escassas e frias. Jacintha não vinha á sala, ou retirava-se logo. O terror do Falcão era enorme. Elle amava a sobrinha com um amor de cão, que persegue e morde aos extranhos. Queria-a para si, não como homem, mas como pai. A paternidade natural dá forças para o sacrificio da separação; a paternidade d'elle era de emprestimo, e, talvez, por isso mesmo, mais egoista. Nunca

pensara em perdel-a; agora, porém, eram trinta mil cuidados, janellas fechadas, advertencias á preta, uma vigilancia perpetua, um espiar os gestos e os ditos, uma campanha de D. Bartholo.

Entretanto, o sol, modelo de funccionarios, continuou a servir pontualmente os dias, um a um, até chegar aos dois mezes do prazo marcado para a entrega das acções. Estas deviam baixar, segundo a previsão dos dois; mas as acções, como as loterias e as batalhas, zombam dos calculos humanos. N'aquelle caso, além de zombaria, houve crueldade, porque nem baixaram, nem ficaram ao par; subiram até converter o esperado lucro de quarenta contos n'uma perda de vinte.

Foi aqui que o Chico Borges teve uma inspiração de genio. Na vespera, quando o Falcão, abatido e mudo, passeava na sala o seu desapontamento, propoz elle custear todo o *deficit*, se lhe désse a sobrinha. Falcão teve um deslumbramento.

— Que eu...?

— Isso mesmo, interrompeu o outro, rindo.

— Não, não...

Não quiz; recusou tres e quatro vezes. A primeira impressão fôra de alegria, eram os dez contos na algibeira. Mas a idéa de separar-se de Jacintha

era insupportavel, e recusou. Dormiu mal. De manhã, encarou a situação, pesou as cousas, considerou que, entregando Jacintha ao outro, não a perdia inteiramente, ao passo que os dez contos iam-se embora. E, depois, se ella gostava d'elle e elle d'ella, porque razão separal-os? Todas as filhas casam-se, e os pais contentam-se de as vêr felizes. Correu á casa do Chico Borges, e chegaram a accordo.

— Fiz mal, muito mal, bradava elle na noite do casamento. Tão minha amiga que ella era! Tão amorosa! Ia chorando, coitadinha... Fiz mal, muito mal.

Cessára o terror dos dez contos; começára o fastio da solidão. Na manhã seguinte, foi visitar os noivos. Jacintha não se limitou a regalal-o com um bom almoço, encheu-o de mimos e affagos; mas nem estes, nem o almoço lhe restituiram a alegria. Ao contrario, a felicidade dos noivos entristeceu-o mais. Ao voltar para casa não achou a carinha meiga de Jacintha. Nunca mais lhe ouviria as cantigas de menina e moça; não seria ella quem lhe faria o chá, quem lhe traria, á noite, quando elle quizesse ler, o velho tomo ensebado do *Saint-Clair das Ilhas*, dadiva de 1850.

— Fiz mal, muito mal...

Para remediar o mal feito, transferiu as cartas

para a casa da sobrinha, e ia lá jogar, á noute, com o Chico Borges. Mas a fortuna, quando flagella um homem, corta-lhe todas as vazas. Quatro mezes depois, os recem-casados foram para a Europa; a solidão alargou-se de toda a extensão do mar. Falcão contava então cincoenta e quatro annos. Já estava mais consolado do casamento de Jacintha; tinha mesmo o plano de ir morar com elles, ou de graça, ou mediante uma pequena retribuição, que calculou ser muito mais economico do que a despeza de viver só. Tudo se esboroou; eil-o outra vez na situação de oito annos antes, com a differença que a sorte arrancára-lhe a taça entre dous goles.

Vai senão quando cai-lhe outra sobrinha em casa. Era a filha da irmã viuva, que morreu e lhe pediu a esmola de tomar conta d'ella. Falcão não prometteu nada, por que um certo instincto o levava a não prometter cousa nenhuma a ninguem, mas a verdade é que recolheu a sobrinha, tão depressa a irmã fechou os olhos. Não teve constrangimento; ao contrario, abriu-lhe as portas de casa, com um alvoroço de namorado, e quasi abençoou a morte da irmã. Era outra vez a filha perdida.

— Esta ha de fechar-me os olhos, dizia elle comsigo.

Não era facil. Virginia tinha dezoito annos, fei-

ções lindas e originaes; era grande e vistosa. Para evitar que lh'a levassem, Falcão começou por onde acabara da primeira vez: — janellas cerradas, advertencias á preta, raros passeios, só com elle e de olhos baixos. Virginia não se mostrou enfadada. — Nunca fui janelleira, dizia ella, e acho muito feio que uma moça viva com o sentido na rua. Outra cautella do Falcão foi não trazer para casa senão parceiros de cincoenta annos para cima ou casados. Emfim, não cuidou mais da baixa das acções. E tudo isso era desnecessario, porque a sobrinha não cuidava realmente senão d'elle e da casa. A's vezes, como a vista do tio começava a diminuir muito, lia-lhe ella mesma alguma pagina do *Saint-Clair das Ilhas*. Para supprir os parceiros, quando elles faltavam, apprendeu a jogar cartas, e, entendendo que o tio gostava de ganhar, deixava-se sempre perder. Ia mais longe: quando perdia muito, fingia-se zangada ou triste, com o unico fim de dar ao tio um accrescimo de prazer. Elle ria então á larga, mofava d'ella, achava-lhe o nariz comprido, pedia um lenço para enxugar-lhe as lagrimas; mas não deixava de contar os seus tentos de dez em dez minutos, e se algum cahia no chão (eram grãos de milho) descia a vela para apanhal-o.

No fim de tres mezes, Falcão adoeceu. A molestia não foi grave nem longa ; mas o terror da morte apoderou-se-lhe do espirito, e foi então que se pôde vêr toda a affeição que elle tinha á moça. Cada visita que se lhe chegava, era recebida com rispidez, ou pelo menos com sequidão. Os mais intimos padeciam mais, porque elle dizia-lhes brutalmente que ainda não era cadaver, que a carniça ainda estava viva, que os urubús enganavam-se de cheiro, etc. Mas nunca Virginia achou n'elle um só instante de máu humor. Falcão obedecia lhe em tudo, com uma passividade de creança, e quando ria, é porque ella o fazia rir.

— Vamos, tome o remedio, deixe-se disso, vosmecê agora é meu filho. . .

Falcão sorria e bebia a droga. Ella sentava-se ao pé da cama, contando-lhe historias, espiava o relogio para dar-lhe os caldos ou a gallinha, lia-lhe o sempiterno *Saint-Clair*. Veiu a convalecença. Falcão sahiu a alguns passeios, acompanhado de Virginia. A prudencia com que esta, dando-lhe o braço, ia mirando as pedras da rua, com medo de encarar os olhos de algum homem, encantavam o Falcão.

— Esta ha de fechar-me os olhos, repetia elle comsigo mesmo. Um dia, chegou a pensal-o em voz

alta : — Não é verdade que você me ha de fechar os olhos ?

— Não diga tolices !

Comquanto estivesse na rua, elle parou, apertou-lhe muito as mãos, agradecido, não achando que dizer. Se tivesse a faculdade de chorar, ficaria provavelmente com os olhos humidos. Chegando á casa, Virginia correu ao quarto para reler uma carta que lhe entregára na vespera uma D. Bernarda, amiga de sua mãi. Era datada de New-York, e trazia por unica assignatura este nome : Reginaldo. Um dos trechos dizia assim : « Vou d'aqui no paquete de 25. Espera-me sem falta. Não sei ainda se irei ver-te logo ou não. Teu tio deve lembrar-se de mim ; viu-me em casa de meu tio Chico Borges, no dia do casamento de tua prima... »

Quarenta dias depois, desembarcava este Reginaldo, vindo de New-York, com trinta annos feitos e trezentos mil dollars ganhos. Vinte e quatro horas depois visitou o Falcão, que o recebeu apenas com polidez. Mas o Reginaldo era fino e pratico ; atinou com a principal corda do homem, e vibrou-a. Contou-lhe os prodigios de negocio nos Estados-Unidos, as hordas de moedas que corriam de um a outro dos dous oceanos. Falcão ouvia deslumbrado, e pedia

mais. Então o outro fez-lhe uma extensa computação das companhias e bancos, acções, saldos de orçamento publico, riquezas particulares, receita municipal de New-York; descreveu-lhe os grandes palacios do commercio...

— Realmente, é um grande paiz, dizia o Falcão, de quando em quando. E depois de tres minutos de reflexão: — Mas, pelo que o senhor conta, só ha ouro?

— Ouro só, não; ha muita prata e papel; mas alli papel e ouro é a mesma cousa. E moedas de outras nações? Hei de mostrar-lhe uma collecção que trago. Olhe; para vêr o que é aquillo basta pôr os olhos em mim. Fui para lá pobre, com vinte e tres annos; no fim de sete annos, trago seiscentos contos.

Falcão estremeceu: — Eu, com a sua edade, confessou elle, mal chegaria a cem.

Estava encantado. Reginaldo disse-lhe que precisava de duas ou tres semanas, para lhe contar os milagres do dollar.

— Como é que o senhor lhe chama?

— Dollar.

— Talvez não acredite que nunca vi essa moeda.

Reginaldo tirou do bolso do collete um dollar e mostrou-lh'o. Falcão, antes de lhe pôr a mão, agar-

rou-o com os olhos. Como estava um pouco escuro, levantou-se e foi até á janella, para examinal-o bem — de ambos os lados; depois restituiu-o, gabando muito o desenho e a cunhagem, e accrescentando que os nossos antigos patacões eram bem bonitos.

As visitas repetiram-se. Reginaldo assentou de pedir a moça. Esta, porém, disse-lhe que era preciso ganhar primeiro as boas graças do tio; não casaria contra a vontade d'elle. Reginaldo não desanimou. Tratou de redobrar as finezas; abarrotou o tio de dividendos fabulosos.

— A proposito, o senhor nunca me mostrou a sua collecção de moedas, disse-lhe um dia o Falcão.

— Vá amanhã á minha casa.

Falcão foi. Reginaldo mostrou-lhe a collecção mettida n'um movel envidraçado por todos os lados. A sorpreza de Falcão foi extraordinaria; esperava uma caixinha com um exemplar de cada moeda, e achou montes de ouro, de prata, de bronze e de cobre. Falcão mirou-as primeiro de um olhar universal e collectivo; depois, começou a fixal-as especificadamente. Só conheceu as libras, os dollars e os francos; mas o Reginaldo nomeou-as todas: florins, corôas, rublos, drachmas, piastras, pesos, rupias, toda a numismatica do trabalho, concluiu elle poeticamente.

— Mas que paciencia a sua para ajuntar tudo isto! disse elle.

— Não fui eu que ajuntei, replicou o Reginaldo; a collecção pertencia ao espolio de um sujeito de Philadelphia. Custou-me uma bagatella: — cinco mil dollars.

Na verdade, valia mais. Falcão sahiu d'alli com a collecção na alma; fallou d'ella á sobrinha, e, imaginariamente, desarrumou e tornou a arrumar as moedas, como um amante desgrenha a amante para toucal-a outra vez. De noite sonhou que era um florim, que um jogador o deitava á mesa do *lansquenet*, e que elle trazia comsigo para a algibeira do jogador mais de duzentos florins. De manhã, para consolar-se, foi contemplar as proprias moedas que tinha na burra; mas não se consolou nada. O melhor dos bens é o que se não possue.

D'alli a dias, estando em casa, na sala, pareceu-lhe ver uma moeda no chão. Inclinou-se a apanhal-a; não era moeda, era uma simples carta. Abriu a carta distrahidamente e leu-a espantado: era de Reginaldo a Virginia...

— Basta! interrompe-me o leitor; adivinho o resto. Virginia casou com o Reginaldo, as moedas passaram ás mãos do Falcão, e eram falsas...

Não, senhor, eram verdadeiras. Era mais moral que, para castigo do nosso homem, fossem falsas; mas, ai de mim! eu não sou Seneca, não passo de um Suetonio que contaria dez vezes a morte de Cezar, se elle resussitasse dez vezes, pois não tornaria á vida, se não para tornar ao imperio.

FIM DE UMA ANECDOTA PECUNIARIA.

FULANO

Venha o leitor commigo assistir á abertura do testamento do meu amigo Fulano Beltrão. Conheceu-o? Era um homem de cerca de sessenta annos. Morreu hontem, dous de Janeiro de 1884, ás onze horas e trinta minutos da noite. Não imagina a força de animo que mostrou em toda a molestia. Cahiu na vespera de finados, e a principio suppunhamos que não fosse nada; mas a doença persistiu, e ao fim de dous mezes e poucos dias a morte o levou.

Eu confesso-lhe que estou curioso de ouvir o testamento. Ha de conter por força algumas determinações de interesse geral e honrosas para elle. Antes de 1863 não seria assim, porque até então era um homem muito mettido comsigo, reservado, morando no caminho do Jardim Botanico, para onde ia de omnibus ou de mula. Tinha a mulher e o filho vivos, a filha solteira, com treze annos. Foi n'esse

anno que elle começou a occupar-se com outras cousas, além da familia, revellando um espirito universal e generoso. Nada posso affirmar-lhe sobre a causa disto. Creio que foi uma apologia de amigo, por occasião d'elle fazer quarenta annos. Fulano Beltrão leu no *Jornal do Commercio*, no dia cinco de Março de 1864, um artigo anonymo em que se lhe diziam cousas bellas e exactas: — bom pai, bom esposo, amigo pontual, cidadão digno, alma levantada e pura. Que se lhe fizesse justiça, era muito; mas anonymamente, era raro.

— Você verá, disse Fulano Beltrão á mulher, você verá que isto é do Xavier ou do Castro; logo rasgaremos o capote.

Castro e Xavier eram dous habituados da casa, parceiros constantes do voltarete e velhos amigos do meu amigo. Costumavam dizer cousas amaveis, no dia cinco de março, mas era ao jantar, na intimidade da familia, entre quatro paredes; impressos, era a primeira vez que elle se benzia com elogios. Póde ser que me engane; mas estou que o expectaculo da justiça, a prova material de que as boas qualidades e ao boas acções não morrem no escuro, foi o que animou o meu amigo a dispersar-se, a apparecer, a divulgar-se, a dar á collectividade humana um

pouco das virtudes com que nasceu. Considerou que milhares de pessoas estariam lendo o artigo, á mesma hora em que o lia tambem; imaginou que o commentavam, que interrogavam, que confirmavam, ouviu mesmo, por um phenomeno de allucinação que a sciencia ha de explicar, e que não é raro, ouviu distinctamente algumas vozes do publico. Ouviu que lhe chamavam homem de bem, cavalheiro distincto, amigo dos amigos, laborioso, honesto, todos os qualificativos que elle vira empregados em outros, e que na vida de bicho do matto em que ia, nunca presumiu que lhe fossem — typographicamente — applicados.

— A imprensa é uma grande invenção, disse elle á mulher.

Foi ella, D. Maria Antonia, quem rasgou o capote; o artigo era do Xavier. Declarou este que só em attenção á dona casa confessava a auctoria; e accrescentou que a manifestação não sahira completa, porque a idéa d'elle era que o artigo fosse dado em todos os jornaes, não o tendo feito por havel-o acabado ás sete horas da noite. Não houve tempo de tirar cópias. Fulano Beltrão emendou essa falta, se falta se lhe podia chamar, mandando transcrever o artigo no *Diario do Rio* e o *Correio Mercantil*.

Quando mesmo, porém, este facto não désse causa á mudança de vida do nosso amigo, fica uma cousa de pé, a saber, que daquelle anno em diante, e propriamente do mez de março, é que elle começou a apparecer mais. Era até então um casmurro, que não ia ás assembléas das companhias, não votava nas eleições politicas, não frequentava theatros, nada, absolutamente nada. Já n'aquelle mez de março, a vinte e dous ou vinte ou vinte e tres, presenteou a Santa Casa da Misericordia com um bilhete da grande loteria de Hespanha, e recebeu uma honrosa carta do provedor, agradecendo em nome dos pobres. Consultou a mulher e os amigos, se devia publicar a carta ou guardal-a, parecendo-lhe que não a publicar era uma desattenção. Com effeito, a carta foi dada a vinte e seis de março, em todas as folhas, fazendo uma dellas commentarios desenvolvidos ácerca da piedade do doador. Das pessoas que leram esta noticia, muitas naturalmente ainda se lembravam do artigo do Xavier, e ligaram as duas occurencias: « Fulano Beltrão é aquelle mesmo que, etc.» primeiro alicerce da reputação de um homem.

E' tarde, temos de ir ouvir o testamento, não posso estar-lhe a contar tudo. Digo-lhe summariamente que as injustiças da rua começaram a ter

n'elle um vingador activo e discursivo ; que as miserias, principalmente as miserias dramaticas, filhas de um incendio ou inundação, acharam no meu amigo a iniciativa dos soccorros que, em taes casos, devem ser promptos e publicos. Ninguem como elle para um desses movimentos. Assim tambem com as alforias de escravos. Antes da lei de 28 de setembro de 1871, era muito commum apparecerem na Praça do Commercio crianças escravas, para cuja liberdade se pedia o favor dos negociantes. Fulano Beltrão iniciava tres quartas partes das subscripções, com tal exito, que em poucos minutos ficava o preço coberto.

A justiça que se lhe fazia, animava-o, e até lhe trazia lembranças que, sem ella, é possivel que nunca lhe tivessem acudido. Não fallo do baile que elle deu para celebrar a victoria de Riachuelo, porque era um baile planeado antes de chegar a noticia da batalha, e elle não fez mais do que attribuir-lhe um motivo mais alto do que a simples recreação de familia, metter o retrato do almirante Barroso no meio de um trophéu de armas navaes e bandeiras no salão de honra, em frente ao retrato do imperador, e fazer, á ceia, alguns brindes patrioticos, como tudo consta dos jornaes de 1865.

Mas aqui vai, por exemplo, um caso bem caracteristico da influencia que a justiça dos outros póde ter no nosso procedimento. Fulano Beltrão vinha um dia do thesouro, aonde tinha ido tratar de umas decimas. Ao passar pela egreja da Lampadosa, lembrou-se que fôra alli baptisado; e nenhum homem tem uma recordação d'estas, sem remontar o curso dos annos e dos acontecimentos, deitar-se outra vez no collo materno, rir e brincar, como nunca mais se ri nem brinca. Fulano Beltrão não escapou a este effeito; atravessou o adro, entrou na egreja, tão singela, tão modesta, e para elle tão rica e linda. Ao sahir, tinha uma resolução feita, que pôz por obra dentro de poucos dias: mandou de presente á Lampadosa um soberbo castiçal de prata, com duas datas, além do nome do doador — a data da doação e a do baptisado. Todos os jornaes deram esta noticia, e até a receberam em duplicata, porque a administração da egreja entendeu (com muita razão) que tambem lhe cumpria divulgal-a aos quatro ventos.

No fim de tres annos, ou menos, entrára o meu amigo nas cogitações publicas; o nome d'elle era lembrado, mesmo quando nenhum successo recente vinha suggeril-o, e não só lembrado como adjecti-

vado. Já se lhe notava a ausencia em alguns logares. Já o iam buscar para outros. D. Maria Antonia via assim entrar-lhe no Eden a serpente biblica, não para tental-a, mas para tentar a Adão. Com effeito, o marido ia a tantas partes, cuidava de tantas cousas, mostrava-se tanto na rua do Ouvidor, á porta do Bernardo, que afrouxou a convivencia antiga da casa. D. Maria Antonia disse-lh'o. Elle concordou que era assim, mas demonstrou-lhe que não podia ser de outro modo, e, em todo caso, se mudara de costumes, não mudara de sentimentos. Tinha obrigações moraes com a sociedade; ninguem se pertence exclusivamente; d'ahi um pouco de dispersão dos seus cuidados. A verdade é que tinham vivido demasiadamente reclusos; não era justo nem bonito. Não era mesmo conveniente; a filha caminhava para a edade do matrimonio, e casa fechada cria morrinha de convento; por exemplo, um carro, porque é que não teriam um carro? D. Maria Antonia sentiu um arrepio de prazer, mas curto; protestou logo, depois de um minuto de reflexão.

— Não; carro para que? Não; deixemo-nos de carro.

— Já está comprado, mentiu o marido.

Mas aqui chegamos ao juizo da provedoria. Não

veiu ainda ninguem; esperemos á porta. Tem pressa? São vinte minutos no maximo. Pois é verdade, comprou uma linda victoria; e, para quem, só por modestia, andou tantos annos ás costas de mula ou apertado n'um omnibus, não era facil acostumar-se logo ao novo vehiculo. A isso attribuo eu as attitudes salientes e inclinadas com que elle andava, nas primeiras semanas, os olhos que estendia a um lado e outro, á maneira de pessoa que procura alguem ou uma casa. Afinal acostumou-se; passou a usar das attitudes reclinadas, embora sem um certo sentimento de indifferença ou despreoccupação, que a mulher e a filha tinham muito bem, talvez por serem mulheres. Ellas, aliás, não gostavam de sahir de carro; mas elle teimava tanto que sahissem, que fossem a toda a parte, e até a parte nenhuma, que não tinham remedio senão obedecer-lhe; e, na rua, era sabido, mal vinha ao longe a ponta do vestido de duas senhoras, e na almofada um certo cocheiro, toda a gente dizia logo: — ahi vem a familia de Fulano Beltrão. E isto mesmo, sem que elle talvez o pensasse, tornava-o mais conhecido.

No anno de 1868 deu entrada na politica. Sei do anno porque coincidiu com a quéda dos liberaes e a subida dos conservadores. Foi em março ou abril de

1868 que elle declarou adherir á situação, não á socapa, mas estrepitosamente. Este foi, talvez, o ponto mais fraco da vida do meu amigo. Não tinha idéas politicas; quando muito, dispunha de um d'esses temperamentos que substituem as idéas, e fazem crer que um homem pensa, quando simplesmente transpira. Cedeu, porém, a uma allucinação de momento. Viu-se na camara vibrando um aparte, ou inclinado sobre a balaustrada, em conversa com o presidente do conselho, que sorria para elle, n'uma intimidade grave de governo. E ahi é que a galeria, na exacta accepção do termo, tinha de o contemplar. Fez tudo o que poude para entrar na camara; a meio caminho cahiu a situação. Voltando do atordoamento, lembrou-se de affirmar ao Itaborahy o contrario do que dissera ao Zacarias, ou antes a mesma cousa; mas perdeu a eleição, e deu de mão á politica. Muito mais acertado andou, mettendo-se na questão da maçonaria com os prelados. Deixára-se estar quedo, a principio; por um lado, era maçon; por outro, queria respeitar os sentimentos religiosos da mulher. Mas o conflicto tomou taes proporções que elle não podia ficar calado; entrou n'elle com o ardor, a expansão, a publicidade que mettia em tudo; celebrou reuniões em que fallou muito da liberdade

de consciencia e do direito que assistia ao maçon de enfiar uma opa; assignou protestos, representações, felicitações, abriu a bolsa e o coração, escancaradamente.

Morreu-lhe a mulher em 1878. Ella pediu-lhe que a enterrasse sem apparato, e elle assim o fez, porque a amava deveras e tinha a sua ultima vontade como um decreto do céu. Já então perdera o filho; e a filha, casada, achava-se na Europa. O meu amigo dividiu a dôr com o publico; e, se enterrou a mulher sem apparato, não deixou de lhe mandar esculpir na Italia um magnifico mausoléu, que esta cidade admirou exposto, na rua do Ouvidor, durante perto de um mez. A filha ainda veiu assistir á inauguração. Deixei de os ver uns quatro annos. Ultimamente surgiu a doença, que no fim de pouco mais de dous mezes o levou d'esta para a melhor. Note que, até começar a agonia, nunca perdeu a razão nem a força d'alma. Conversava com as visitas, mandava-as relacionar, não esquecia mesmo noticiar ás que chegavam, as que acabavam de sahir; cousa inutil, porque uma folha amiga publicava-as todas. Na manhã do dia em que morreu ainda ouviu lêr os jornaes, e n'um d'elles uma pequena communicação relativamente á sua molestia, o que de algum modo

pareceu reanimal-o. Mas para a tarde enfraqueceu um pouco ; á noite expirou.

Vejo que está aborrecido. Realmente demoram-se... Espere ; creio que são elles. São ; entremos, Cá está o nosso magistrado, que começa a ler o testamento. Está ouvindo ? Não era preciso esta minuciosa genealogia, excedente das praticas tabelliôas; mas isto mesmo de contar a familia desde o quarto avô prova o espirito exacto e paciente do meu amigo. Não esquecia nada. O ceremonial do sahimento é longo e complicado, mas bonito. Começa agora a lista dos legados. São todos pios ; alguns industriaes. Vá vendo a alma do meu amigo. Trinta contos...

Trinta contos para que ? Para servir de começo a uma subscripção publica destinada a erigir uma estatua a Pedro Alvares Cabral. « Cabral, diz alli o testamento, não póde ser olvidado dos brazileiros, foi o precursor do nosso imperio ». Recommenda que a estatua seja de bronze, com quatro medalhões no pedestal, a saber, o retrato do bispo Coutinho, presidente da Constituinte, o de Gonzaga, chefe da conjuração mineira, e o de dous cidadãos da presente geração «notaveis por seu patriotismo e liberalidade» á escolha da commissão, que elle mesmo nomeou para levar a empreza a cabo.

Que ella se realise, não sei; falta-nos a perseverança do fundador da verba. Dado, porém, que a commissão se desempenhe da tarefa, e que este sol americano ainda veja erguer-se a estatua de Cabral, é da nossa honra que elle contemple n'um dos medalhões o retrato do meu finado amigo. Não lhe parece? Bem, o magistrado acabou, vamos embora.

FIM DO FULANO.

A SEGUNDA VIDA

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido: — Dá licença? é só um instante. Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

— João, vae alli á estação de urbanos, falla da minha parte ao commandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dous homens, para livrar-me de um sujeito doudo. Anda, vae depressa.

E, voltando á sala:

— Prompto, disse elle; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendissima, morri no dia vinte de março de 1860, ás cinco horas e quarenta e tres minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito annos de edade. Minha alma vôou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrellas e o sol; penetrou finalmente n'um espaço em que não havia mais nada,

e era clareado tão sómente por uma luz diffusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por alli dentro, sem arder, porque as almas são incombustiveis. A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustiveis. Fui subindo, subindo; na distancia de quarenta mil legoas, ouvi uma deliciosa musica, e logo que cheguei a cinco mil legoas, desceu um enxame de almas, que me levaram n'um palanquim feito de ether e plumas. Entrei dahi a pouco no novo sol, que é o planeta dos virtuosos da terra. Não sou poeta, monsenhor; não ouso descrever-lhe as magnificencias daquella estancia divina. Poeta que fosse, não poderia, usando a linguagem humana, transmittir-lhe a emoção da grandeza, do deslumbramento, da felicidade, os extasis, as melodias, os arrojos de luz e côres, uma cousa indefinivel e incomprehensivel. Só vendo. Lá dentro é que soube que completava mais um milheiro de almas; tal era o o motivo das festas extraordinarias que me fizeram, e que duraram dous seculos, ou, pelas nossas contas, quarenta e oito horas. Afinal, concluidas as festas, convidaram-me a tornar á terra para cumprir uma

vida nova; era o privilegio de cada alma que completava um milheiro. Respondi agradecendo e recusando, mas não havia recusar. Era uma lei eterna. A unica liberdade que me deram foi a escolha do vehiculo; podia nascer principe ou conductor de omnibus. Que fazer? Que faria Vossa Reverendissima no meu logar?

— Não posso saber; depende...

— Tem razão; depende das circumstancias. Mas imagine que as minhas eram taes que não me davam gosto a tornar cá. Fui victima da inexperiencia, monsenhor, tive uma velhice ruim, por essa razão. Então lembrou-me que sempre ouvira dizer a meu pae e outras pessoas mais velhas, quando viam algum rapaz: — « Quem me dera aquella edade, sabendo o que sei hoje! » Lembrou-me isto, e declarei que me era indifferente nascer mendigo ou potentado, com a condição de nascer experiente. Não imagina o riso universal com que me ouviram. Job, que alli preside a provincia dos pacientes, disse-me que um tal desejo era disparate; mas eu temei e venci. Dahi a pouco escorreguei no espaço; gastei nove mezes a atravessal-o até cair nos braços de uma ama de leite, e chamei-me José Maria. Vossa Reverendissima é Romualdo, não?

— Sim, senhor; Romualdo de Souza Caldas.

— Será parente do padre Souza Caldas?

— Não, senhor.

— Bom poeta o padre Caldas. Poesia é um dom; eu nunca pude compor uma decima. Mas, vamos ao que importa. Conto-lhe primeiro o que me succedeu; depois lhe direi o que desejo de Vossa Reverendissima. Entretanto, se me permittisse ir fumando...

Monsenhor Caldas fez um gesto de assentimento, sem perder de vista a bengala que José Maria conservava atravessada sobre as pernas. Este preparou vagarosamente um cigarro. Era um homem de trinta e poucos annos, pallido, com um olhar ora molle e apagado, ora inquieto e centelhante. Appareceu alli, tinha o padre acabado de almoçar, e pediu-lhe uma entrevista para negocio grave e urgente. Monsenhor fel-o entrar e sentar-se; no fim de dez minutos, viu que estava com um lunatico. Perdoava-lhe a incoherencia das idéas ou o assombroso das invenções; póde ser até que lhe servissem de estudo. Mas o desconhecido teve um assomo de raiva, que metteu medo ao pacato clerigo. Que podiam fazer elle e o preto, ambos velhos, contra qualquer aggressão de um homem forte e louco? Em quanto esperava o auxilio policial, monsenhor Caldas desfazia-se em

sorrisos e assentimentos de cabeça, espantava-se com elle, alegrava-se com elle, politica util com os loucos, as mulheres e os potentados. José Maria accendeu finalmente o cigarro, e continuou:

— Renasci em cinco de Janeiro de 1861. Não lhe digo nada da nova meninice, porque ahi a experiencia teve só uma fórma instinctiva. Mamava pouco; chorava o menos que podia para não apanhar pancada. Comecei a andar tarde, por medo de cair, e dahi me ficou uma tal ou qual fraqueza nas pernas. Correr e rolar, trepar nas arvores, saltar paredões, trocar murros, cousas tão uteis, nada disso fiz, por medo de contusão e sangue. Para fallar com franqueza, tive uma infancia aborrecida, e a escola não o foi menos. Chamavam-me tolo e moleirão. Realmente, eu vivia fugindo de tudo. Creia que durante esse tempo não escorreguei, mas tambem não corria nunca. Palavra, foi um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas. Cresci; fiz-me rapaz, entrei no periodo dos amores... Não se assuste; serei casto, como a primeira ceia. Vossa Reverendissima sabe o que é uma ceia de rapazes e mulheres?

— Como quer que saiba?...

— Tinha dezenove annos, continuou José Maria, e não imagina o espanto dos meus amigos, quando me declarei prompto a ir a uma tal ceia... Ninguem esperava tal cousa de um rapaz tão cautelloso, que fugia de tudo, dos somnos atrazados, dos somnos excessivos, de andar sozinho a horas mortas, que vivia, por assim dizer, ás apalpadellas. Fui á ceia; era no Jardim Botanico, obra explendida. Comidas, vinhos, luzes, flores, alegria dos rapazes, os olhos das damas, e, por cima de tudo, um appetite de vinte annos. Hade crer que não comi nada? A lembrança de tres indigestões apanhadas quarenta annos antes, na primeira vida, fez-me recuar. Menti dizendo que estava indisposto. Uma das damas veiu sentar-se á minha direita, para curar-me; outra levantou-se tambem, e veiu para a minha esquerda, com o mesmo fim. Você cura de um lado, eu curo do outro, disseram ellas. Eram lepidas, frescas, astuciosas, e tinham fama de devorar o coração e a vida dos rapazes. Confesso-lhe que fiquei com medo e retrahi-me. Ellas fizeram tudo, tudo; mas em vão. Vim de lá de manhã, apaixonado por ambas, sem nenhuma dellas, e caindo de fome. Que lhe parece? concluiu José Maria pondo as mãos nos joelhos, e arqueando os braços para fóra?

— Com effeito...

— Não lhe digo mais nada; Vossa Reverendissima adivinhará o resto. A minha segunda vida é assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreiada por uma experiencia virtual e tradiccional. Vivo como Eurico, atado ao proprio cadaver... Não, a comparação não é boa. Como lhe parece que vivo?

— Sou pouco imaginoso. Supponho que vive assim como um passaro, batendo as azas e amarrado pelos pés...

— Justamente. Pouco imaginoso? Achou a formula; é isso mesmo. Um passaro, um grande passaro, batendo as azas, assim...

José Maria ergueu-se, agitando os braços, á maneira de azas. Ao erguer-se, caiu-lhe a bengala no chão; mas elle não deu por ella. Continuou a agitar os braços, em pé, defronte do padre, e a dizer que era isso mesmo, um passaro, um grande passaro... De cada vez que batia os braços nas côxas, levantava os calcanhares, dando ao corpo uma cadencia de movimentos, e conservava os pés unidos, para mostrar que os tinha amarrados. Monsenhor approvava de cabeça; ao mesmo tempo afiava as orelhas para vêr se ouvia passos na escada. Tudo silencio. Só lhe chegavam os rumores de fóra: — carros e carroças

que desciam, quitandeiras apregoando legumes, e um piano da vizinhança. José Maria sentou-se finalmente, depois de apanhar a bengala, e continuou nestes termos:

— Um passaro, um grande passaro. Para ver quanto é feliz a comparação, basta a aventura que me traz aqui, um caso de consciencia, uma paixão, uma mulher, uma viuva, D. Clemencia. Tem vinte e seis annos, uns olhos que não acabam mais, não digo no tamanho, mas na expressão, e duas pincelladas de buço, que lhe completam a physionomia. E' filha de um professor jubilado. Os vestidos pretos ficam-lhe tão bem que eu ás vezes digo-lhe rindo que ella não enviuvou senão para andar de luto. Caçoadas! Conhecemo-nos ha um anno, em casa de um fazendeiro de Cantagallo. Saimos namorados um do outro. Já sei o que me vae perguntar: porque é que não nos casamos, sendo ambos livres...

— Sim, senhor.

— Mas, homem de Deus! é essa justamente a materia da minha aventura. Somos livres, gostamos um do outro, e não nos casamos: tal é a situação tenebrosa que venho expor a Vossa Reverendissima, e que a sua theologia ou o que quer que seja, explicará, se puder. Voltamos para a Côrte namorados.

Clemencia morava com o velho pae, e um irmão empregado no commercio; relacionei-me com ambos, e comecei a frequentar a casa, em Matacavallos. Olhos, apertos de mão, palavras soltas, outras ligadas, uma phrase, duas phrases, e estavamos amados e confessados. Uma noite, no patamar da escada, trocamos o primeiro beijo... Perdôe estas cousas, monsenhor; faça de conta que me está ouvindo de confissão. Nem eu lhe digo isto senão para acrescentar que sahi dalli tonto, desvairado, com a imagem de Clemencia na cabeça e o sabor do beijo na bocca. Errei cerca de duas horas, planeando uma vida unica; determinei pedir-lhe a mão no fim da semana, e casar dahi a um mez. Cheguei ás derradeiras minucias, cheguei a redigir e ornar de cabeça as cartas de participação. Entrei em casa depois de meia noite, e toda essa fantasmagoria vôou, como as mutações á vista nas antigas peças de theatro. Veja se adivinha como.

— Não alcanço...

— Considerei, no momento de despir o collete, que o amor podia acabar depressa; tem-se visto algumas vezes. Ao descalçar as botas, lembrou-me cousa peior: — podia ficar o fastio. Conclui a *toilette* de dormir, accendi um cigarro, e, reclinado no canapé, pensei que o costume, a convivencia, podia

salvar tudo; mas, logo depois adverti que as duas indoles podiam ser incompativeis; e que fazer com duas indoles imcompativeis e inseparaveis? Mas, emfim, dei de barato tudo isso, porque a paixão era grande, violenta; considerei-me casado, com uma linda creancinha... Uma? duas, seis, oito; podiam vir oito, podiam vir dez; algumas aleijadas. Tambem podia vir uma crise, duas crises, falta de dinheiro, penuria, doenças; podia vir alguma dessas affeições espurias que perturbam a paz domestica... Considerei tudo e conclui que o melhor era não casar. O que não lhe posso contar é o meu desespero; faltam-me expressões para lhe pintar o que padeci nessa noite... Deixa-me fumar outro cigarro?

Não esperou resposta, fez o cigarro, e accendeu-o. Monsenhor não podia deixar de admirar-lhe a bella cabeça, no meio do desalinho proprio do estado; ao mesmo tempo notou que elle fallava em termos polidos, e, que apesar dos rompantes morbidos, tinha maneiras. Quem diabo podia ser esse homem? José Maria continuou a historia, dizendo que deixou de ir á casa de Clemencia, durante seis dias, mas não resistiu ás cartas e ás lagrimas. No fim de uma semana correu para lá, e confessou-lhe tudo, tudo. Ella ouviu-o com muito interesse, e quiz saber o

que era preciso para acabar com tantas scismas, que prova de amor queria que ella lhe désse. — A resposta de José Maria foi uma pergunta.

— Está disposta a fazer-me um grande sacrificio? disse-lhe eu. Clemencia jurou que sim. « Pois bem, rompa com tudo, familia e sociedade; venha morar commigo; casamo-nos depois desse noviciado. » Comprehendo que Vossa Reverendissima arregale os olhos. Os della encheram-se de lagrimas; mas, apesar de humilhada, aceitou tudo. Vamos; confesse que sou um monstro.

— Não, senhor...

— Como não? Sou um monstro. Clemencia veiu para minha casa, e não imagina as festas com que a recebi. « Deixo tudo, disse-me ella; você é para mim o universo. » Eu beijei-lhe os pés, beijei-lhe os tacões dos sapatos. Não imagina o meu contentamento. No dia seguinte, recebi uma carta tarjada de preto; era a noticia da morte de um tio meu, em Santa Anna do Livramento, deixando-me vinte mil contos. Fiquei fulminado. « Entendo, disse a Clemencia, você sacrificou tudo, por que tinha noticia da herança. » Desta vez, Clemencia não chorou, pegou em si e sahiu. Fui atraz della, envergonhado, pedi-lhe perdão; ella resistiu. Um dia, dous dias, tres dias, foi tudo vão;

Clemencia não cedia nada, não fallava sequer. Então declarei-lhe que me mataria; comprei um revolver, fui ter com ella, e apresentei-lh'o: é este.

Monsenhor Caldas empallideceu. José Maria mostrou-lhe o revolver, durante alguns segundos, tornou a mettel-o na algibeira, e continuou:

— Cheguei a dar um tiro. Ella, assustada, desarmou-me e perdoou-me. Ajustámos precipitar o casamento, e, pela minha parte, impuz uma condição: doar os vinte mil contos á Bibliotheca Nacional. Clemencia atirou-se-me aos braços, e approvou-me com um beijo. Dei os vinte mil contos. Ha de ter lido nos jornaes... Tres semanas depois casamo-nos. Vossa Reverendissima respira como quem chegou ao fim. Qual! Agora é que chegamos ao tragico. O que posso fazer é abreviar umas particularidades e supprimir outras; restrinjo-me a Clemencia. Não lhe fallo de outras emoções truncadas, que são todas as minhas, abortos de prazer, planos que se esgarçam no ar, nem das illusões de saia rota, nem do tal passaro... plas... plas... plas...

E, de um salto, José Maria ficou outra vez de pé, agitando os braços, e dando ao corpo uma cadencia. Monsenhor Caldas começou a suar frio. No fim de alguns segundos, José Maria parou, sentou-se, e

reatou a narração, agora mais diffusa, mais derramada, evidentemente mais delirante. Contava os sustos em que vivia, desgostos e desconfianças. Não podia comer um figo ás dentadas, como outr'ora; o receio do bicho diminuia-lhe o sabor. Não cria nas caras alegres da gente que ia pela rua: preoccupações, desejos, odios, tristezas, outras cousas, iam dissimuladas por umas tres quartas partes dellas. Vivia a temer um filho cego ou surdo-mudo, ou tuberculoso, ou assassino, etc. Não conseguia dar um jantar que não ficasse triste logo depois da sopa, pela idéa de que uma palavra sua, um gesto da mulher, qualquer falta de serviço podia suggerir o epigramma digestivo, na rua, debaixo de um lampeão. A experiencia dera-lhe o terror de ser empulhado. Confessava ao padre que, realmente, não tinha até agora lucrado nada; ao contrario, perdera até, porque fôra levado ao sangue... Ia contar-lhe o caso do sangue. Na vespera, deitara-se cedo, e sonhou... Com quem pensava o padre que elle sonhou?

— Não atino...

— Sonhei que o Diabo lia-me o Evangelho. Chegando ao ponto em que Jesus falla dos lyrios do campo, o Diabo colheu alguns e deu-m'os. « Toma, disse-me elle; são os lyrios da Escriptura; segundo

ouviste, nem Salomão em toda a pompa, póde hombrear com elles. Salomão é a sapiencia. E sabes o que são estes lyrios, José? São os teus vinte annos. » Fitei-os encantado; eram lindos como não imagina. O Diabo pegou delles, cheirou-os e disse-me que os cheirasse tambem. Não lhe digo nada; no momento de os chegar ao nariz, vi sahir de dentro um reptil fedorento e torpe, dei um grito, e arrojei para longe as flôres. Então, o Diabo, escancarando uma formidavel gargalhada: « José Maria, são os teus vinte annos ». Era uma gargalhada assim: — cá, cá, cá, cá, cá...

José Maria ria á solta, ria de um modo estridente e diabolico. De repente, parou; levantou-se, e contou que, tão depressa abriu os olhos, como viu a mulher deante d'elle, afflicta e desgrenhada. Os olhos de Clemencia eram doces, mas elle disse-lhe que os olhos doces tambem fazem mal. Ella arrojou-se-lhe aos pés... Neste ponto a physionomia de José Maria estava tão transtornada que o padre, tambem de pé, começou a recuar, tremulo e pallido. « Não, miseravel! não! tu não me fugirás! » bradava José Maria investindo para elle. Tinha os olhos esbugalhados, as temporas latejantes; o padre ia recuando... recuando... Pela escada acima ouvia-se um rumor de espadas e de pés.

NOITE DE ALMIRANTE

Deolindo Venta-Grande (era uma alcunha de bordo) sahio do arsenal de marinha e enfiou pela rua de Bragança. Batiam tres horas da tarde. Era a fina flôr dos marujos e, de mais, levava um grande ar de felicidade nos olhos. A corveta d'elle voltou de uma longa viagem de instrucção, e Deolindo veiu á terra tão depressa alcançou licença. Os companheiros disseram-lhe, rindo :

— Ah! Venta-Grande! Que noite de almirante vai você passar! ceia, viola e os braços de Genoveva. Collosinho de Genoveva...

Deolindo sorriu. Era assim mesmo, uma noite de almirante, como elles dizem, uma d'essas grandes noites de almirante que o esperava em terra. Começára a paixão tres mezes antes de sahir a corveta. Chamava-se Genoveva, caboclinha de vinte annos, esperta, olho negro e atrevido. Encontraram-se em casa de terceiro

e ficaram morrendo um pelo outro, a tal ponto que estiveram prestes a dar uma cabeçada, elle deixaria o serviço e ella o acompanharia para a villa mais recondita do interior.

A velha Ignacia,que morava com ella, dissuadiu-os disso; Deolindo não teve remedio senão seguir em viagem de instrucção. Eram oito ou dez mezes de ausencia. Como fiança reciproca, entenderam dever fazer um juramento de fidelidade.

— Juro por Deus que está no céu. E você?

— Eu tambem.

— Diz direito.

— Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte.

Estava celebrado o contracto. Não havia descrer da sinceridade de ambos; ella chorava doudamente, elle mordia o beiço para dissimular. Afinal separaram-se, Genoveva foi ver sahir a corveta e voltou para casa com um tal aperto no coração que parecia que «lhe ia dar uma cousa». Não lhe deu nada, felizmente; os dias foram passando, as semanas, os mezes, dez mezes, ao cabo dos quaes, a corveta tornou e Deolindo com ella.

Lá vai elle agora, pela rua de Bragança, Prainha e Saude, até ao principio da Gambôa, onde mora

Genoveva. A casa é uma rotulasinha escura, portal rachado do sol, passando o cemiterio dos inglezes; lá deve estar Genoveva, debruçada á janella, esperando por elle. Deolindo prepara uma palavra que lhe diga. Já formulou esta: «jurei e cumpri» mas procura outra melhor. Ao mesmo tempo lembra as mulheres que viu por esse mundo de Christo, italianas, marselhezas ou turcas, muitas d'ellas bonitas, ou que lhe pareciam taes. Concorda que nem todas seriam para os beiços d'elle, mas algumas eram, e nem por isso fez caso de nenhuma. Só pensava em Genoveva. A mesma casinha d'ella, tão pequenina, e a mobilia de pé quebrado, tudo velho e pouco, isso mesmo lhe lembrava deante dos palacios de outras terras. Foi á custa de muita economia que comprou em Trieste um par de brincos, que leva agora no bolso com algumas bugigangas. E ella que lhe guardaria? Pode ser que um lenço marcado com o nome d'elle e uma ancora na ponta, porque ella sabia marcar muito bem. N'isto chegou á Gambôa, passou o cemiterio e deu com a casa fechada. Bateu, fallou-lhe uma voz conhecida, a da velha Ignacia, que veiu abrir-lhe a porta com grandes exclamações de prazer. Deolindo, impaciente, perguntou por Genoveva.

— Não me falle n'essa maluca, arremetteu a

velha. Estou bem satisfeita com o conselho que lhe dei. Olhe lá se fugisse. Estava agora como o lindo amor.

— Mas que foi? que foi?

A velha disse-lhe que descançasse, que não era nada, uma d'essas cousas que apparecem na vida; não valia a pena zangar-se. Genoveva andava com a cabeça virada...

— Mas virada porque?

— Está com um mascate, José Diogo. Conheceu José Diogo, mascate de fazendas? Está com elle. Não imagina a paixão que elles têm um pelo outro. Ella então anda maluca. Foi o motivo da nossa briga. José Diogo não me sahia da porta; eram conversas e mais conversas, até que eu um dia disse que não queria a minha casa diffamada. Ah! meu pai do céu! foi um dia de juizo. Genoveva investiu para mim com uns olhos d'este tamanho, dizendo que nunca diffamou ninguem e não precisava de esmolas. Que esmolas, Genoveva? O que digo é que não quero esses cochichos á porta, desde as ave-marias... Dous dias depois estava mudada e brigada commigo.

— Onde mora ella?

— Na praia Formosa, antes de chegar á pedreira, uma rotula pintada de novo.

Deolindo não quiz ouvir mais nada. A velha Ignacia, um tanto arrependida, ainda lhe deu avisos de prudencia, mas elle não os escutou e foi andando. Deixo de notar o que pensou em todo o caminho; não pensou nada. As idéas marinhavam-lhe no cerebro, como em hora de temporal, no meio de uma confusão de ventos e apitos. Entre ellas rutilou a facá de bordo, ensanguentada e vingadora. Tinha passado a Gambôa, o Sacco do Alferes, entrára na praia Formosa. Não sabia o numero da casa, mas era perto da pedreira, pintada de novo, e com auxilio da visinhança poderia achal-a. Não contou com o acaso que pegou de Genoveva e fel-a sentar á janella, cosendo, no momento em que Deolindo ia passando. Elle conheceu-a e parou; ella, vendo o vulto de um homem, levantou os olhos e deu com o marujo.

— Que é isso? exclamou espantada. Quando chegou? Entre, seu Deolindo.

E, levantando-se, abriu a rotula e fel-o entrar. Qualquer outro homem ficaria alvoroçado de esperanças, tão francas eram as maneiras da rapariga; podia ser que a velha se enganasse ou mentisse; podia ser mesmo que a cantiga do mascate estivesse acabada. Tudo isso lhe passou pela cabeça, sem a fórma precisa do raciocinio ou da reflexão, mas em tumulto

e rapido. Genoveva deixou a porta aberta, fel-o sentar-se, pediu-lhe noticias da viagem e achou-o mais gordo; nenhuma commoção nem intimidade. Deolindo perdeu a ultima esperança. Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra cousa.

— Sei tudo, disse elle.

— Quem lhe contou?

Deolindo levantou os hombros.

— Fosse quem fosse, tornou ella, disseram-lhe que eu gostava muito de um moço?

— Disseram.

— Disseram a verdade.

Deolindo chegou a ter um impeto; ella fel-o parar só com a acção dos olhos. Em seguida disse que, se lhe abrira a porta, é porque contava que era homem de juizo. Contou-lhe então tudo, as saudades que curtira, as propostas do mascate, as suas recusas, até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando d'elle.

— Pode crer que pensei muito e muito em você. Sinhá Ignacia que lhe diga se não chorei muito... Mas o coração mudou...Mudou... Conto-lhe tudo isto, como se estivesse diante do padre, concluiu sorrindo.

Não sorria de escarneo. A expressão das palavras é que era uma mescla de candura e cynismo, de insolencia e simplicidade, que desisto de definir melhor. Creio até que insolencia e cynismo são mal applicados. Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjurio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das acções. O que dizia, em resumo, é que era melhor não ter mudado, dava-se bem com a affeição do Deolindo, a prova é que quiz fugir com elle; mas, uma vez que o mascate venceu o marujo, a razão era do mascate, e cumpria declaral-o. Que vos parece? O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna, diante da qual consentira em não fugir e embarcar: « Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte ». Se embarcou, foi porque ella lhe jurou isso. Com essas palavras é que andou, viajou, esperou e tornou; foram ellas que deram a força de viver. Juro por Deos que está no céu; a luz me falte na hora da morte...

— Pois, sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade. Tanto era verdade que eu queria fugir com você para o sertão. Só Deus sabe se era verdade! Mas vieram outras cousas... Veio este moço e eu comecei a gostar d'elle...

— Mas a gente jura é para isso mesmo; é para não gostar de mais ninguem...

— Deixa d'isso, Deolindo. Então você só se lembrou de mim? Deixa de partes...

— A que horas volta José Diogo?

— Não volta hoje.

— Não?

— Não volta; está lá para os lados de Guaratiba com a caixa; deve voltar sexta-feira ou sabbado... E por que é que você quer saber? Que mal lhe fez elle?

Pode ser que qualquer outra mulher tivesse egual palavra; poucas lhe dariam uma expressão tão candida, não de proposito, mas involuntariamente. Vêde que estamos aqui muito proximos da natureza. Que mal lhe fez elle? Que mal lhe fez esta pedra que cahiu de cima? Qualquer mestre de physica lhe explicaria a quéda das pedras. Deolindo declarou, com um gesto de desespero, que queria matal-o. Genoveva olhou, para elle com desprezo, sorriu de leve e deu um muxoxo; e, como elle lhe fallasse de ingratidão e perjurio, não poude disfarçar o pasmo. Que perjurio? que ingratidão? Já lhe tinha dito e repetia que quando jurou era verdade. Nossa Senhora, que alli estava, em cima da commoda, sabia se era verdade ou não. Era assim que lhe pagava o que padeceu? E elle que

tanto enchia a bocca de fidelidade, tinha-se lembrado d'ella por onde andou?

A resposta d'elle foi metter a mão no bolso e tirar o pacote que lhe trazia. Ella abriu-o, aventou as bugigangas, uma por uma, e por fim deu com os brincos. Não eram nem poderiam ser ricos; eram mesmo de mau gosto, mas faziam uma vista de todos os diabos. Genoveva pegou d'elles, contente, deslumbrada, mirou-os por um lado e outro, perto e longe dos olhos, e afinal enfiou-os nas orelhas; depois foi ao espelho de pataca, suspenso na parede, entre a janella e a rotula, para ver o effeito que lhe faziam. Recuou, approximou-se, voltou a cabeça da direita para esquerda e da esquerda para a direita.

— Sim, senhor, muito bonitos, disse ella, fazendo uma grande mesura de agradecimento. Onde é que comprou?

Creio que elle não respondeu nada, nem teria tempo para isso, porque ella disparou mais duas ou tres perguntas, uma atraz da outra, tão confusa estava de receber um mimo a troco de um esquecimento. Confusão de cinco ou quatro minutos; pode ser que dous. Não tardou que tirasse os brincos, e os contemplasse e puzesse na caixinha em cima da mesa redonda que estava no meio da sala. Elle pela sua parte

começou a crer que, assim como a perdeu, estando ausente, assim o outro, auseute, podia tambem perdel-a; e, provavelmente, ella não lhe jurára nada.

— Brincando, brincando, é noite, disse Genoveva.

Com effeito, a noite ia cahindo rapidamente. Já não podiam ver o hospital dos Lazaros e mal distinguiam a ilha dos Melões; as mesmas lanchas e canôas, postas em secco, defronte da casa, confundiam-se com a terra e o lodo da praia. Genoveva accendeu uma vela. Depois foi sentar-se na soleira da porta e pediu-lhe que contasse alguma cousa das terras por onde andara. Deolindo recusou a principio; disse que se ia embora, levantou-se e deu alguns passos na sala. Mas o demonio da esperança mordia e babujava o coração do pobre diabo, e elle voltou a sentar-se, para dizer duas ou tres anecdotas de bordo. Genoveva escutava com attenção. Interrompidos por uma mulher da visinhança, que alli veiu, Genoveva fel-a sentar-se tambem para ouvir « as bonitas historias que o Sr. Deolindo estava contando ». Não houve outra apresentação. A grande dama que prolonga a vigilia para concluir a leitura de um livro ou de um capitulo, não vive mais intimamente a vida dos personagens do que a antiga amante do marujo vivia as scenas que elle ia contando, tão livremente

interessada e presa, como se entre ambos não houvesse mais que uma narração de episodios. Que importa á grande dama o auctor do livro? Que importava a esta rapariga o contador dos episodios?

A esperança, entretanto, começava a desemparal-o e elle levantou-se definitivamente para sahir. Genoveva não quiz deixal-o sahir antes que a amiga visse os brincos, e foi mostrar-lh'os com grandes encarecimentos. A outra ficou encantada, elogiou-os muito, perguntou se os comprára em França e pediu a Genoveva que os puzesse.

— Realmente, são muito bonitos.

Quero crer que o proprio marujo concordou com essa opinião. Gostou de os ver, achou que pareciam feitos para ella e, durante alguns segundos, saboreou o prazer exclusivo e superfino de haver dado um bom presente; mas foram só alguns segundos.

Como elle se despedisse, Genoveva acompanhou-o até á porta para lhe agradecer ainda uma vez o nimo, e provavelmente dizer-lhe algumas cousas meigas e inuteis. A amiga, que deixára ficar na sala, apenas lhe ouviu esta palavra: « Deixa d'isso, Deolindo »; e esta outra do marinheiro: Você verá ». Não poude ouvir o resto, que não passou de um sussurro.

Deolindo seguiu, praia fóra, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou,para usar outra metaphora de marujo, como um homem « que vai do meio caminho para terra ». Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou á outra a anecdota dos seus amores maritimos, gabou muito o genio do Deolindo e os seus bonitos modos; a amiga declarou achal-o grandemente sympathico.

— Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que elle me disse agora?

— Que foi!

— Que vai matar-se.

— Jesus!

— Qual o que! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as cousas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciumes. Mas os brincos são muito engraçados.

— Eu aqui ainda não vi d'estes.

— Nem eu, concordou Genoveva, examinando-os á luz. Depois guardou-os e convidou a outra a coser. — Vamos coser um bocadinho, quero acabar o meu corpinho azul...

A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe

no hombro, comprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe noticias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorára muito na ausencia, etc. Elle respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

FIM DA NOITE DE ALMIRANTE.

MANUSCRITO DE UM SACHRISTÃO

I

. . . . . Ao dar com o padre Theophilo fallando a uma senhora, ambos sentadinhos no banco da egreja, e a egreja deserta, confesso que fiquei espantado. Note-se que conversavam em voz tão baixa e discreta, que eu, por mais que afiasse o ouvido e me demorasse a apagar as velas do altar, não podia apanhar nada, nada, nada. Não tive remedio senão adivinhar alguma cousa. Que eu sou um sacristão philosopho. Ninguem me julgue pela sobrepeliz rota e amarrotada nem pelo uso clandestino das galhetas. Sou um philosopho sacristão. Tive estudos ecclesiasticos, que interrompi por causa de uma doença e que inteiramente deixei por outro motivo, uma paixão violenta, que me trouxe á miseria. Como o seminario deixa sempre um certo vinco, fiz-me

sacristão aos trinta annos, para ganhar a vida. Venhamos, porém, ao nosso padre e á nossa dama.

II

Antes de ir adiante, direi que eram primos. Soube depois que eram primos, nascidos em Vassouras. Os pais d'ella mudaram-se para a côrte, tendo Eulalia (é o seu nome) sete annos. Theophilo veiu depois. Na familia era uso antigo que um dos rapazes fosse padre. Vivia ainda na Bahia um tio, d'elle, conego. Cabendo-lhe n'esta geração envergar a batina, veiu para o seminario de S. José, no anno de mil oitocentos e cincoenta e tantos, e foi ahi que o conheci. Comprehende-se o sentimento de discrição que me leva a deixar a data no ar.

III

No seminario, dizia-nos o lente de rhetorica:

— A theologia é a cabeça do genero humano, o

latim a perna esquerda, e a rhetorica a perna direita.

Justamente da perna direita é que o Theophilo coxeava. Sabia muito as outras cousas: theologia, philosophia, latim, historia sagrada; mas a rhetorica é que lhe não entrava no cerebro. Elle, para desculpar-se, dizia que a palavra divina não precisava de adornos. Tinha então vinte ou vinte e dous annos de edade, e era lindo como S. João.

Já n'esse tempo era um mystico; achava em todas as cousas uma significação recondita. A vida era uma eterna missa, em que o mundo servia de altar, a alma de sacerdote e o corpo de acolyto; nada respondia á realidade exterior. Vivia ancioso de tomar ordens para sahir a prégar grandes cousas, espertar as almas, chamar os corações á Egreja, e renovar o genero humano. Entre todos os apostolos, amava principalmente S. Paulo.

Não sei se o leitor é da minha opinião; eu cuido que se póde avaliar um homem pelas suas sympathias historicas; tu serás mais ou menos da familia dos personagens que amares devéras. Applico assim aquella lei de Helvetius: « o grau de espirito que nos deleita dá a medida exacta do grau de espirito que possuimos ». No nosso caso, ao menos, a regra não falhou. Theophilo amava S. Paulo, adorava-o,

estudava-o dia e noite, parecia viver d'aquelle converso que ia de cidade em cidade, á custa de um officio mecanico, espalhando a boa nova aos homens. Nem tinha sómente esse modelo, tinha mais dous: Hildebrando e Loyola. D'aqui podeis concluir que nasceu com a fibra da peleja e do apostolado. Era um faminto de ideal e creação, olhando todas as cousas correntes por cima da cabeça do seculo. Na opinião de um conego, que lá ia ao seminario, o amor dos dous modelos ultimos temperava o que pudesse haver perigoso em relação ao primeiro.

— Não vá o senhor cair no excesso e no exclusivo, disse-lhe um dia com brandura; não pareça que, exaltando sómente a Paulo, intenta diminuir Pedro. A egreja, que os commemora ao lado um do outro, metteu-os ambos no Credo; mas veneremos Paulo e obedeçamos a Pedro. *Super hanc petram...*

Os seminaristas gostavam do Theophilo, principalmente tres, um Vasconcellos, um Soares e um Velloso, todos excellentes rhetoricos. Eram tambem bons rapazes, alegres por natureza, graves por necessidade e ambiciosos. Vasconcellos jurava que seria bispo; Soares contentava-se com algum grande cargo; Velloso cobiçava as meias roxas de conego e

um pulpito. Theophilo tentou repartir com elles o pão mystico dos seus sonhos, mas reconheceu depressa que era manjar leve ou pesado de mais, e passou a devoral-o sosinho. Até aqui o padre; vamos agora á dama.

IV

Agora a dama. No momento em que os vi fallar baixinho na egreja, Eulalia contava trinta e oito annos de edade. Juro-lhes que era ainda bonita. Não era pobre; os pais deixaram-lhe alguma cousa. Nem casada; recusou cinco ou seis pretendentes.

Este ponto nunca foi entendido pelas amigas. Nenhuma d'ellas era capaz de repellir um noivo. Creio até que não pediam outra cousa, quando resavam antes de entrar na cama, e ao domingo, á missa, no momento de levantar a Deus. Porque é que Eulalia recusava-os todos? Vou dizer desde já o que soube depois. Suppuzeram-lhe, a principio, um simples desdem, — nariz torcido, dizia uma d'ellas; — mas, no fim da terceira recusa, inclinaram-se a crer que havia namoro encoberto, e esta explicação pre-

valeceu. A propria mãi de Eulalia não aceitou outra. Não lhe importaram as primeiras recusas; mas, repetindo-se, ella começou a assustar-se. Um dia, voltando de um casamento, perguntou á filha, no carro em que vinham, se não se lembrava que tinha de ficar só.

— Ficar só ?

— Sim, um dia hei de morrer. Por ora tudo são flores; cá estou para governar a casa; e você é só ler, scismar, tocar e brincar; mas eu tenho de morrer, Eulalia, e você tem de ficar só . . .

Eulalia apertou-lhe muito a mão, sem poder dizer palavra. Nunca pensara na morte da mãi; perdel-a era perder metade de si mesma. Na expansão de momento, a mãi atreveu se a perguntar-lhe se amava alguem e não era correspondida; Eulalia respondeu que não. Não sympathisara com os candidados. A boa velha abanou a cabeça; fallou dos vinte sete annos da filha, procurou atterral-a com os trinta, disse-lhe que, se nem todos os noivos a mereciam egualmente, alguns eram dignos de ser aceitos, e que importava a falta de amor? O amor conjugal podia ser assim mesmo; podia nascer depois, como um fructo da convivencia. Conhecera pessoas que se casaram por simples interesse de familia e acabaram

amando-se muito. Esperar uma grande paixão para casar era arriscar-se a morrer esperando.

— Pois sim, mamãi, deixe estar...

E, reclinando a cabeça, fechou um pouco os olhos para espiar alguem, para ver o namorado encoberto, que não era só encoberto, mas tambem e principalmente impalpavel. Concordo que isto agora é obscuro; não tenho duvida em dizer que entramos em pleno sonho.

Eulalia era uma exquisita, para usarmos a linguagem da mãi, ou romanesca, para empregarmos a definição das amigas. Tinha, em verdade, uma singular organisação. Saiu ao pai. O pai nascera com o amor do enigmatico, do arriscado e do obscuro; morreu quando apparelhava uma expedição para ir á Bahia descobrir a «cidade abandonada». Eulalia recebeu essa herança moral, modificada ou aggravada pela natureza feminil. N'ella dominava principalmente a contemplação. Era na cabeça que ella descobria as cidades abandonadas. Tinha os olhos dispostos de maneira que não podiam apanhar integralmente os contornos da vida. Começou idealisando as cousas, e, se não acabou negando-as, é certo que o sentimento da realidade esgarçou-se-lhe até chegar á transparencia fina em que o tecido parece confundir-se com o ar.

Aos dezoito annos, recusou o primeiro casamento. A razão é que esperava outro, um marido extraordinario, que ella viu e conversou, em sonho ou allucinação, a mais radiosa figura do universo, a mais sublime e rara, uma creatura em que não havia falha ou quebra, verdadeira grammatica sem irregularidades, pura lingua sem solecismos.

Perdão, interrompe-me uma senhora, esse noivo não é obra exclusiva de Eulalia, é o marido de todas as virgens de dezesete annos. Perdão, digo-lhe eu, ha uma differença entre Eulalia e as outras, é que as outras trocam finalmente o original esperado por uma copia gravada, antes ou depois da lettra, e ás vezes por uma simples photographia ou lithographia, ao passo que Eulalia continuou a esperar o painel authentico. Vinham as gravuras, vinham as lithographias, algumas muito bem acabadas, obra de ártista e grande artista, mas para ella traziam o defeito de ser copias. Tinha fome e sêde de originalidade. A vida commum parecia-lhe uma copia eterna. As pessoas do seu conhecimento capricha vam em repetir as idéas umas das outras, com eguaes palavras, e ás vezes sem differente inflexão, á semelhança do vestuario que usavam, e que era do mesmo gosto e feitio. Se ella visse alvejar na rua um tur-

bante mourisco ou fluctuar um pennacho, póde ser que perdoasse o resto; mas nada, cousa nenhuma, uma constante uniformidade de idéas e colletes. Não era outro o peccado mortal das cousas. Mas, como tinha a faculdade de viver tudo o que sonhava, continuou a esperar uma vida nova e um marido unico.

Em quanto esperava, as outras iam casando. Assim perdeu ella as tres principaes amigas: Julia Costinha, Josepha e Marianna. Viu-as todas casadas, viu-as mãis, a principio de um filho, depois de dous, de quatro e de cinco. Visitava-as, assistia ao viver dellas, sereno e alegre, mediocre, vulgar, sem sonhos nem quedas, mais ou menos feliz. Assim se passaram os annos; assim chegou aos trinta, aos trinta e tres, aos trinta e cinco, e finalmente aos trinta e oito em que a vemos na egreja, conversando com o padre Theophilo.

V

N'aquelle dia mandara dizer uma missa por alma da mãe, que morrera um anno antes. Não convidou

ninguem : foi ouvil-a sosinha. Ouviu-a, resou, depois sentou-se no banco.

Eu, depois de ajudar á missa, voltei para a sacristia, e vi alli o padre Theophilo, que viera da roça duas semanas antes e andava á cata de alguma missa para comer. Parece que elle ouviu do outro sacristão ou do mesmo padre officiante o nome da pessoa suffragada ; viu que era o da tia e correu á egreja, onde ainda achou a prima no banco. Sentou-se ao pé d'ella, esquecido do logar e das posições, e fallaram naturalmente de si mesmos. Não se viam desde longos annos. Theophilo visitára-as logo depois de ordenado padre ; mas saiu para o interior e nunca mais soube d'ellas, nem ellas d'elle.

Já disse que não pude ouvir nada. Estiveram assim perto de meia hora. O coadjutor veiu espiar, deu com elles e ficou justamente escandalisado. A noticia do caso chegou, dous dias depois, ao bispo. Theophilo recebeu uma advertencia amiga, subiu á Conceição e explicou tudo : era uma prima, a quem não via desde muito. O padre coadjutor, quando soube da explicação, exclamou com muito criterio que o ser parenta não lhe trocava o sexo nem suppria o escandalo.

Entretanto, como eu tinha sido companheiro do

Theophilo no seminario e gostava d'elle, defendi-o com muito calor e fiz chegar o meu testemunho ao palacio da Conceição. Elle ficou-me grato por isso, e d'ahi veiu a intimidade de nossas relações. Como os dous primos podiam vêr-se em casa, Theophilo passou a visital-a, e ella a recebel-o com muito prazer. No fim de oito dias, recebeu-me tambem; ao cabo de duas semanas era eu um dos seus familiares.

Dous patricios que se encontram em plaga estrangeira e podem finalmente trocar as palavras mamadas na infancia não sentem maior alvoroço do que estes dous primos, que eram mais que primos: moralmente eram gemeos. Elle contou-lhe a vida e, como os acontecimentos acarretassem os sentimentos, ella olhou para dentro da alma do primo e achou que era a sua mesma alma e que, em substancia, a vida de ambos era a mesma. A differença é que uma esperou quieta o que o outro andou buscando por montes e valles; no mais, egual equivoco, egual conflicto com a realidade, identico dialogo de arabe e japonez.

— Tudo o que me cerca é trivial e chocho, dizia-lhe elle.

Com effeito, gastara o aço da mocidade em divulgar uma concepção que ninguem lhe entendeu. Emquanto os tres amigos mais chegados do seminario

passavam adiante, trabalhando e servindo, afinados pela nota do seculo, Velloso conego e prégador, Soares com uma grande vigararia, Vasconcellos a caminho de bispar, elle Theophilo era o mesmo apostolo e mystico dos primeiros annos, em plena aurora christã e metaphysica. Vivia miseravelmente, costeando a fome, pão magro e batina surrada; tinha instantes e horas de tristeza e de abatimento: confessou-os á prima...

— Tambem o senhor? perguntou ella.

E as suas mãos apertaram-se com energia: entendiam-se. Não tendo achado um astro na loja de um relojoeiro, a culpa era do relojoeiro; tal era a logica de ambos. Olharam-se com a sympathia de naufragos, — naufragos e não desenganados —, porque não o eram. Crusoe, na ilha deserta, inventa e trabalha; elles não; lançados á ilha, estendiam os olhos para o mar illimitado, esperando a aguia que viria buscal-os com as suas grandes azas abertas. Uma era a eterna noiva sem noivo, outro o eterno propheta sem Israel; ambos punidos e obstinados.

Já disse que Eulalia era ainda bonita. Resta dizer que o padre Theophilo, com quarenta e dous annos tinha os cabellos grisalhos e as feições cançadas; as mãos não possuiam nem a maciez nem o aroma da

sacristia, eram magras e callosas e cheiravam ao matto. Os olhos é que conservavam o fogo antigo era por alli que a mocidade interior fallava cá para fóra, e força é dizer que elles valiam só por si todo o resto.

As visitas amiudaram-se. Afinal iamos passar alli as tardes e as noites e jantar aos domingos. A convivencia produziu dous effeitos, e até tres. O primeiro foi que os dous primos, frequentando-se, deram força e vida um ao outro; relevem-me esta expressão familiar: — fizeram um pique-nique de illusões. O segundo é que Eulalia, cançada de esperar um noivo humano, volveu os olhos para o noivo divino e, assim como ao primo viera a ambição de S. Paulo, veiu-lhe a ella a de Santa Thereza. O terceiro effeito é o que o leitor já adivinhou.

Já adivinhou. O terceiro foi o caminho de Damasco, — um caminho ás avessas, porque a voz não baixou do céu, mas subiu da terra; não chamava a prégar Deus, mas a prégar o homem. Sem metaphora, amavam-se. Outra differença é que a vocação aqui não foi subita como em relação ao apostolo das gentes; foi vagarosa, muito vagarosa, cochichada, insinuada, bafejada pelas azas da pomba mystica.

Note-se que a fama precedeu ao amor. Sussurrava-se desde muito que as visitas do padre eram menos de confessor que de peccador. Era mentira; eu juro que era mentira. Via-os, acompanhava-os, estudava esses dous temperamentos tão espirituaes, tão cheios de si mesmos, que nem sabiam da fama, nem cogitavam no perigo da apparencia. Um dia vi-lhes os primeiros signaes do amor. Será o que quizerem, uma paixão quarentona, rosa outoniça e pallida, mas era, existia, crescia, ia tomal-os inteiramente. Pensei em avisar o padre, não por mim, mas por elle mesmo; mas era difficil, e talvez perigoso. Demais, eu era e sou gastronomo e psychologo; avisal-o era botar fóra uma fina materia de estudo e perder os jantares dominicaes. A psychologia, ao menos, merecia um sacrificio: calei-me.

Calei-me á toa. O que eu não quiz dizer, publicou-o o coração de ambos. Se o leitor me leu de corrida, conclue por si mesmo a anecdota, conjugando os dous primos: mas, se me leu de vagar, adivinha o que succedeu. Os dous mysticos recuaram; não tiveram horror um do outro nem de si mesmos, porque essa sensação estava excluida de ambos, mos recuaram, agitados de medo e de desejo.

— Volto para a roça, disse-me o padre.

— Mas por que?

— Volto para o roça.

Voltou para a roça e nunca mais cá veiu. Ella, é claro que tinha achado o marido que esperava, mas saiu-lhe tão impossivel como a vida que sonhou. Eu, gastronomo e psychologo, continuei a ir jantar com Eulalia aos domingos. Considero que alguma cousa deve subsistir debaixo do sol, ou amor ou o jantar, se é certo, como quer Schiller, que o amor e a fome governam este mundo.

FIM DO MANUSCRITO DE UM SACRISTÃO

EX CATHEDRA

— Padrinho, vosmecê assim fica cégo.

— O que ?

— Vosmecê fica cégo ; lê que é um desespero. Não, senhor, dê cá o livro.

Caetaninha tirou-lhe o livro das mãos. O padrinho deu uma volta, e foi metter-se no gabinete, onde lhe não faltavam livros ; fechou-se por dentro e continuou a ler. Era o seu mal ; lia com excesso, lia de manhã, de tarde e de noute, ao almoço e ao jantar, antes de dormir, depois do banho, lia andando, lia parado, lia em casa e na chacara, lia antes de ler e depois de ler, lia toda a casta de livros, mas especialmente direito (em que era graduado), mathematicas e philosophia ; ultimamente dava-se tambem ás sciencias naturaes.

Peior que cégo, ficou aluado. Foi pelos fins de 1873, na Tijuca, que elle começou a dar signaes de

transtorno cerebral; mas, como eram leves e poucos, só em Março ou Abril de 1874 é que a afilhada lhe percebeu a alteração. Um dia, almoçando, interrompeu elle a leitura para lhe perguntar:

— Como é que eu me chamo?

— Como é que padrinho se chama? repetiu ella espantada. Chama-se Fulgencio.

— De hoje em diante, chamar-me-has Fulgencius.

E, enterrando a cara no livro, proseguiu na leitura. Caetaninha referiu o caso ás mucamas, que lhe declararam desconfiar desde algum tempo, que elle não andava bom. Imagine-se o medo da moça; mas o medo passou depressa para só deixar a piedade que lhe augmentou a affeição. Tambem a mania era restricta e mansa; não passava dos livros. Fulgencio vivia do escripto, do impresso, do doutrinal, do abstracto, dos principios e das formulas. Com o tempo chegou, não já á superstição, mas á allucinação da theoria. Uma de suas maximas era, que a liberdade não morre onde restar uma folha de papel para decretal-a; e um dia, acordando com a idea de melhorar a condição dos turcos, redigiu uma constituição, que mandou de presente ao ministro inglez em Petropolis. De outra occasião, metteu-se a estudar nos livros a anatomia dos olhos, para verificar se

realmente elles podiam vêr, e concluiu que sim.

Digam-me, se, em taes condições, a vida de Caetaninha podia ser alegre. Não lhe faltava nada, é verdade, porque o padrinho era rico. Foi elle mesmo que a educou, desde os sete annos, quando perdeu a mulher; ensinou-lhe a ler e escrever, francez, um pouco de historia e geographia, para não dizer quasi nada, e incumbiu uma das mucamas de lhe ensinar crivo, renda e costura. Tudo isso é verdade. Mas Caetaninha fizera quatorze annos; e, se nos primeiros tempos bastavam os brinquedos e as escravas para divertil-a, era chegada a idade em que os brinquedos perdem de moda e as escravas de interesse, em que não ha leituras nem escripturas que façam de uma casa solitaria na Tijuca um paraiso. Descia algumas vezes, raras, e de corrida; não ia a theatros nem bailes; não fazia nem recebia visitas. Quando via passar na estrada uma cavalgada de homens e senhoras, punha a alma na garupa dos animaes, e deixava-a ir com elles, ficando-lhe o corpo, ao pé do padrinho, que continuava a ler.

Um dia, estando na chacara, viu parar ao portão um rapaz, montado n'uma bestinha, e ouviu que lhe perguntava se era alli a casa do doutor Fulgencio.

— Sim, senhor, é aqui mesmo.

— Podia fallar-lhe ?

Caetaninha respondeu que ia ver ; entrou em casa, e foi ao gabinete, onde achou o padrinho remoendo, com a mais voluptuaria e beata das expressões, um capitulo de Hegel. Mocinho ? Que mocinho ? Caetaninha disse-lhe que era um mocinho vestido de luto. De luto ? repetiu o velho doutor fechando precipitadamente o livro ; ha de ser elle. Esquecia-me dizer (mas ha tempo para tudo) que, tres mezes antes, fallecera um irmão de Fulgencio, no norte, deixando um filho natural. Como o irmão, dias antes de morrer, lhe escrevera recommendando o orphão que ia deixar, Fulgencio mandou que este viesse para o Rio de Janeiro. Ouvindo que estava alli um mocinho de luto, concluiu que era o sobrinho, e não concluiu mal. Era elle mesmo.

Parece que até aqui nada ha que destoe de uma historia ingenuamente romanesca : temos um velho lunatico, uma mocinha solitaria e suspirosa, e vemos despontar inopinadamente um sobrinho. Para não descer da região poetica em que nos achamos, deixo de dizer que a mula em que o Raymundo veiu montado, foi reconduzida por um preto ao alugador ; passo tambem por alto as circumstancias da accommodação do rapaz, limitando-me a dizer que, como

o tio, á força de viver lendo, esquecera inteiramente que o mandára buscar, nada havia em casa preparado para recebel-o. Mas a casa era grande e abastada; uma hora depois, estava o rapaz aposentado n'um lindo quarto, d'onde podia ver a chacara, a cisterna antiga, o lavadouro, basta folha verde e vasto céu azul.

Creio que ainda não disse a idade do hospede; tem quinze annos e um ameaço de buço; é quasi uma criança. Logo, se a nossa Caetaninha ficou alvoroçada, e as mucamas andam de um lado para outro espiando e fallando do « sobrinho de sinhô velho que chegou de fóra », é porque a vida alli não tem outros episodios, não porque elle seja homem feito. Essa foi tambem a impressão do dono da casa; mas, aqui vae a differença. A afilhada não advertia que o officio do buço é virar bigode, ou, se pensou n'isso, fel-o tão vagamente, que não vale a pena de o pôr aqui. Não assim o velho Fulgencio. Comprehendeu este que havia alli a massa de um marido, e resolveu casal-os; mas viu tambem que, a menos de lhes pegar nas mãos e mandar que se amassem, o acaso podia guiar as cousas por modo differente.

Uma idéia traz outra. A idéia de os casar pegou

por um lado com uma de suas opiniões recentes. Era esta que as calamidades ou os simples dissabores nas relações do coração provinham de que o amor era praticado de um modo empyrico; faltava-lhe a base scientifica. Um homem e uma mulher, desde que conhecessem as razões physicas e metaphysicas d'esse sentimento, estariam mais aptos a recebel-o e nutril-o com efficacia, do que outro homem e outra mulher que nada soubessem do phenomeno.

— Os meus pequenos estão verdes, dizia elle comsigo: tenho tres a quatro annos diante da mim, e posso começar desde já a preparal-os. Vamos com logica; primeiro os alicerces, depois as paredes, depois o tecto... em vez de começar pelo tecto... Dia virá em que se aprenda a amar como se aprende a lêr... Nesse dia...

Estava atordoado, deslumbrado, delirante. Foi ás estantes, desceu alguns tomos, astronomia, geologia, physiologia, anatomia, jurisprudencia, politica, linguistica, abriu-os, folheou-os, comparou-os, extractou d'aqui e d'ali, até formular um programma de ensino. Compunha-se este de vinte capitulos, nos quaes entravam as noções geraes do universo, uma definição da vida, demonstração da existencia do homem e da mulher, organisação das sociedades, definição e ana-

lyse das paixões, definição e analyse do amor, suas causas, necessidades e effeitos. Em verdade, as materias eram crespas; elle entendeu tornal-as doceis, tratando-as em phrase corriqueira e chã, dando-lhes um tom puramente familiar, como a astronomia de Fontenelle. E dizia com emphasis que o essencial da fructa era o miolo, não a casca.

Tudo isso era engenhoso; mas aqui vai o mais engenhoso. Não os convidou a aprender. Uma noite, olhando para o céo, disse que as estrellas estavam brilhando muito; e o que eram as estrellas ? acaso sabiam elles o que eram as estrellas ?

— Não senhor.

D'aqui a iniciar uma descripção do universo era um passo. Fulgencio deu o passo, com tal presteza e naturalidade, que os deixou encantados e elles pediram a viagem toda.

— Não, disse o velho; não esgotemos tudo hoje, nem isto se entende bem se não de vagar; amanhã ou depois...

Foi assim, sorrateiramente, que elle começou a executar o plano. Os dois alumnos, assombrados com o mundo astronomico, pediam-lhe todos os dias que continuasse, e, posto que no fim dessa primeira parte Caetaninha ficasse um tanto confusa, ainda assim

quiz ouvir as outras cousas que o padrinho lhe prometteu.

Não digo nada da familiaridade entre os dois alumnos, por ser cousa obvia. Entre quatorze e quinze annos a differença é tão pequena, que os portadores das duas edades, não tinha mais que dar a mão um ao outro. Foi o que aconteceu.

No fim de tres semanas pareciam ter sido criados juntos. Só isto bastava a mudar a vida de Caetaninha; mas Raymundo trouxe-lhe mais. Não ha dez minutos, vimol-a olhar com saudade as cavalgadas de homens e damas que passavam na estrada. Raymundo matou-lhe a saudade, ensinando-lhe a montaria, apezar da relutancia do velho, que temia algum desastre; mas este cedeu e alugou dois cavallos. Caetaninha mandou fazer uma linda amazona, Raymundo veiu á cidade comprar-lhe as luvas e um chicotinho, com o dinheiro do tio —já se sabe— que tambem lhe deu as botas e o demais apparelho masculino. D'ahi a pouco era um gosto vel-os ambos, galhardos e intrepidos, abaixo e acima da montanha.

Em casa, brincavam á larga, jogavam damas e cartas, cuidavam de aves e plantas. Brigavam muita vez; mas, segundo as mucamas, eram brigas de mentira, só para fazerem as pazes depois. Era o pico do

arrufo. Raymundo vinha ás vezes á cidade, a mandado do tio. Caetaninha ia esperal-o ao portão, espiando anciosa. Quando elle chegava, brigavam, porque ella queria tirar-lhe os maiores embrulhos, a pretexto de que elle vinha cançado, e elle queria dar-lhe os mais leves, allegando que ella era fraquinha.

No fim de quatro mezes, a vida era totalmente outra. Póde-se até dizer que só então é que Caetaninha começou a usar rosas no cabello. Antes d'isso vinha muita vez despenteada para a mesa do almoço. Agora, não só se penteava logo cedo, mas até, como digo, trazia rosas, uma ou duas; estas eram, ou colhidas na vespera, por ella mesma, e guardadas em agua, ou na propria manhã, por elle, que ia levar-lh'as á janella. A janella era alta; mas Raymundo, pondo-se na ponta dos pés, e levantando o braço, conseguia dar-lhe as rosas em mão. Foi por esse tempo que elle adquiriu o séstro de mortificar o buço, puchando-o muito de um e outro lado. Caetaninha chegava a bater-lhe nos dedos, para lhe tirar tão máo costume.

Entretanto, as licções continuavam regularmente. Já tinham uma idéa geral do universo, e uma definição da vida, que nenhum d'elles entendeu. Assim chegaram ao quinto mez. No sexto, começou a de-

monstração da existencia do homem. Caetaninha não pôde suster o riso, quando o padrinho, expondo a materia, perguntou-lhes se elles sabiam que existiam e porque; mas ficou logo séria, e respondeu que não.

— Nem você?

— Nem eu, não, senhor, concordou o sobrinho,

Fulgencio iniciou uma demonstração em regra, profundamente cartesiana. A seguinte licção foi na chacara. Chovera muito nos dias anteriores; mas o sol agora alagava tudo de luz, e a chacara parecia uma linda viuva, que troca o véo do luto pelo do noivado. Raymundo, como se quizesse copiar o sol, (copiam-se naturalmente os grandes) despedia das pupillas um olhar vasto e longo, que Caetaninha recebia, palpitando, como a chacara. Fusão, transfusão, diffusão, confusão e profusão de seres e de cousas.

Emquanto o velho fallava, recto, logico, vagaroso, curtido de formulas, com os olhos fixos em parte nenhuma, os dous alumnos faziam trinta mil esforços para escutal-o, mas vinham trinta mil incidentes distrahil-os. Foi a principio um casal de borboletas que brincavam no ar. Façam-me o favor de dizer o que é que póde haver extraordinario n'um casal de borboletas? Concordo que eram amarellas, mas esta circumstancia não basta a explicar a distracção. O facto

de voarem uma atraz da outra, ora á direita, ora á esquerda, ora abaixo, ora acima, tambem não dá a razão do desvio, visto que nunca as borboletas voaram em linha recta, como simples militares.

— O entendimento, dizia o velho, o entendimento, segundo eu já expliquei...

Raymundo olhou para Caetaninha, e achou-a olhando para elle. Um e outro pareciam confusos e acanhados. Ella foi a primeira que baixou os olhos ao regaço. Depois, levantou-os, afim de os levar a outra parte, mais remota, o muro da chacara; na passagem como os de Raymundo ali estivessem, ella encarou-os o mais rapidamente que pôde. Felizmente, o muro apresentava um expectaculo que a encheu de admiração: um casal de andorinhas (era o dia dos casaes) saltitava n'elle, com a graça peculiar ás pessoas aladas. Saltitavam piando, dizendo cousas uma á outra, o que quer que fosse, talvez isto—que era bem bom não haver philosophia nos muros das chacaras. Se não quando, uma d'ellas voou, provavelmente a dama, e a outra, naturalmente o garção, não se deixou ficar atraz: esticou as azas e seguiu o mesmo caminho. Caetaninha desceu os olhos á gramma do chão.

Quando a licção acabou, d'ahi a alguns minutos,

ella pediu ao padrinho que continuasse, e, recusando este, tomou-lhe o braço e convidou-o a dar um giro na chacara.

— Está muito sol, contestou o velho.

— Vamos pela sombra.

— Faz muito calor.

Caetaninha propoz irem continuar na varanda; mas o padrinho disse-lhe mysteriosamente que Roma não se fez n'um dia, e acabou declarando que só dois dias depois continuaria a licção. Caetaninha recolheu-se ao quarto, esteve ali tres quartos de hora fechada, sentada, á janella, de um lado para outro, procurando as cousas que tinha na mão, e chegando ao cumulo de ver-se a si mesma, cavalgando, estrada acima, ao lado de Raymundo. De uma vez aconteceu-lhe ver o rapaz no muro da chacara; mas attentou bem, reconheceu que era um par de bezouros que zumbiam no ar. E dizia um d'elles ao outro:

— Tu és a flor da nossa raça, a flor do ar, a flor das flôres, o sol e a lua da minha vida.

Ao que respondia o outro:

— Ninguem te vence na belleza e na graça; o teu zumbir é um éco das fallas divinas; mas, deixa-me... deixa-me...

— Porque deixar-te, alma d'estes bosques?

— Já te disse, rei dos ares puros, deixa-me.

— Não me falles assim, feitiço e gala das mattas. Tudo por cima e em volta de nós está dizendo que me deves fallar de outra maneira. Conheces a cantiga dos mysterios azues ?

— Vamos ouvil-a nas folhas verdes da larangeira.

— As da mangueira são mais bonitas.

— Tu és mais linda que umas e outras.

— E tu, sol da minha vida ?

— Lua do meu ser, eu sou o que tu quizeres...

Era assim que os dous bezouros fallavam. Ella ouviu-os scismando. Como elles desapparecessem, ella entrou, viu as horas e saiu do quarto. Raymundo estava fóra; ella foi esperal-o ao portão, dez, vinte, trinta, quarenta, cincoenta minutos. Na volta disseram pouco; uniram-se e separaram-se duas ou tres vezes. Da ultima vez foi ella que o trouxe á varanda, para mostrar-lhe um enfeite que julgava perdido e acabava de achar. Façam-lhe a justiça de crer que era pura mentira. Entretanto, Fulgencio antecipou a licção; deu-a no dia seguinte, entre o almoço e o jantar. Nunca a palavra lhe saiu tão limpida e singella. E assim devia ser; tratava-se da existencia do homem, capitulo profundamente methaphysico, em que era preciso considerar tudo e por todos os lados.

— Estão entendendo ? perguntava elle.

— Perfeitamente.

E a licção seguiu até o fim. No fim, deu-se a mesma cousa da vespera ; Caetaninha, como se tivesse medo de ficar só, pediu-lhe para continuar ou passear; elle recusou uma e outra cousa, bateu-lhe paternalmente na cara, e foi encerrar-se no gabinete.

— Para a semana, pensava o velho doutor, dando volta á chave, para a semana entro na organisação das sociedades ; todo o mez que vem e o outro é para a definição e classificação das paixões ; em maio, passaremos ao amor... já será tempo...

Emquanto elle dizia isto, e fechava a porta, alguma cousa resoava do lado da varanda — um trovão de beijos, segundo disseram as lagartas da chacara ; mas, para as lagartas qualquer pequeno rumor vale um trovão. Quanto aos auctores do ruido nada positivo se sabe. Parece que um maribondo, vendo Caetaninha e Raymundo unidos n'essa occasião, concluiu da coincidencia para a consequencia, e entendeu que eram elles ; mas um velho gafanhoto demonstrou a inanidade do fundamento, allegando que ouvira muitos beijos, outr'ora, em logares onde nem Raymundo nem Caetaninha puzera os pés. Convenhamos que este outro argumento não prestava para nada ; mas, tal é o

prestigio de um bom caracter, que o gafanhoto foi acclamado como tendo ainda uma vez defendido a verdade e a razão. E d'ahi pode ser que fosse assim mesmo. Mas um trovão de beijos? Supponhamos dous; supponhamos tres ou quatro.

FIM DA EX CATHEDRA.

A SENHORA DO GALVÃO

Começaram a rosnar dos amores d'este advogado com a viuva do brigadeiro, quando elles não tinham ainda passado dos primeiros obsequios. Assim vai o mundo. Assim se fazem algumas reputações más, e, o que parece absurdo, algumas boas. Com effeito, ha vidas que só têm prologo; mas toda a gente falla do grande livro que se lhe segue, e o autor morre com as folhas em branco. No presente caso, as folhas escreveram-se, formando todas um grosso volume de tresentas paginas compactas, sem contar as notas. Estas foram postas no fim, não para esclarecer, mas para recordar os capitulos passados; tal é o methodo n'esses livros de collaboração. Mas a verdade é que elles apenas combinavam no plano, quando a mulher do advogado recebeu este bilhete anonymo:

« Não é possivel que a senhora se deixe embair mais tempo, tão escandalosamente, por uma de suas

amigas, que se consola da viuvez, seduzindo os maridos alheios, quando bastava conservar os cachos. . .»

Que cachos? Maria Olympia não perguntou que cachos eram; eram da viuva do brigadeiro, que os trazia por gosto, e não por moda. Creio que isto se passou em 1853. Maria Olympia leu e releu o bilhete; examinou a lettra, que lhe pareceu de mulher e disfarçada, e percorreu mentalmente a primeira linha das suas amigas, a ver se descobria a autora. Não descobriu nada, dobrou o papel e fitou o tapete do chão, cahindo-lhe os olhos justamente no ponto do desenho em que dous pombinhos ensinavam um ao outro a maneira de fazer de dous bicos um bico. Ha d'essas ironias do acaso, que dão vontade de destruir o universo. Afinal metteu o bilhete no vestido, e encarou a mucama, que esperava por ella, e que lhe perguntou:

— Nhanhã não quer mais ver o chale?

Maria Olympia pegou no chale, que a mucama lhe dava e foi pol-o aos hombros, defronte do espelho. Achou que lhe ficava bem, muito melhor que á viuva. Cotejou as suas graças com as da outra. Nem os olhos nem a bocca eram comparaveis; a viuva tinha os hombros estreitinhos, a cabeça grande, e o andar feio. Era alta; mas que tinha ser alta? E os

trinta e cinco annos de edade, mais nove que ella? Emquanto fazia essas reflexões, ia compondo, pregando e despregando o chale.

— Este parece melhor, que o outro, aventurou a mucama.

— Não sei... disse a senhora, chegando-se mais para a janella, com os dous nas mãos.

— Bota o outro, nhanhã.

A nhanhã obdeceu. Experimentou cinco chales dos dez que alli estavam, em caixas, vindos de uma loja da rua da Ajuda. Concluiu que os dois primeiros eram os melhores; mas aqui surgiu uma complicação — minima, realmente — mas tão subtil e profunda na solução, que não vacillo em recommendal-a aos nossos pensadores de 1906. A questão era saber qual dos dois chales escolheria, uma vez que o marido, recente advogado, pedia-lhe que fosse economica. Contemplava-os alternadamente, e ora preferia um, ora outro. De repente, lembrou-lhe a aleivosia do marido, a necessidade de mortifical-o, castigal-o, mostrar-lhe que não era peteca de ninguem, nem maltrapilha; e, de raiva, comprou ambos os chales.

Ao bater das quatro horas (era a hora do marido) nada de marido. Nem ás quatro, nem ás quatro e meia. Maria Olympia imaginava uma porção de

cousas aborrecidas, ia á janella, tornava a entrar, temia um desastre ou doença repentina; pensou tambem que fosse uma sessão do jury. Cinco horas, e nada. Os cachos da viuva tambem negrejavam diante d'ella, entre a doença e o jury, com uns tons de azul-ferrete, que era provavelmente a côr do diabo. Realmente era para exhaurir a paciencia de uma moça de vinte e seis annos. Vinte e seis annos; não tinha mais. Era filha de um deputado do tempo da Regencia, que a deixou menina; e foi uma tia que a educou com muita distincção. A tia não a levou muito cedo a bailes e expectaculos. Era religiosa, conduziu-a primeiro á egreja. Maria Olympia tinha a vocação da vida exterior, e, nas procissões e missas cantadas, gostava principalmente do rumor, da pompa; a devoção era sincera, tibia e distrahida. A primeira cousa que ella via na tribuna das egrejas, era a si mesma. Tinha um gosto particular em olhar de cima para baixo, fitar a multidão das mulheres ajoelhadas ou sentadas, e os rapazes, que, por baixo do coro ou nas portas lateraes, temperavam com attitudes namoradas as ceremonias latinas. Não entendia os sermões; o resto, porém, orchestra, canto, flores, luzes, sanefas, ouros, gentes, tudo exercia n'ella um singular feitiço. Magra devoção, que escasseou ainda mais com

o primeiro expectaculo e o primeiro baile. Não alcançou a Candiani, mas ouviu a Ida Edelvira, dansou á larga, e ganhou fama de elegante.

Eram cinco horas e meia, quando o Galvão chegou. Maria Olympia, que então passeava na sala, tão depressa lhe ouviu os pés, fez o que faria qualquer outra senhora na mesma situação: pegou de um jornal de modas, e sentou-se, lendo, com um grande ar de pouco caso. Galvão entrou offegante, risonho, cheio de carinhos, perguntando-lhe se estava zangada, e jurando que tinha um motivo para a demora, um motivo que ella havia de agradecer, se soubesse...

— Não é preciso, interrompeu ella friamente.

Levantou-se; foram jantar. Fallaram pouco; ella menos que elle, mas em todo o caso, sem parecer magoada. Póde ser que entrasse a duvidar da carta anonyma; póde ser tambem que os dous chales lhe pesassem na consciencia. No fim do jantar, Galvão explicou a demora; tinha ido, a pé, ao theatro Provisorio, comprar um camarote para essa noite: davam os *Lombardos*. De lá, na volta, foi encommendar um carro...

Os *Lombardos?* interrompeu Maria Olympia.

— Sim; canta o Laboceta, canta a Jacobson; ha bailado. Você nunca ouviu os *Lombardos?*

— Nunca.

— E ahi está porque me demorei. Que é que você merecia agora? Merecia que eu lhe cortasse a ponta d'esse narizinho arrebitado...

Como elle acompanhasse o dito com um gesto, ella recuou a cabeça; depois acabou de tomar o café. Tenhamos pena da alma d'esta moça. Os primeiros accórdes dos *Lombardos* ecoavam n'ella, emquanto a carta anonyma lhe trazia uma nota lugubre, especie de *Requiem*. E porque é que a carta não seria uma calumnia? Naturalmente não era outra cousa: alguma invenção de inimigas, ou para affligil-a, ou para fazel-os brigar. Era isto mesmo. Entretanto, uma vez que estava avisada, não os perderia de vista. Aqui acudiu-lhe uma idéa: consultou o marido se mandaria convidar a viuva.

— Não, respondeu elle; o carro só tem dois logares, e eu não hei de ir na boléa.

Maria Olympia sorriu de contente, e levantou-se. Ha muito tempo que tinha vontade de ouvir os *Lombardos*. Vamos aos *Lombardos*! Trá, lá, lá, lá... Meia hora depois foi vestir-se. Galvão, quando a viu prompta d'ahi a pouco, ficou encantado. Minha mulher é linda, pensou elle; e fez um gesto para estreital-a ao peito; mas a mulher recuou, pedindo

lhe que não a amarrotasse. E, como elle, por umas velleidades de camareiro, pretendeu concertar-lhe a pluma do cabello, ella disse-lhe enfastiada:

—Deixa, Eduardo! Já veiu o carro?

Entraram no carro e seguiram para o theatro. Quem é que estava no camarote contiguo ao d'elles? Justamente a viuva e a mãe. Esta coincidencia, filha do acaso, podia fazer crer algum ajuste prévio. Maria Olympia chegou a suspeital-o; mas a sensação da entrada não lhe deu tempo de examinar a suspeita. Toda a sala voltara-se para vel-a, e ella bebeu, a tragos demorados, o leite da admiração publica. Demais, o marido teve a inspiração machiavelica de lhe dizer ao ouvido: « Antes a mandasses convidar; ficava-nos devendo o favor. » Qualquer suspeita cahiria diante d'esta palavra. Comtudo,ella cuidou de os não perder de vista—e renovou a resolução de cinco em cinco minutos, durante meia hora, até que, não podendo fixar a attenção, deixou-a andar. Lá vae ella, inquieta, vai direito ao clarão das luzes, ao explendor dos vestuarios, um pouco á opera, como pedindo a todas as cousas alguma sensação deleitosa em que se espreguice uma alma fria e pessoal. E volta depois á propria dona, ao seu leque, ás suas luvas, aos adornos do vestido, realmente magnifico·

Nos intervallos, conversando com a viuva, Maria Olympia tinha a voz e os gestos do costume, sem calculo, sem esforço, sem sentimento, esquecida da carta. Justamente nos intervallos é que o marido, com uma discrição rara entre os filhos dos homens, ia para os corredores ou para o saguão pedir noticias do ministerio.

Juntas sahiram do camarote, no fim, e atravessaram os corredores. A modestia com que a viuva trajava podia realçar a magnificencia da amiga. As feições, porém, não eram o que esta affirmou, quando ensaiava os chales de manhã. Não, senhor; eram engraçadas, e tinham um certo pico original. Os hombros proporcionaes e bonitos. Não contava trinta e cinco annos, mas trinta e um; nasceu em 1822, na vespera da independencia, tanto que o pae, por brincadeira, entrou a chamal-a Ypiranga, e ficou-lhe esta alcunha entre as amigas. Demais, lá estava em Santa Rita o assentamento de baptismo.

Uma semana depois, recebeu Maria Olympia outra carta anonyma. Era mais longa e explicita. Vieram outras, uma por semana, durante tres mezes. Maria Olympia leu as primeiras com algum aborrecimento; as seguintes foram callejando a sensibilidade. Não havia duvida que o marido

demorava-se fóra, muitas vezes, ao contrario do que fazia d'antes, ou sahia á noite e regressava tarde; mas, segundo dizia, gastava o tempo no Wallerstein ou no Bernardo, em palestras politicas. E isto era verdade, uma verdade de cincò a dez minutos, o tempo necessario para recolher alguma anecdota ou novidade, que pudesse repetir em casa, á laia de documento. D'alli seguia para o largo de S. Francisco, e mettia-se no omnibus.

Tudo era verdade. E, comtudo, ella continuava a não crêr nas cartas. Ultimamente, não se dava mais ao trabalho de as refutar comsigo; lia-as uma só vez, e rasgava-as. Com o tempo foram surgindo alguns indicios menos vagos, pouco a pouco, ao modo do apparecimento da terra aos navegantes; mas este Colombo teimava em não crêr na America. Negava o que via; não podendo negal-o, interpretava-o; depois recordava algum caso de allucinação, uma anecdota de apparencias illusorias,e n'esse travesseiro commodo e molle punha a cabeça e dormia. Já então, prosperando-lhe o escriptorio, dava o Galvão partidas e jantares, iam a bailes, theatros, corridas de cavallos. Maria Olympia vivia alegre, radiante; começava a ser um dos nomes da moda. E andava muita vez, com a viuva, a despeito das cartas, a tal ponto que

uma d'estas lhe dizia: « Parece que é melhor não escrever mais, uma vez que a senhora se regala n'uma n'uma comborçaria de máu gosto. » Que era comborçaria? Maria Olympia quiz perguntal-o ao marido, mas esqueceu o termo, e não pensou mais n'isso.

Entretanto, constou ao marido que a mulher recebia cartas pelo correio. Cartas de quem? Esta noticia foi um golpe duro e inesperado. Galvão examinou de memoria as pessoas que lhe frequentavam a casa, as que podiam encontral-a em theatros ou bailes, e achou muitas figuras verosimeis. Em verdade, não lhe faltavam adoradores.

— Cartas de quem? repetia elle mordendo o beiço e franzindo a testa.

Durante sete dias passou uma vida inquieta e aborrecida, espiando a mulher e gastando em casa grande parte do tempo. No oitavo dia, veiu uma carta.

— Para mim? disse elle vivamente.

— Não; é para mim, respondeu Maria Olympia, lendo o sobrescripto; parece letra de Mariana ou de Lulú Fontoura...

Não queria lel-a; mas o marido disse que a lesse; podia ser alguma noticia grave. Maria Olympia leu a carta e dobrou-a, sorrindo; ia guardal-a, quando o marido desejou ver o que era.

—Você sorriu, disse elle gracejando; ha de ser algum epigramma commigo.

— Qual! é um negocio de moldes.

— Mas deixa ver.

— Para que, Eduardo?

— Que tem? Você, que não quer mostrar, por algum motivo ha de ser. De cá.

Ja não sorria; tinha a voz tremula. Ella ainda recusou a carta, uma, duas, tres vezes. Teve mesmo idéia de rasgal-a, mas era peior, e não conseguiria fazel-o até o fim. Realmente, era uma situação original. Quando ella viu que não tinha remedio, determinou ceder. Que melhor occasião para ler no rosto d'elle a expressão da verdade? A carta era das mais explicitas; fallava da viuva em termos crús. Maria Olympia entregou-lh'a.

— Não queria mostrar esta, disse-lhe ella primeiro, como não mostrei outras que tenho recebido e botado fóra; são tolices, intrigas, que andam fazendo para... Leia, leia a carta.

Galvão abriu a carta e deitou-lhe os olhos avidos. Ella enterrou a cabeça na cintura, para ver de perto a franja do vestido. Não o viu empallidecer. Quando elle, depois de alguns minutos, proferiu duas ou tres palavras, tinha já a physionomia composta e um

esboço de sorriso. Mas a mulher, que o não adivinhava, respondeu ainda de cabeça baixa ; só a levantou d'ahi a tres ou quatro minutos, e não para fital-o de uma vez, mas aos pedaços, como se temesse descobrir-lhe nos olhos a confirmação do anonymo. Vendo-lhe, ao contrario, um sorriso, achou que era o da innocencia, e fallou de outra cousa.

Redobraram as cautelas do marido ; parece tambem que elle não pôde esquivar-se a um tal ou qual sentimento de admiração para com a mulher. Pela sua parte, a viuva, tendo noticia das cartas, sentiu-se envergonhada ; mas reagiu depressa, e requintou de maneiras affectuosas com a amiga.

Na segunda ou terceira semana de agosto, Galvão fez-se socio do Cassino fluminense. Era um dos sonhos da mulher. A seis de setembro fazia annos a viuva, como sabemos. Na vespera, foi Maria Olympia (com a tia que chegara de fóra), comprar-lhe um mimo : era uso entre ellas. Comprou-lhe um annel. Viu na mesma casa uma joia engraçada, uma meia lua de diamantes para o cabello, emblema de Diana, que lhe iria muito bem sobre a testa. De Mahomet que fosse ; todo o emblema de diamantes é christão. Maria Olympia pensou naturalmente na primeira noite do Cassino ; e a tia, vendo-lhe o

desejo, quiz comprar a joia, mas era tarde, estava vendida.

Veiu a noite do baile. Maria Olympia subiu commovida as escadas do Cassino. Pessoas que a conheceram n'aquelle tempo, dizem que o que ella achava na vida exterior, era a sensação de uma grande caricia publica, a distancia; era a sua maneira de ser amada. Entrando no Cassino, ia recolher nova copia de admirações, e não se enganou, porque ellas vieram, e de fina casta.

Foi pelas dez horas e meia que a viuva ali appareceu. Estava realmente bella, trajada a primor, tendo na cabeça a meia lua de diamantes. Ficava-lhe bem o diabo da joia, com as duas pontas para cima, emergindo do cabello negro. Toda a gente admirou sempre a viuva n'aquelle salão. Tinha muitas amigas, mais ou menos intimas, não poucos adoradores, e possuia um genero de espirito que espertava com as grandes luzes. Certo secretario de legação não cessava de a recommendar aos diplomatas novos: « *Causez avec Mme. Tavares; c'est adorable !* » Assim era nas outras noites; assim foi n'esta.

— Hoje quasi não tenho tido tempo de estar com você, disse ella a Maria Olympia, perto de meia-noite.

— Naturalmente, disse a outra abrindo e fechando o leque ; e, depois de humedecer os labios, como para chamar a elles todo o veneno que tinha no coração :
— Ypiranga, você está hoje uma viuva deliciosa... Vem seduzir mais algum marido ?

A viuva empalideceu, e não pode dizer nada. Maria Olympia accrescentou, com os olhos, alguma cousa que a humilhasse bem, que lhe respingasse lama no triumpho. Já no resto da noite fallaram pouco ; trez dias depois romperam para nunca mais.

FIM DA SENHORA DO GALVÃO.

AS ACADEMIAS DE SIÃO

Conhecem as academias de Sião? Bem sei que em Sião nunca houve academias: mas supponhamos que sim, e que eram quatro, e escutem-me.

I

As estrellas, quando viam subir, atravez da noite, muitos vagalumes côr de leite, costumavam dizer que eram os suspiros do rei de Sião, que se divertia com as suas trezentas concubinas. E, piscando o olho umas ás outras, perguntavam:

— Reaes suspiros, em que é que se occupa esta noite o lindo Kalaphangko?

Ao que os vagalumes respondiam com gravidade:

— Nós somos os pensamentos sublimes das quatro academias de Sião; trazemos comnosco toda a sabedoria do universo.

Uma noite, foram em tal quantidade os vagalumes, que as estrellas, de medrosas, refugiaram-se nas alcovas, e elles tomaram conta de uma parte do espaço, onde se fixaram para sempre com o nome de via-lactea.

Deu logar a essa enorme ascenção de pensamentos o facto de quererem as quatro academias de Sião resolver este singular problema: — porque é que ha homens femininos e mulheres masculas? E o que as induziu a isso foi a indole do joven rei. Kalaphangko era virtualmente uma dama. Tudo n'elle respirava a mais exquisita feminidade: tinha os olhos doces, a voz argentina, attitudes molles e obedientes e um cordial horror ás armas. Os guerreiros siamezes gemiam, mas a nação vivia alegre, tudo eram dansas, comedias e cantigas, á maneira do rei que não cuidava de outra cousa. D'ahi a illusão das estrellas.

Vai senão quando, uma das academias achou esta solução ao problema:

— Umas almas são masculinas, outras femininas. A anomalia que se observa é uma questão de corpos errados.

— Nego, bradaram as outras tres; a alma é neutra; nada tem com o contraste exterior.

Não foi preciso mais para que as vielas e aguas de Bangkok se tingissem de sangue academico. Veiu primeiramente a controversia, depois a descompostura, e finalmente a pancada. No principio da descompostura tudo andou menos mal; nenhuma das rivaes arremessou um improperio que não fosse escrupulosamente derivado do sanscrito, que era a lingua academica, o latim de Sião. Mas d'alli em diante perderam a vergonha. A rivalidade desgrenhou-se, pôz as mãos na cintura, baixou á lama, á pedrada, ao murro, ao gesto vil, até que a academia sexual, exasperada, resolveu dar cabo das outras, e organisou um plano sinistro... Ventos que passaes, se quizesseis levar comvosco estas folhas de papel, para que eu não contasse a tragedia de Sião! Custa-me (ai de mim!), custa-me escrever a singular desforra. Os academicos armaram-se em segredo, e foram ter com os outros, justamente quando estes, curvados sobre o famoso problema, faziam subir ao céu uma nuvem de vagalumes. Nem preambulo, nem piedade. Cahiram-lhe em cima espumando de raiva. Os que puderam fugir, não fugiram por muitas horas; porseguidos e attacados, morreram na beira do rio, a bordo das lanchas, ou nas vielas escusas. Ao todo, trinta e oito cadaveres. Cortaram uma

orelha aos principaes, e fizeram d'ellas collar e braceletes para o presidente vencedor, o sublime U-Tong. Ebrios da victoria, celebraram o feito com um grande festim, no qual cantaram este hymno magnifico: « Gloria a nós, que somos o arroz da sciencia e a luminaria do universo ».

A cidade acordou estupefacta. O terror apoderou-se da multidão. Ninguem podia absolver uma acção tão crúa e feia; alguns chegavam mesmo a duvidar do que viam... Uma só pessoa approvou tudo: foi a bella Kinnara, a flôr das concubinas regias.

II

Mollemente deitado aos pés da bella Kinnara, o joven rei pedia-lhe uma cantiga.

— Não dou outra cantiga que não seja esta: creio na alma sexual.

— Crês no absurdo, Kinnara.

— Vossa Magestade crê então na alma neutra?

— Outro absurdo, Kinnara. Não, não creio na alma neutra, nem na alma sexual.

— Mas então em que é que Vossa Magestade crê, se não crê em nenhuma d'ellas?

— Creio nos teus olhos, Kinnara, que são o sol e a luz do universo.

— Mas cumpre-lhe escolher :—ou crêr na alma neutra, e punir a academia viva, ou crêr na alma sexual, e absolvel-a.

— Que deliciosa que é a tua boca, minha doce Kinnara ! Creio na tua boca : é a fonte da sabedoria.

Kinnara levantou-se agitada. Assim como o rei era o homem feminino, ella era a mulher mascula —um bufalo com pennas de cysne. Era o bufalo que andava agora no aposento, mas d'ahi a pouco foi o cysne que parou, e, inclinando o pescoço, pediu e obeteve do rei, entre duas caricias, um decreto em que a doutrina da alma sexual foi declarada legitima e orthodoxa, e a outra absurda e perversa. N'esse mesmo dia, foi o decreto mandado á academia triumphante, aos pagodes, aos mandarins, a todo o reino. A academia poz luminarias ; restabeleceu-se a paz publica.

III

Entretanto, a bella Kinnara tinha um plano engenhoso e secreto. Uma noite, como o rei examinasse

alguns papeis do Estado, perguntou-lhe ella se os impostos eram pagos com pontualidade.

— *Ohimé* ! exclamou elle, repetindo essa palavra que lhe ficara de um missionario italiano. Poucos impostos têm sido pagos. Eu não quizera mandar cortar a cabeça aos contribuintes... Não, isso nunca... Sangue ? sangue ? não, não quero sangue...

— E se eu lhe der um remedio a tudo ?

— Qual?

— Vossa Magestade decretou que as almas eram femininas e masculinas, disse Kinnara depois de um beijo. Supponha que os nossos corpos estão trocados. Basta restituir cada alma ao corpo que lhe pertence. Troquemos os nossos . . .

Kalaphangko riu muito da idéa, e perguntou-lhe como é que fariam a troca. Ella respondeu que pelo methodo Mukunda, rei dos Hindus, que se metteu no cadaver de um brahamane, emquanto um truão se mettia no d'elle Mukunda, — velha lenda passada aos turcos, persas e christãos. Sim, mas a formula da invocação ? Kinnara declarou que a possuia; um velho bonzo achára copia d'ella nas ruinas de um templo.

— Valeu ?

— Não creio no meu proprio decreto, redarguiu

elle rindo; mas vá lá, se fôr verdade, troquemos... mas por um semestre não mais. No fim do semestre destrocaremos os corpos.

Ajustaram que seria n'essa mesma noite. Quando toda a cidade dormia, elles mandaram vir a piroga real, metteram-se dentro e deixaram-se ir á tôa. Nenhum dos remadores os via. Quando a aurora começo a apparecer, fustigando as vaccas rútilas, Kinnara proferiu a mysteriosa invocação; a alma desprendeu-se-lhe, e ficou pairando, á espera que o corpo do rei vagasse tambem. O d'ella cahira no tapete.

— Prompto? disse Kalaphangko.

— Prompto, aqui estou no ar esperando. Desculpe Vossa Magestade a indignidade da minha pessoa...

Mas a alma do rei não ouviu o resto. Lepida e scintilante, deixou o seu vaso physico e penetrou no corpo de Kinnara, emquanto a d'esta se apoderava do despojo real. Ambos os corpos ergueram-se e olharam um para o outro, imagine-se com que assombro. Era a situação do Buoso e da cobra, segundo conta o velho Dante; mas vede aqui a minha audacia. O poeta manda calar Ovidio e Lucano, por achar que a sua methamorphose vale mais

que a d'elles dous. Eu mando-os calar a todos tres. Buoso e a cobra não se encontram mais, ao passo que os meus dous heróes, uma vez trocados continuam a fallar e a viver juntos—cousa evidente mais dantesca, em que me peze á modestia.

— Realmente, disse Kalaphangko, isto de olhar para mim mesmo e dar-me magestade é exquisito. Vossa Magestade não sente a mesma cousa?

Um e outro estavam bem, como pessoas que acham finalmente uma casa adequada. Kalaphangko espreguiçava-se todo nas curvas femininas de Kinnara. Esta esteiriçava-se no tronco rijo de Kalaphangko. Sião tinha, finalmente, um rei.

IV

A primeira acção de Kalaphangko (d'aqui em diante entenda-se que é o corpo do rei com a alma de Kinnara, e Kinnara o corpo da bella siameza com a alma do Kalaphangko) foi nada menos que dar as maiores honrarias á academia sexual. Não elevou os seus membros ao mandarinato, pois eram mais homens de pensamento que de acção e administração, dados á philosophia e á litteratura, mas

decretou que todos se prosternassem diante d'elles, como é de uso aos mandarins. Além d'isso, fez-lhes grandes presentes, cousas raras ou de valia, crocodillos empalhados, cadeiras de marfim, apparelhos de esmeralda para almoço, diamantes, reliquias. A academia, grata a tantos beneficios, pediu mais o direito de usar officialmente o titulo de Claridade do Mundo, que lhe foi outorgado.

Feito isso, cuidou Kalaphangko da fazenda publica, da justiça, do culto e do ceremonial. A nação começou de sentir o peso grosso, para fallar como o excelso Camões, pois nada menos de onze contribuintes remissos foram logo decapitados. Naturalmente os outros, preferindo a cabeça ao dinheiro, correram a pagar as taxas, e tudo se regularisou. A justiça e a legislação tiveram grandes melhoras. Construiram-se novos pagodes; e a religião pareceu até ganhar outro impulso, desde que Kalaphangko,copiando as antigas artes hespanholas, mandou queimar uma duzia de pobres missionarios christãos que por lá andavam; acção que os bonzos da terra chamaram a perola do reinado.

Faltava uma guerra. Kalaphangko, com um pretexto mais ou menos diplomatico, atacou a outro reino, e fez a campanha mais breve e gloriosa do

seculo. Na volta a Bangkok, achou grandes festas esplendidas. Trezentos barcos, forrados de seda escarlate e azul, foram recebel-o. Cada um d'estes tinha na prôa um cysne ou um dragão de ouro, e era tripolado pela mais fina gente da cidade; musicas e acclamações atroaram os ares. De noite, acabadas as festas, sussurrou-lhe ao ouvido a bella concubina:

— Meu joven guerreiro, paga-me as saudades que curti na ausencia; dize-me que a melhor das festas é a tua meiga Kinnara.

Kalaphangko respondeu com um beijo.

— Os teus beiços têm o frio da morte ou do desdem, suspirou ella.

Era verdade, o rei estava distrahido e preoccupado; meditava uma tragedia. Ia-se approximando o termo do prazo em que deviam destrocar os corpos, e elle cuidava em illudir a clausula, matando a linda siameza. Hesitava por não saber se padeceria com a morte d'ella visto que o corpo era seu, ou mesmo se teria de succumbir tambem. Era esta a duvida de Kalaphangko; mas a idéa da morte sombreava-lhe a fronte, emquanto elle afagava ao peito um frasquinho com veneno, imitado dos Borgias.

De repente, pensou na douta academia; podia consultal-a, não claramente, mas por hypothese. Mandou

chamar os academicos; vieram todos menos o presidente, o illustre U-Tong, que estava enfermo. Eram treze; prosternaram-se e disseram ao modo de Sião:

— Nós, despreziveis palhas, corremos ao chamado de Kalaphangko.

— Erguei-vos, disse benevolamente o rei.

— O logar da poeira é o chão, teimaram elles com os cotovelos e joelhos em terra.

— Pois serei o vento que subleva a poeira, redarguiu Kalaphangko; e, com um gesto cheio de graça e tolerancia, estendeu-lhes as mãos.

Em seguida, começou a fallar de cousas diversas, para que o principal assumpto viesse de si mesmo; fallou nas ultimas noticias do occidente e nas leis de Manú. Referindo-se a U-Tong, perguntou-lhes se realmente era um grande sabio, como parecia; mas, vendo que mastigavam a resposta, ordenou-lhes que dissessem a verdade inteira. Com exemplar unanimidade, confessaram elles que U-Tong era um dos mais singulares estupidos do reino, espirito raso, sem valor, nada sabendo e incapaz de aprender nada. Kalaphangko estava pasmado. Um estupido?

— Custa-nos dizel-o, mas não é outra cousa; é um espirito raso e chocho. O coração é excellente, caracter puro, elevado...

Kalaphangko, quando voltou a si do espanto, mandou embora os academicos, sem lhes perguntar o que queria. Um estupido? Era mister tiral-o da cadeira sem molestal-o. Tres dias depois, U-Tong compareceu ao chamado do rei. Este perguntou-lhe carinhosamente pela saude; depois disse que queria mandar alguem ao Japão estudar uns documentos, negocio que só podia ser confiado a pessoa esclarecida. Qual dos seus collegas da academia lhe parecia idoneo para tal mister? Comprehende-se o plano artificioso do rei; era ouvir dois ou tres nomes, e concluir que a todos preferia o do proprio U-Tong; mais eis aqui o que este lhe respondeu:

— Real Senhor, perdoai a familiaridade da palavra: são treze camellos, com a differença que os camellos são modestos, e elles não; comparam-se ao sol e á lua. Mas, na verdade, nunca a lua nem o sol cobriram mais singulares pulhas do que esses treze... Comprehendo o assombro de Vossa Magestade; mas eu não seria digno de mim se não dissesse isto com lealdade, embora confidencialmente...

Kalaphangko tinha a boca aberta. Treze camellos? Treze, treze. U-Tong resalvou tão sómente o coração de todos, que declarou excellente; nada superior a elles pelo lado do caracter. Kalaphangko, com um

fino gesto de complacencia, despediu o sublime U-Tong, e ficou pensativo. Quaes fossem, as suas reflexões, não o soube ninguem. Sabe-se que elle mandou chamar os outros academicos, mas d'esta vez separadamente, afim de não dar na vista, e para obter maior expansão. O primeiro que chegou, ignorando aliás a opinião de U-Tong, confirmou-a integralmente, com a unica emenda de serem doze os camellos, ou treze, contando o proprio U-Tong. O segundo não teve opinião differente, nem o terceiro, nem os restantes academicos. Differiam no estylo; uns diziam camellos, outros usavam circumloquios e metaphoras, que vinham a dar na mesma cousa. E, entretanto, nenhuma injuria ao carcter moral das pessoas. Kalaphangko estava attonito.

Mas não foi esse o ultimo espanto do rei. Não podendo consultar a academia, tratou de deliberar por si, no que gastou dois dias, até que a linda Kinnara lhe segredou que era mãi. Esta noticia fel-o recuar do crime. Como destruir o vaso eleito da flôr que tinha de vir com a primavera proxima? Jurou ao céo e á terra que o filho havia de nascer e viver. Chegou ao fim do semestre; chegou o momento de destrocar os corpos.

Como da primeira vez, metteram-se no barco real, á noite, e deixaram-se ir aguas abaixo, ambos de

má vontade, saudosos do corpo que iam restituir um ao outro. Quando as vaccas scintillantes da madrugada começaram de pisar vagarosamente o céo, proferiram elles o formula mysteriosa, e cada alma foi devolvida ao corpo anterior. Kinnara, tornando ao seu, teve a commoção materna, como tivera a paterna, quando occupava o corpo de Kalaphangko. Parecia-lhe até que era ao mesmo tempo mãi e pai da creança.

— Pai e mãi? repetiu o principe restituido á fórma anterior.

Foram interrompidos por uma deleitosa musica, ao longe. Era algum junco ou piroga que subia o rio, pois a musica approximava-se rapidamente. Já então o sol alagava de luz as aguas e as margens verdes, dando ao quadro um tom de vida e renascença, que de algum modo fazia esquecer aos dous amantes a restituição psychica. E a musica vinha chegando, agora mais distincta, até que n'uma curva do rio, appareceu aos olhos de ambos um barco magnifico, adornado de plumas e flammulas. Vinham dentro os quatorze membros da academia (contando U-Tong) e todos em côro mandavam aos ares o velho hymno: « Gloria a nós, que somos o arroz da sciencia e a claridade do mundo »!

A bella Kinnara (antigo Kalaphangko) tinha os olhos esbogalhados de assombro. Não podia entender como é que quatorze varões reunidos em academia eram a claridade do mundo, e separadamente uma multidão de camellos. Kalaphangko consultado por ella, não achou explicação. Se alguem descobrir alguma, póde obsequiar uma das mais graciosas damas do Oriente, mandando-lh'a em carta fechada, e, para maior segurança, sobrescriptada ao nosso consul em Changai, China.

FIM DAS ACADEMIAS DE SIÃO.